



FACULDADE DE ARQUITECTURA
Universidade de Lisboa



Memória e Imanência na reabilitação do Convento/Hospital de Santa Marta

Adaptação a uma Escola de Gastronomia

Andreia Martins Cabanas
(Licenciada)

Dissertação/Projeto para a Obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura (Mestrado Integrado em Arquitetura)

Orientador Científico: Doutor Arquiteto José Aguiar
Co-Orientador: Arquiteto Carlos Lemonde de Macedo

Júri:
Presidente: Doutor Arquiteto Miguel Baptista-Bastos
Vogal: Doutor Arquiteto Paulo Pereira

Lisboa, Fevereiro 2014



FACULDADE DE ARQUITECTURA
Universidade de Lisboa

**Memória e imanência na reabilitação
do Convento/Hospital de Santa Marta
Adaptação a uma Escola de Gastronomia**

Andreia Martins Cabanas
(Licenciada)

Dissertação/Projeto para a obtenção
do Grau de Mestre em Arquitetura
(Mestrado Integrado em Arquitetura)

Orientador Científico: Doutor Arquiteto José Aguiar
Co -Orientador: Arquiteto Carlos Lemonde de Macedo

Júri:

Presidente: Doutor Arquiteto Miguel Baptista-Bastos
Vogal: Doutor Arquiteto Paulo Pereira

Lisboa, Fevereiro 2014

Resumo

No contexto do encerramento do Hospital de Santa Marta evidencia-se a importância da reflexão da futura ocupação do conjunto. Tratando-se de uma estrutura que no século XVI se desenvolveu como Convento, encontra-se hoje inserida num complexo tecido urbano consolidado, que a descontextualiza do meio envolvente.

No tema “Memória e Imanência” pretende-se, através da exploração dos conceitos do espírito do lugar e do tempo, refletir sobre os valores da salvaguarda e transformação na reabilitação do construído, a fim de constituir uma teoria de valor que apoie à reflexão do processo de pensar em projeto. Entendendo a reabilitação como uma manutenção do caráter das cidades, analisam-se os processos de salvaguarda e valorização da memória para a fortificação de uma identidade e, da imanência, como processo de transformação que evita a cristalização da arquitetura na história.

Ao incorporar a Escola de Gastronomia à história do conjunto arquitetónico, pretende-se valorizar as memórias Conventuais e Hospitalares, bem como transformá-la para uma solução que estabeleça maior relação entre as partes, acrescentando-lhe novos valores, tal como ao local onde se insere.

Palavras-Chave: Memória, Imanência, *Genius Loci*, *Zeltgeist*, Reabilitação.

Abstract

In the context of the closure of Santa Marta Hospital, the importance of understanding the future occupation of the entire set has been highlighted. Since the structure was developed in the XVI century as a Convent, it is nowadays decontextualized of the surrounding complex urban network.

By exploring the concepts of place and time's spirit, we intend, through *Memory and Immanence* theme, to reflect on rehabilitation's preservation and transformation values, in order to develop a theory of value that supports the project's reflection process.

Understanding rehabilitation as maintenance of the cities' character, we analyze memory processes' conservation and value, for an identity fortification, and immanence, as a transformation process that prevents architecture crystallization in history.

By incorporating the Gastronomy School into the architectural complex's history, we intended to cherish the Conventual and Hospital memories, as well as transform it into a solution that will establish a closer relationship between its players, adding new values, such as the place itself.

Keywords: Memory, Immanence, *Genius Loci*, *Zeitgeist*, Rehabilitation

Agradecimentos

Aos meus amigos por toda a ajuda prestada, gostaria de expressar a minha sincera gratidão. Em especial à Catarina que mesmo tendo o seu trabalho, sempre se disponibilizou e me ajudou.

Ao professor José Aguiar, Carlos Macedo e Pedro Pacheco, agradeço não só pela orientação, pelo apoio pela paciência mas sobretudo, por todas as conversas e todo o gosto e paixão pela arquitetura que me foi transmitido.

Ao Chef Fábio Bernardino por todas as visitas que fizemos, todo o conhecimento que me transmitiu e troca de ideias que tivemos ao longo do processo de projeto.

Ao Sr. António das oficinas, que só com o seu auxílio, pude concretizar a ideia de maquete que idealizámos.

Por fim, e não menos importante, agradeço à minha família...aos meus pais, aos meus irmãos, à Marta e aos meus avós... toda a paciência e compreensão que só eles conseguem ter em momentos de maior pressão, agradecendo-lhes ainda, toda a disponibilidade que me prestaram na fase final do trabalho.

...ao Dušan, pelo apoio incondicional nestes últimos meses e por toda a ajuda que me deu apesar de distante.

Índice

1. Introdução	1
2. Conceitos	5
2.1. <i>Genius Loci</i>	5
2.1.1 Sobre a definição	5
2.1.2. Espaço natural, espaço artificial	6
2.1.3. Análise do lugar	8
2.1.4. Identidade do lugar	9
2.1.5. A imagem e o <i>Genius Loci</i>	10
2.1.6. Sobre o novo entendimento do <i>Genius Loci</i>	12
2.2. <i>Zeitgeist</i>	15
2.2.1 Sobre a definição	15
2.2.2. <i>Zeitgeist</i> e Arquitetura	15
2.2.3 Sobre o <i>Zeitgeist</i> hoje	17
2.3 Permanência e transformação na arquitetura de reabilitação	23
2.3.1. Cidade como estrutura viva	24
2.3.2. Os monumentos como elementos primários	26
2.3.3. <i>Genius Loci</i> e <i>Zeitgeist</i>	27
3. Contexto de Santa Marta	31
3.1. A Colina de Sant'Ana e a Rua de Santa Marta	32
3.2. Cronologia	35
3.3. Reflexão sobre a memória de um património	40
3.3.1. O testemunho do convento	40
3.3.2. O testemunho do hospital	44
3.3.3. O lugar, as permanências e a transformação	46
4. O projeto da Escola de Gastronomia	49
4.1. Situação atual e oportunidades	49
4.2. O Convento, o Hospital e a Escola de Gastronomia	51
5. Considerações finais	59
6. Fontes Documentais	61
6.1. Bibliografia	61
6.2 Anexos	

Índice de imagens

Capa

Fotografia do autor

2. Conceitos

2.1. Genius Loci

- 1 - Percursos para o Castelo de Sintra, Portugal. 7
Fotografia de autor.
- 2 - Escadaria do Senhor de Bom Jesus em Braga, Portugal. 8
A pretensão da relação da arquitectura com o divino
In http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Treppenaufgang_Bom_Jesus_do_Monte.jpg
- 3 - Frank Lloyd Wright: Hanna House, California: a luz no interior do espaço 8
In Norberg-Schulz, Christian (1980). *Genius Loci. Towards a phenomenology of architecture*, Academy Editions, p. 192
- 4 - Frank Lloyd Wright, Robie House, Chicago: configuração do edifício no sentido longitudinal 8
In Norberg-Schulz, Christian (1980). *Genius Loci. Towards a phenomenology of architecture*, Academy Editions, p. 193
- 5 - Frank Lloyd Wright, Fallingwater, Pensilvânia, 1939 8
In <http://www.wright-house.com/frank-lloyd-wright/fallingwater-pictures/F1SW-fallingwater-in-fall.html>
- 6 - Mies Van Der Rohe, Casa Farnsworth, Estados Unidos, 1951 9
In <http://1.bp.blogspot.com/qeIJYHtwoL4/T1n23NXpQaI/AAAAAAAAAERM/ImWycRZ5ARE/s640/Mies+van+der+Rohe+.+Casa+Farnsworth+.+Illinois.JPG>
- 7 - Casas feitas de terra, na Tunísia. Espaços fechados para o exterior. 9
In Norberg-Schulz, Christian (1980). *Genius Loci. Towards a phenomenology of architecture*, Academy Editions, p. 66
- 8 - Vila Almeida, Portugal. Vila fortificada, entre as várias, a muralha da Praça de Almeida, construída entre o séc.XVII e XVIII. 10
In <http://www.portugalnotavel.com/wp-content/uploads/2010/08/Fortaleza-almeida.jpg>

9 - Tadao Ando, Water Templo, Japão, 1990-91. A relação da construção com o envolvente. <i>In</i> http://kwc.org/photos/media/Honpukuji/800w/Water%20Temple%20-%20Shingonshu%20Honpukuji%20-%20Tadao%20Ando-16.jpg	13
10 - Peter Zumthor, Capela Klaus, Alemanha, 2007 <i>In</i> Arquitectos, J. (2007). Peter Zumthor. <i>Jornal Arquitectos</i> 229, 43	13
11 - Álvaro Siza, Casa de Chá, Portugal, 1963 <i>In</i> http://adbr001cdn.archdaily.net/wpcontent/uploads/2012/01/1326222681_jr10_2.jpg	14
2.2. Zeitgeist	
12 - Michelangelo, Biblioteca Laurenziana, Itália, 1525 <i>In</i> http://www2.warwick.ac.uk/fac/arts/history/students/modules/hi274/laurenziana.jpg	16
13 - Le Corbusier, La Tourette, França, 1957 <i>In</i> http://buildlivegreen.wordpress.com/2010/03/	16
14 - Peter Eisenman, Ciudad de Cultura, Espanha, (em construção) <i>In</i> http://www.arcspace.com/CropUp/-/media/28111/3eisenman.jpg	18
15 - Frederick Law Olmsted e Calvert Vaux, Central Park de Manhattan, 1857 <i>In</i> https://www.icmmes.org/icmmes2014/images/NYC/central-park-01.jpg	19
16 - Rem Koolhaas, Casa da Música, Portugal, 2001 Obra que rompeu a linguagem arquitectónica da rotunda da Boavista e que hoje constitui um ícone na cidade do Porto. <i>In</i> http://www.e-architect.co.uk/images/jpgs/portugal/casa_musica_oma_220307_nicolasfirket2.jpg	19
17 - Frank Gehry, Lou Ruvo Center for Brain Health, Las Vegas, 2010 <i>In</i> http://static.dezeen.com/uploads/2010/06/dzn_Lou-Ruvo-Center-for-Brain-Health-by-Frank-Gehry-1.jpg	20
18 - Zaha Hadid, edifício Beko, Sérvia, (projeto) <i>In</i> http://theoryagainsttheory.files.wordpress.com/2012/06/for-belgrae-1.jpg?w=487	20
19 - Zaha Hadid, ilustração da sua reflexão <i>In</i> http://theoryagainsttheory.files.wordpress.com/2012/06/for-belgrae-1.jpg?w=487	21
20 - R.Venturi e D.Scott, "The duck and the decorated shed", 1970 <i>In</i> http://thepastrendered.files.wordpress.com/2011/08/robert-venturi-duck-vs-decorated-shed.jpg?w=500	22

2.3 Permanência e transformação na arquitetura da cidade

- 21 - Cidade de Palmanova, Itália. Persistência dos planos e vias. 24
In <http://megaconstrucciones.net/?construccion=palmanova>
- 22 - Ming Pei, Pirâmide do Louvre, França, 1989 24
In <http://www.cantodasideias.com/img/fotos/museu%20do%20louvre%2010.jpg>
- 23- Palácio da Razão Pádua, Itália. 25
A permanência do monumento e as adaptações programáticas
In http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/a/ab/Palazzo_della_Ragione_Padua_Fassade.jpg/800px-Palazzo_della_Ragione_Padua_Fassade.jpg
- 24 - Salzburg: os elementos primários 25
como pontos de referência num lugar.
In Norberg-Schulz, Christian (1980). *Genius Loci. Towards a phenomenology of architecture*, Academy Editions, p. 19
- 25 - Antonio Jiménez Torrecillas, Muralha Nazarí, Espanha, 2004. 28
O antigo e o novo.
Arquitectos, J. (2007). Muralha Nazarí, Granada. *Jornal Arquitectos* 229 , 91
- 26 - Peter Zumthor, Museu de Arte Kolumba, Alemanha, 2007 30
In Arquitectos, J. (2007). Peter Zumthor. *Jornal Arquitectos* 229 , 47

3. Contexto de Santa Marta

- 27 - Rua de Santa Marta 31
Arquivo FM Lisboa

3.1. A Colina de Sant'Ana e a Rua de Santa Marta

- 28 - O Claustro de Santa Marta 33
Fotografia de autor.
- 29 - Avenida da Liberdade, o acontecimento urbanístico 34
do séc. XIX (1879-1886).
CeliaPilão.pdf, Colina de Sant'Ana: viagens pela memória dos lugares
- 30 - Documento por Silva Pinto (1904-1911) 34
JAguar.pdf, Construir no Construído (na colina de Sant'Ana)
- 31 - Documento por Filipe Folque (1856-1958) 34
JAguar.pdf, Construir no Construído (na colina de Sant'Ana)

3.2. Cronologia

- 32 - Planta de Santa Marta. Neste diagrama é marcado 35
o que até 1630 já estava construído
Desenho de autor.

33 - Claustro	36
Fotografia de autor.	
34 - Sala do capítulo	37
Fotografias disponibilizadas por SIPA in http://www.monumentos.pt	
35 - Os dois blocos operatórios construídos na adaptação para hospital	38
Fotografias disponibilizadas por SIPA in http://www.monumentos.pt	
36 - Hospital de Santa Marta. Neste diagrama estão marcados os novos edifícios construídos na sua ocupação.	39
Desenho de autor.	
37 - Fachada da frente para a Rua de Santa Marta. Junto à igreja, o edifício construído em 1970.	39
Fotografias disponibilizadas por SIPA in http://www.monumentos.pt	

3.3. Reflexão sobre a memória de um património

38 - Vista do interior de uma das dependências do Claustro.	41
Fotografia de autor.	
39 - Planta do piso térreo do edifício do Convento – - Esquema programático (sem escala)	42
Desenho de autor.	
40 - Fotografia da fachada da igreja do séc.XVII	43
Fotografias disponibilizadas por SIPA in http://www.monumentos.pt	
41 - Plantas do actual Hospital de Santa Marta (esquema). A sépia a estrutura Conventual. A azul a estrutura Hospitalar	44
Desenho de autor.	
42 - Artigo de jornal sobre a visita do Presidente da República aos Hospitais de Lisboa.	45
In http://virtualmemories.blogspot.pt/2012/01/abertura-solene-da-universidade-de.html	
43 - Claustro	47
Fotografia de autor.	

4 . O projeto da Escola de Gastronomia

4.1. Situação atual e oportunidades

44 - Estudo das actividades do lugar envolvente	50
--	----

4.2. O Convento, o Hospital e a Escola de Gastronomia

45 - Corte longitudinal do projeto (esquemático)	51
Desenho de autor.	

46 - 1º Planta de Convento (1850); 2- Planta do Hospital (1910); 3- Diagrama "memória dos espaços"; 4- Diagrama "imanência nos espaços" Desenho de autor.	52
47 - Diagrama: a azul as demolições da proposta de projeto Desenho de autor.	53
48 - Desenho de perspectivas do edifício do mercado Desenho de autor.	54
49 - Desenho de perspectiva no acesso aos jardins dos sentidos Desenho de autor.	55
50 - Desenho de perspectiva do edifício de laboratórios Desenho de autor.	55
51 - Desenho de perspectiva do miradouro Desenho de autor.	56
52 - Desenho de perspectiva para os jardins Desenho de autor.	56
53- Diagrama com os novos edifícios a vermelho e as ligações que estabelecem Desenho de autor.	57

1. Introdução

No contexto decorrente do encerramento dos hospitais da Colina de Sant'Ana, evidencia-se a importância da reflexão sobre o construído, sobre o pré-existente enquanto ponto de partida do pensamento da arquitetura, a disciplina capaz de salvaguardar e transformar o caráter de um lugar. A memória de um passado que é importante transpormos para o presente, aliada à transformação do lugar para a revitalização da cidade antiga. É neste contexto que o tema *Memória e imanência* surge, na reabilitação do Convento/Hospital de Santa Marta.

Situado a poente da colina de Sant'Ana, o lugar de estudo foi, no século XVI, ocupado pelo Convento de Santa Marta. Neste tempo, isolado entre hortas e pomares, provocou um grande impacto no desenvolvimento urbanístico de Lisboa, marcando as primeiras construções fora das muralhas, o desenho de arruamentos e vias. Decorridos cinco séculos, a cidade resulta hoje num heterogéneo tecido urbano, sobrepondo diversos tempos de construção. Hoje, adaptado para Hospital de Santa Marta, também este resulta de sucessivas e abusivas intervenções, bem como de várias transições programáticas que comprometeram as características constitutivas e construtivas do Convento.

É nesta problemática que surge o tema do trabalho, na reflexão sobre a nova ocupação, que volta a ter um papel decisivo no conjunto de Santa Marta e na Colina de Sant'Ana, atualmente conhecida como "Colina da Saúde".

Deste modo, entendendo a reabilitação como uma manutenção de caráter e memória coletiva da cidade, é relevante questionarmo-nos sobre como intervir em Santa Marta, procurando compreender o seu caráter individual, assim como a sua vivência presente, tanto ao nível da morfologia urbana, como do próprio edifício monumental.

A investigação teórica e a análise do lugar resultam na reflexão para o desenvolvimento do projeto de adaptação do lugar de Santa Marta a uma Escola de Gastronomia, que pretende responder às necessidades da cidade de hoje, de

forma a criar-se uma referência pública, de partilha e criação de ambiências urbanas, salvaguardando a memória e inovando o conjunto para a revitalizando da cidade antiga.

Explora-se o papel da arquitetura na construção da identidade do lugar e na constituição de uma ordem na cidade que, mesmo não representando uma arquitetura una consigo, nas várias intervenções, construir uma identidade do lugar, muito importante para a estabilidade psicológica do homem (Norberg-Schluz, 1980).

Considerando as premissas referidas, será que a reconversão de usos permitirá a reintrodução da estrutura antiga na vida ativa da sociedade? De que forma é expectável a preservação da memória de um lugar, enquadrando-a, simultaneamente, na atual cidade? De que forma poderá existir uma relação entre a reabilitação de diversos estratos históricos modificados no tempo e a inserção de uma arquitetura necessariamente contemporânea? O que é esperado para o futuro dos hospitais?

A resposta a estas e outras questões que vão sendo levantadas ao longo deste trabalho, é desenvolvida pela investigação e posterior reflexão crítica teórica, permitindo aprofundar uma hipótese de pensamento e, de seguida, uma experimentação através da prática do projeto, fundamental nos conceitos e ideais defendidos.

Neste sentido, o presente trabalho divide-se em três capítulos, correspondendo cada um deles a uma determinada fase do pensamento e processo da lógica seguida, onde se procura fazer a análise conducente ao entendimento do passado, uma reflexão sobre o presente e uma proposta para o futuro.

No primeiro capítulo, é feita uma investigação teórica sobre os conceitos do espírito do lugar, do espírito do tempo e do fenómeno das permanências, pretendendo-se constituir uma teoria de valor para o processo de pensar em arquitetura, enquanto operação sobre o construído.

O segundo capítulo contextualiza o projeto em estudo, sintetizando o passado e evolução do lugar até ao momento, através de um enquadramento histórico, arquitetónico e social do lugar. Desta forma, pretende-se melhor clarificar os seus valores passados, muitos perdidos, mas que apoiam a reflexão sobre a intervenção presente, sobre as valências programáticas e espaciais que a nova intervenção deve potencializar.

Por último, no terceiro capítulo, é feita uma análise sobre as possibilidades do novo programa, sendo apresentada a proposta de projeto, o qual pretende refletir sobre a valorização da história e da memória, melhorar a estrutura de forma a ser integrada no presente e constituir uma proposta para a continuação no futuro.

Desta forma, procura-se intervir na reafirmação do carácter do Convento/Hospital de Santa Marta, entendendo que se trata de mais uma participação na história deste lugar e que deve favorecer a transformação para a continuação da sua participação na dinamização e estruturação da cidade.

2. Conceitos

2.1. *Genius Loci*

*"Genius Loci é vida.
É vitalidade, pulso e batimento cardíaco.
Genius Loci está fluindo poder.*

*Genius Loci, portanto, não pode ser visível.
Tal como o vento, não pode ser visto.
Como a água, que não pode ser apreendida."*

Tadao Ando (2001, p.100)¹

2.1.1. Sobre a definição

Genius Loci é um termo que se traduz para "espírito do lugar" e significa, de acordo com Norberg-Schulz (1980, p.5), compreender cada lugar como único, contendo elementos que o caracterizam, o identificam e o distinguem de outros lugares. Para este autor, conseguir continuar o *Genius Loci* sem o comprometer, é de extrema importância para a estabilidade do Homem, para compreender, identificar e orientar-se num lugar. O sentimento de pertença a um lugar pressupõe a interiorização destes fatores, que serão mais fortes para o homem quanto mais característico o lugar for *"(...) para obter um sentido de pertença, o homem tem de ser capaz de se orientar, de saber onde está. Mas também tem de se identificar com o meio ambiente, ou seja, de saber quem ele é num determinado lugar"*².

Segundo o Seyffert (1904) e Smith (1867), a noção do conceito de espírito de lugar começou por ser desenvolvida pelos romanos. Os antigos romanos acreditavam que cada ser e cada lugar tinham este *genius*, um espírito guardião, que dava vida às pessoas e aos lugares, determinando o seu caráter.

¹Ando, T. (2001). *Genius Loci*. Revista *ANYWHERE*, p.100. Tradução livre do texto original:
*"Genius Loci is life.
It is vitality, pulse, and heartbeat.
Genius Loci is streaming power.*

*Genius Loci, thus, can't be made visible.
Like the wind, it can't be seen.
Like water, it can't be grasped."*

² Norberg-Schulz, Christian (1980). *Genius Loci. Towards a phenomenology of architecture*, Academy Editions, p. 19. Tradução livre do texto original: *"to gain an existential foothold man has to be able to orientate himself; he has to know where he is. But he also has to identify himself with the environment, that is, he has to know he is a certain place."*

Essencialmente, significa o que a coisa é, ou o que quer ser, representando, na arquitetura, a realidade concreta do lugar.

Numa arquitetura que persiga o *Genius Loci*, a função do arquiteto é a de intervir para continuar a permitir a compreensão do lugar, possibilitando ao Homem a capacidade de o habitar verdadeiramente. Tal como Norberg-Schulz (1980,p.23) refere, é a arquitetura que formaliza o espírito do lugar, "*A arquitetura surge quando um ambiente total é visível*"³, devendo para este efeito ser considerado o que já foi feito, analisando os edifícios e as características do lugar como consequência de uma intervenção "próxima do homem", de acordo com a identidade do sítio que conhece.

2.1.2. Espaço natural, espaço artificial

A compreensão do espaço natural⁴, termo proposto por Norberg-Schulz (1980, p.6), começa por ser a compreensão visual das suas características naturais, das propriedades do céu e da terra: "*Matéria, ordem, caráter, luz e tempo são as categorias de base do entendimento concreto do natural*"⁵, qualidades que posteriormente definirão o caráter do lugar.

Das propriedades da terra, salienta-se a *matéria*, que é definida pelas montanhas (o elemento mais perto do céu), pela vegetação (representação dos seres vivos na terra) e pela água (o fertilizante da vegetação, símbolo da vida). Estes elementos são a parte física do espaço, tornando-a visualmente compreensível.

Das propriedades do céu, distinguem -se a *ordem cósmica*, ou seja, o percurso do sol, fenómeno que orienta todas coisas no espaço e, ainda, a *luz* e o *tempo*, que estabelecem o ritmo diário do homem e da natureza.

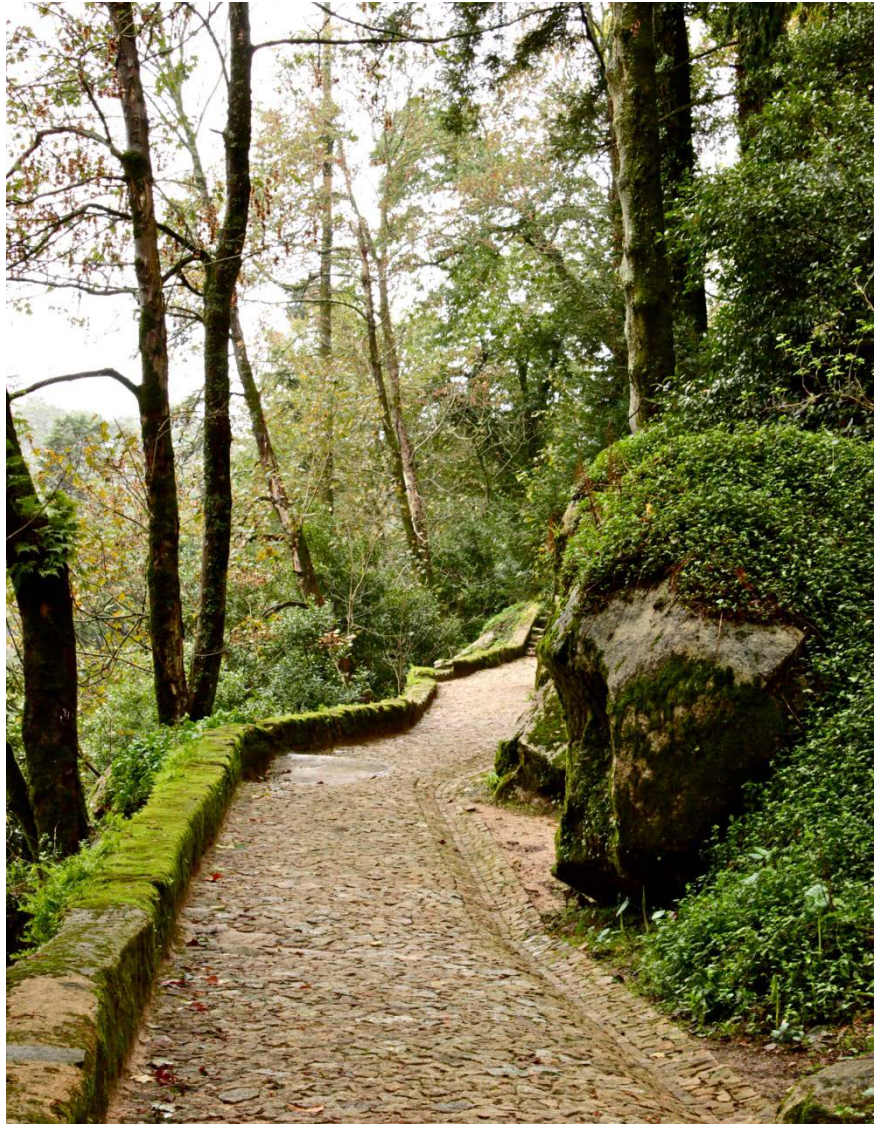
Após a compreensão das suas propriedades naturais, consciente ou inconscientemente, o homem desenvolve uma forma de atuar no espaço,

³ Norberg-Schulz, Christian. (1980). *Genius Loci. Towards a phenomenology of architecture*, Academy Editions, p.23 Tradução livre do texto original: "*Architecture comes into being when a total environment is made visible*".

⁴ *Espaço natural* - termo proposto por Norberg-Schulz (1980) para determinar todos os lugares que ainda não sofreram intervenção humana

⁵ Norberg-Schulz, Christian. (1980). *Genius Loci. Towards a phenomenology of architecture*, Academy Editions, p.32. Tradução livre do texto original: "*Things, order, character, light and time are the basic categories of concrete natural understanding*"

começa a criar o seu *imago mundi* ou *microcosmos*, com características próprias do lugar e das interpretações que fez da natureza, iniciando a construção do *Genius Loci*.



1- Percursos para o Castelo de Sintra, Portugal.

2.1.3. Análise do lugar

Segundo Norberg-Schulz (1980), é possível perceber as características do lugar artificial analisando as relações que se estabelecem entre a intervenção humana e o natural, “implantação” e “paisagem”, propondo a definição da estrutura do lugar pelos seguintes níveis de análise:

- a) Céu e Terra: Tal como referido anteriormente, constituem a primeira condicionante que define a forma do homem atuar sobre o natural. As estruturas espaciais desenvolvidas ao longo da história têm, normalmente, origem numa configuração centralizada fortemente relacionada com o céu ou com a terra. Por exemplo, na configuração urbana, numa situação de maior relação com o céu, a cidade desenvolve -se a partir de uma igreja localizada no ponto mais alto e, portanto, de maior relação com o divino; numa situação de maior relação com a terra, a cidade desenvolve -se numa configuração longitudinal, acompanhando o curso de um rio, ou de uma estrada, por ser ou ter sido o ponto de maior comunicação e de tráfego comercial.

Ao nível da escala de intervenção de edifícios, podem também ser estabelecidas diferentes relações com o céu e a terra. Através do entendimento da luz na vertical para o edifício, gera-se uma ligação com o Céu, indiciando uma leitura sagrada, a de ligação com o divino. Por outro lado, como acontece nas obras de Frank Lloyd Wright, instala-se uma relação de luz mais terrena, com a configuração do edifício no sentido longitudinal.

- b) Caráter: Determinado pela aparência do que é concreto, o sinal físico de toda a investigação e constituição do lugar, *“o caráter é determinado pelo material e pela constituição formal do lugar”*⁶, ou seja, pela forma como os elementos se dispõem no espaço e como evidenciam as suas características.



2 - Escadaria do Senhor de Bom Jesus em Braga, Portugal. A pretensão da relação da arquitectura com o divino.

4 - Frank Lloyd Wright: Hanna House, California: a luz no interior do espaço.

3 - Frank Lloyd Wright, Robie House, Chicago: configuração do edifício no sentido longitudinal.

5 - Frank Lloyd Wright, Fallingwater, Pensilvânia, 1939

⁶ Norberg-Schulz, Christian (1980). *Genius Loci. Towards a phenomenology of architecture*, Academy Editions, p.14. Tradução livre do texto original: “the character is determined by the material and formal constitution of the place”.



6 - Mies Van Der Rohe, Casa Farnsworth, Estados Unidos, 1951

7 - Casas feitas de terra, na Tunísia. Espaços fechados para o exterior.

c) Limites: Caracterizam o lugar como mais aberto ou mais fechado, em relação ao envolvente. *"A solidez ou a transparência dos limites faz o espaço aparecer isolado ou como parte de uma totalidade mais abrangente"*⁷, ou seja, determinam o nível de clausura de um lugar, que depende da continuação ou dissolução do limite, através de materiais utilizados, ocupação do espaço, etc.

Os limites são, portanto, entendidos na maneira como são articuladas as relações do lugar, tanto entre espaço natural e artificial, como entre espaço exterior e interior dos edifícios. O nível de encerramento ou abertura é determinado desde a escala urbana de intervenção até à distribuição das aberturas do edifício e detalhes de construção como janelas, portas e telhados.

d) Edifício: Tal como acontece à escala urbana, à escala do edifício será, também, considerado o caráter do lugar. Independentemente da escala de intervenção, no *Genius Loci* todos os elementos procuram as características do lugar para uma melhor orientação e identificação do mesmo.

2.1.4. Identidade do lugar

"A estrutura do lugar não é fixa, não é um estado eterno. Como regra, os lugares mudam, por vezes muito rapidamente. O que não quer dizer, no entanto, que o Genius Loci mude necessariamente, ou se perca"

Christian Norberg-Schulz (1940, p.18)⁸

A identidade do lugar será mais forte quanto mais perceptível for a correspondência desde o espaço natural até ao detalhe de arquitetura. Porém, a estrutura do espaço pode sofrer alterações sem que a sua identidade seja comprometida, desde que não se percam os princípios do seu caráter, o

⁷ Norberg-Schulz, Christian (1980). *Genius Loci. Towards a phenomenology of architecture*, Academy Editions, p.63. Tradução livre do texto original *"The solidity or transparency of the boundaries make the space appear isolated or as part of a more comprehensive totality"*. Refere, ainda, que estes limites são então determinados por *"Open, rise and stand"* - características que Norberg-Schulz define como as determinantes na relação entre céu e terra; exterior e interior; clausura e abertura."

⁸ Idem, p.18. Tradução livre do texto original: *"The structure of a place is not a fixed, eternal state. As a rule places change, sometimes rapidly. This does not mean, however, that the Genius Loci necessarily changes or gets lost."*

caminho do seu desenvolvimento. Segundo Norberg-Schulz (1980), comprometer estes limites é, também, comprometer a estabilidade emocional do homem. A história de um lugar é a sua essência e, por isso, apenas deve ser alterada dentro de certos limites, para não comprometer a sua identidade. Augé (2005, p.56) reforça, ainda, a importância dos limites como estruturas de ordem e poder, exemplificando com a Casa Branca e o Kremlin, defendendo a linguagem política como naturalmente espacial, tanto mais forte quanto mais conhecida for pela sua estrutura física e histórica.

Na perspectiva da antropologia, um lugar apresenta alguns dos ideais do espírito do lugar na arquitetura. Como refere Augé (2005), o lugar ideal para um etnólogo seria que cada etnia fosse uma ilha, eventualmente ligada a outras, mas diferentes entre si. O lugar antropológico ideal será, também ele, um lugar *identitário*, para os que lá nascem, onde todos os elementos desse lugar se relacionem e *histórico*, para a definição de uma estabilidade mínima, para que os que lá vivem possam reconhecer pontos de referência. Um lugar que não siga estas condições, seguirá o que Augé (2005) define como um *não-lugar*, destituído de identidade singular nem relação, mas solidão e semelhança. Os *não-lugares* serão os que não integram no presente a estrutura do lugar, e que se regem pela individualidade dos seus habitantes, e do qual resultam espaços como as vias de comunicação, edifícios de estilo internacional e outros que estejam desligados do caráter do lugar.



6 - Vila Almeida, Portugal.
Vila fortificada, entre as várias,
a muralha da Praça de
Almeida, construída entre o
séc.XVII e XVIII.

2.1.5. A imagem e o *Genius Loci*

"A arquitetura passa a existir quando um ambiente total se torna visível."

Kevin Lynch (1989, p.23)

De acordo Lynch (1989), uma *"imagem ambiental"* definida transmite um importante sentido de segurança. A criação da imagem da cidade far-se-á a

partir do que o homem vê e de como interpreta e organiza mentalmente essa informação, fazendo esquemas mentais da cidade, a partir do caminhar e da vivência que faz do espaço. Imagem que, segundo Lynch (1989, p.23), é definida por "*vias, limites, bairros, cruzamentos e pontos de referência*", elementos de orientação no espaço:

- a) As vias, que asseguram a ligação de um ponto ao outro e que, através de indicadores como a sua dimensão, o seu carácter é situado no tempo e marcada a sua importância para a cidade;
- b) Os limites, que representam as fronteiras entre duas partes, estabelecendo a ligação de uma atividade com outra;
- c) Os bairros, regiões urbanas de tamanho médio ou grande, em que o observador penetra e reconhece mentalmente por ter algo em comum ou identificável;
- d) Os cruzamentos, pontos de conexão, focos estratégicos da cidade, em que se observam vários locais por onde se pode deslocar;
- e) Os pontos de referência, como edifícios, estátuas ou jardins, locais identificáveis que permitem a orientação na cidade.

A necessidade de reconhecer e padronizar o lugar é de enorme importância para a prática e para a estabilidade emocional do homem. Uma boa imagem ambiental⁹ é a capacidade de legibilidade do espaço, que oferece ao homem o sentimento de segurança emocional, de relação harmoniosa entre ele e o espaço (Lynch, 1989). Para além de segurança, um ambiente característico e legível reforça a profundidade e a intensidade da experiência humana na cidade. Potencialmente, a cidade é em si o símbolo poderoso de uma sociedade complexa que, se for bem desenvolvida no sentido visual, poderá ser bastante expressiva.

⁹ A imagem ambiental pode ser decomposta em três componentes: identidade, estrutura e significado. Uma imagem requer, primeiro, a identificação do objecto, o que implica a sua diferenciação de outra coisa. Em segundo lugar, a imagem deve incluir a relação espacial do objecto com o observador e os outros objectos. Por último, esse objecto deve ter algum significado para o observador, seja ele prático ou emocional.

2.1.6. Sobre o novo entendimento do *Genius Loci*

"A arquitetura moderna foi o passo final para a regra absoluta do Genius Loci. A sua fuga da terra e da negligência da história atestam a aniquilação do Genius Loci. A arquitetura tem vindo a amarrar-se para um tipo de movimento diferente, o fluxo de capital."

Tadao Ando (2001, p.101)¹⁰

Após a segunda Guerra Mundial, o caráter de muitos sítios mudou. Os tecidos urbanos, os limites e as implantações foram alterados e, portanto, as articulações que existiam no passado foram também comprometidas.

Ando (2001,p.101) destaca este período pós-guerra na Europa, em que os centros das cidades, demolidos pela guerra, foram reconstruídos e desenvolvidos de forma abrupta, perdendo a sua identidade. Segundo Norberg-Schulz (1980), as cidades tornaram-se monótonas, com edifícios que pouco se relacionavam e distinguiam de lugar para lugar. Foi uma época dominada por uma "crise ambiental", onde não havia qualquer fator de orientação e identificação com o lugar. A motivação já não estava em diferenciar a arquitetura de lugar para lugar, mas construir um "*international style*"¹¹.

Para Ando (2001, p.102-103)¹², "*O que irá definir o Genius Loci não é um retorno à terra ou à história. Pelo contrário, é o nosso despertar da terra e da história*". Isto é, a arquitetura não deve procurar resposta na história, mas ligar-se ao "*vento, à terra e ao céu*", com o fim de despertar o movimento *Genius Loci* para outro valor e restaurar a sua vitalidade, eliminando a discórdia estéril entre o histórico e o contemporâneo.

Em *Water Temple* no Japão, Ando clarifica esta ideia. Construída ente 1990-91, na ampliação que faz ao templo existente, procura expressar a sua própria experiência física no lugar. Como resultado, envolve o templo existente com um

¹⁰Ando, T. (2001). *Genius Loci*. Revista *ANYWHERE*, p.101. Tradução livre do texto original: "*Modernist architecture is the final step towards the absolute rule of Genius Loci. Its escape from the land and neglect of history attest to the annihilation of Genius Loci. Architecture has come to perform as a mooring for a different kind of movement, the flow of capital.*"

¹¹Norberg-Schulz, Christian.(1980). *Genius Loci. Towards a phenomenology of architecture*, Academy Editions, p.194 refere: "*twenties it was maintained that modern architecture should not be local or regional, but follow the same principles everywhere*".

¹²Ando, T. (2001). *Genius Loci*. Revista *ANYWHERE*, p.102-103. Tradução livre do texto original: "*What will deliver Genius Loci today is not a return to the land or history. Rather, it is our awakening of the land and history.*"



9 - Tadao Ando, Water Templo, Japão, 1990-91. A relação da construção com o envolvente.

10 - Peter Zumthor, Capela Klaus, Alemanha, 2007

lago de forma elíptica, que dá acesso ao novo pavilhão enterrado, procurando que este seja parte integrante da terra e que o lago reflita o céu e as árvores. *"Encontra-se o "sítio" no céu onde a espiritualidade reside"*¹³, uma procura constante do arquiteto pela forte ligação do homem e da arquitetura, simultaneamente com o céu e a terra.

Numa aproximação semelhante, Zumthor (2005) expressa nos seus projetos a importância do ambiente que os envolve procurando, simultaneamente, reunir as pessoas, os lugares e a arquitetura, através da reflexão sobre as proporções e ambientes que a arquitectura pode gerar para melhor conexão com o lugar. Para este autor, o edifício, quando implantado no lugar muda-o irreversivelmente, sendo que a qualidade do projeto será atingida com o tempo, quando este se unir de uma forma natural com a figura e a história do lugar. Metaforiza esta ideia, *"Lança-se uma pedra na água. A areia agita-se e volta a assentar. O distúrbio foi necessário. A pedra encontrou o seu lugar. Mas o lago já não é o mesmo"*¹⁴.

A estratégia no processo de Zumthor passa por explorar a figura do lugar, a sua história e qualidades sensoriais, através de referências em imagens do que já conhece, de onde obtém as imagens que se assemelham ao lugar concreto e se tornam visíveis as linhas de força e tensões do plano de fundo do projeto: *"Deste modo mergulho no lugar do projecto, sinto-o e, ao mesmo tempo, olho para fora, para o mundo dos meus outros lugares"*¹⁵. Assim sendo, é através do que observa no mundo que o seu projeto se liga com o local. Para Zumthor (2005) se o projeto se nutre somente do existente e da tradição, se repete apenas o que o lugar lhe oferece, falta-lhe o diálogo com o resto do mundo e, portanto sem interpretação sensorial, sem ligação com o próprio sítio onde se insere.

Moneo (2001) também aborda esta temática, defendendo a existência da dependência entre a arquitetura e um espaço que lhe é próprio, que se conjuga e que é conjugado. *"estar no local significa ter posseção dele, e construir*

¹³Ando, T. (2001). Genius Loci. ANYWHERE, p.104. Tradução livre do texto original: *"You find the site" in the sky where spirituality resides"*

¹⁴Zumthor, P. (2005) Pensar a Arquitectura, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p.17

¹⁵Zumthor, P. (2005) Pensar a Arquitectura, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, p.17.

implica o consumo do local."¹⁶. Salienta assim, que qualquer manifestação sobre o espaço terá posteriores implicações no todo coletivo, considerando Moneo que a arquitetura deve procurar pertencer ao lugar, explorar o que deve ser mantido e que permite a ligação com novas construções, *"(...)Eu considero o lugar como o primeiro material, a primeira pedra, a estrutura sobre a qual projetamos os nossos pensamentos arquitetónicos"*¹⁷.

Mesmo considerando a época de mudanças tecnológicas, de informação e transportes em que vivemos, a arquitetura reclamará sempre um lugar, *"tão inevitável que mesmo os arquitetos que reivindicam a negação da ideia do lugar e ignoram o conceito do contexto são forçados a incluir no trabalho deles e, como resultado, são obrigados a inventar um lugar."*¹⁸

Em suma, pode-se concluir que o lugar é a origem da arquitetura, a qual é construída sobre ele e, como consequência, estará intimamente ligada e relacionada com ele. A ideia de *Genius Loci* pressupõe a existência de características que o tornem logicamente identificável e individual, e não como um lugar abstrato de *"livre intervenção"*. No entanto, respeitar o *Genius Loci* não é apenas *"copiar"* o existente, o antigo, mas interpretar e construir caminhos a partir da mesma ideia de identidade do lugar.



7 - Álvaro Siza, Casa de Chá, Portugal, 1963

¹⁶, R. (2001). Murmury of the site. *ANYwhere*, p.48. Tradução livre do texto original: *"to be on the site means to take possession of it, and to build implies consumption of the site."* Menciona ainda, *"Even when a nomad plants a tent in a desert, the tent is an expression of domination, a mastery of the site. For the moment, even if only for a few days, the land has an owner. This concept of possession clarifies the role of architecture through history."*

¹⁷ Idem, p.48. Tradução livre do texto original: *"(...) I consider site as the first material, the foundation stone, the frame on which to project our architectural thoughts."*

¹⁸ Idem, p. 53. Tradução livre do texto original: *"the site is so completely inevitable that even those architects who claim to reject the idea of the site and to ignore the concept of context are forced to include it in their work and, as a result, are obliged to invent a site."*

2.2. Zeitgeist

"A Architectura é a vontade de uma época traduzida em espaço".

Ludwig Mies Van der Rohe (Goldberger, 2011)

2.2.1 Sobre a definição

A palavra de origem alemã *Zeitgeist* significa, literalmente, "o espírito do tempo" ou o "espírito da época". Define-se como o espírito de um determinado tempo, o conjunto do clima cultural, intelectual, ético, espiritual e político de uma nação ou de um conjunto de grupos (Architecture Dictionary). O conceito foi primeiramente referido no trabalho do filósofo Christian Adolph Klotz por *Genius Saecula*, termo latino que é traduzível por "*Genius*" - "gênio" ou "espírito guardião" e "*Saecula*" - "do século". Desenvolvido por Johann Gottfried Herder e outros românticos alemães, como Cornelius Jagdmann, o conceito torna-se melhor conhecido na obra de Hegel. No entanto, é Herder que, em 1769, introduz o nome como hoje o conhecemos, *Zeitgeist*.

2.2.2. Zeitgeist e Arquitetura

"(...) architectura tem uma base moral e ética que não pode ser separada da natureza contemporânea do seu meio social e cultural. Palladio era moderno para os romanos, como Koolhaas é para os holandeses. O Zeitgeist não é algo a questionar; simplesmente existe".

Allan Phillips (Durmus, Vol.8 No.1)¹⁹

Ao longo da história da arquitetura, sempre houve uma manifestação típica, unitária e, portanto, singular da organização de cada tempo e lugar, uma manifestação do *Zeitgeist*, um espírito que procura caracterizar os acontecimentos dum determinado tempo e a que a arquitetura procura caracterizar fisicamente.

Exemplo dessa caracterização é o Plano de Haussmann para Paris, que representa a relação emergente do Estado com a tecnologia. O principal objetivo

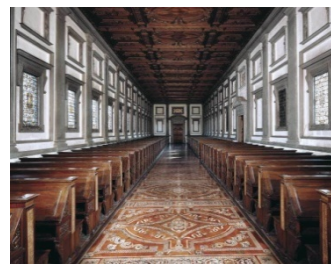
¹⁹Durmus, S. (Vol.8 No.1). Change and Transformation in Architecture: On the Concept of Zeitgeist. *GBER*, p. 22-36.

Tradução livre do texto original: "(...) architecture has a moral and ethical base that cannot be separated from the contemporary nature of its cultural and social milieu. Palladio was a modern to The Romans as Koolhaas is to The Dutch. The Zeitgeist is not something to question; it simply exists".

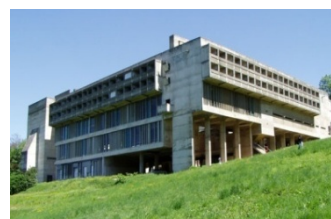
desta reforma urbana era reorganizar o tecido urbano para facilitar a circulação e as manobras militares. Outro exemplo para Paris é o plano de Le Corbusier com a *Ville Radieuse*, que manifesta a relação entre tecnologia e ideologia, no momento progressista e ideológico do movimento moderno. Ambos os projetos mostram o estilo emergente da época e a vontade progressista do pensamento arquitetônico, assim como a arquitetura como disciplina que melhor traduz este espírito fisicamente, dando forma ao *Zeitgeist* ao mesmo tempo que este a determina.

O *Zeitgeist* procura a transformação e a identidade de uma época como resposta aos problemas da sociedade atual e a arquitetura, como todas as disciplinas, sempre teve esta ligação com o conceito transformação. É inevitável que as disciplinas passem por transformação, num mundo em que objetos e pessoas estão sempre em constante mudança. Deste modo, e tendo presente as teses de Rem Koolhaas (Otero-Pailos, 2000), para além do “espírito do tempo”, deve também operar o *Volksgeist*, ou seja, o “espírito do povo”, que é próprio de cada nação e de cada tempo. Tal como o *Zeitgeist*, o conceito foi introduzido por Johann Herder, como forma de encorajar os povos a forjar uma identidade cultural e nacional alemã.

Eisenman (Lateness and the end of the crisis, 2010) menciona que “Apesar da arquitetura moderna afirmar que foi a primeira arquitetura de *Zeitgeist*, a arquitetura sempre foi uma relação com o *Zeitgeist*”²⁰. Ao longo da história, são vários os exemplos de obras que evidenciam o espírito da época, uma singular visão do poder, de um princípio operativo e impulsionador para o presente. Este autor, dá como exemplo a Biblioteca Laurenziana de Michel Ângelo, do século XVI, uma obra que se pode considerar uma deslocação da arquitetura existente. É uma biblioteca que ainda nos dias de hoje é singular, por ter uma tipologia singular que não foi seguida para os modelos conhecidos de biblioteca. Outro exemplo é o Convento de *La Tourette* de Le Corbusier, que conserva essa deslocação porque perturba a tipologia conhecida dos mosteiros. A “arquitetura de transformação” para Eisenman, não passa necessariamente pelo caráter



12 - Michelangelo, *Biblioteca Laurenziana*, Itália, 1525



13 - Le Corbusier, *La Tourette*, França, 1957

²⁰Eisenman, P. (2010). Lateness and the end of the crisis. (Conferência RSA, Entrevistador). Tradução livre do original: “Despite Modern Architecture’s claim that it was the first architecture of a *Zeitgeist*, architecture has always been about a relationship to a *Zeitgeist*.”

estético, mas pela estrutura tipológica que resulta numa mudança de paradigma da arquitetura entre função-forma, entre causa-efeito.

Também o plano urbano da Baixa-Pombalina em Lisboa, de Marquês de Pombal, elaborado pelos Arquitetos Eugénio dos Santos, Manuel da Maia e Carlos Mardel ilustra, ilustra o espírito do tempo. Após o terramoto de 1755, este plano pretendeu criar um melhor sistema construtivo, o “sistema gaiola”, o primeiro sistema anti-sísmico conhecido e o primeiro método de construção em grande escala pré-fabricado, um sistema inovador para a época e que ainda hoje é mundialmente reconhecido.

Porém, conceitos atuais como a globalização, a sustentabilidade, as abordagens ecológicas, tecnológicas e de informação, não permitem ter a mesma visão singular como anteriormente acontecia. Devido a estas mudanças de ambientes e conceitos, no âmbito do *Zeitgeist*, torna-se necessário viabilizar uma nova forma de atuar na arquitetura.

2.2.3 Sobre o *Zeitgeist* hoje

“O que está a acontecer hoje é uma enorme crise de escala e não podemos ter o mesmo tipo de simbolismos, os sinais dos edifícios são agora, o que poderíamos chamar de “patos decorados”²¹”.

Peter Eisenman (Latenness and the end of the crisis, 2010)²²

As questões de caráter e composição de uma cidade já não são as mesmas. Segundo Eisenman (Latenness and the end of the crisis, 2010), estamos perante uma nova forma de pensar a cidade, sem tão forte ligação com o lugar geográfico, mas mais com o tipo de meio societário onde se insere. Este autor (AV Monographs, 1995) refere que os meios de informação tornam-se hoje cada vez mais importantes na definição de uma sociedade e, consequentemente, do espaço, exigindo um “duplo *Zeitgeist*” baseado não na terra, indústria e

²¹ *Patos decorados* – referência de Eisenman ao diagrama de Robert Venturi e Denise Scott Brown, “The duck and the decorated shed”, 1970 – descrição das duas formas de caracterizar iconograficamente os edifícios. Informação em: Venturi, Scott, Brown (1977). Learning from Las Vegas: the Forgotten Symbolism of Architectural Forms.

²²Eisenman, P. (2010). Latenness and the end of the crisis. (s. l. Conferência RSA, Entrevistador). Tradução livre do original: “What’s happen now is an enormous increase of scale and we can no longer have the same kind of symbolism, and signage that the buildings are now having what could call a decorated ducks”.

população, como anteriormente, mas na informação, já sem fronteiras políticas ou territoriais. Eisenman (AV Monographs, 1995, p.33) expõe esta ideia comparando: *"Um habitante de Berlim hoje provavelmente tem mais em comum com um de Nova Iorque que com alguém que viva noutra cidade Alemã, tão semelhantes são Nova Iorque e Berlim como centros culturais e de informação, para além de serem centros de capital"*²³. A proximidade física deixa de ser um aspeto primordial do atual sentido de *Zeitgeist* e, portanto, do espírito que cria o lugar. O *Zeitgeist* não pode ser pensado da mesma forma como anteriormente, assim como usar o Classicismo hoje só pode ser considerado como uma estilização do que este foi no passado, um retorno a um imperativo histórico que não tem vigência neste "duplo *Zeitgeist*".



14 - Peter Eisenman, Ciudad de Cultura, Espanha, (em construção)

Refere Eisenman (Lateness and the end of the crisis, 2010) que é necessário voltar a avaliar o que é hoje uma cidade, encontrar novas categorias de analisar o espaço e criar um novo conceito de arquitetura para o lugar. A procura do *Zeitgeist* é então um instrumento de pensamento, que tem em consideração o passado do lugar mas, sobretudo, a visão do tempo presente e o espírito da transformação, inovação e evolução de paradigmas.

De facto, as sociedades são hoje mais complexas e heterogêneas, atuando sobre o mesmo lugar diferentes estruturas políticas, sociais e económicas a que se tem de responder. Mas será que a intervenção entre eles, conseguirá estabelecer uma ordem para as cidades? Bernhard Schneider (Libeskind, 1999), colocando semelhante questão²⁴, propõe a eventual hipótese de uma ligação sistemática artificial mesmo dentro da complexidade da cidade, defendendo que a ordem não pode ser encontrada individualmente no domínio estético de cada edifício mas que poderá ser encontrada através de um novo plano que conjugue as partes constituintes da cidade.

Já Eisenman (Lateness and the end of the crisis, 2010) defende que a ordem das cidades não estará na ligação das partes, mas na atuação dentro desse

²³Eisenman, P. (1995, Maio-Junho). AV Monographs. *Architecture and the "Zeitgeist": the Problems of Immanence*, p. 31. Tradução livre do texto original: "A resident of Berlin today probably has more in common with a New Yorker than with someone living in another German city, so similar are New York and Berlin as cultural and information center, besides being center of capital".

²⁴Daniel Libeskind, B. S. (1999). *Jewish Museum Berlin*. Munich: Prestel. Bernhard Schneider questiona: "Does this heterogeneous, varied urban picture obey any order or rules, or does it simply anticipate what will come about anyway, namely "chaos"



15 - Frederick Law Olmsted e Calvert Vaux, Central Park de Manhattan, 1857

16 - Rem Koolhaas, Casa da Música, Portugal, 2001. Obra que rompeu a linguagem arquitectónica da rotunda da Boavista e que hoje constitui um ícone na cidade do Porto.

caos. Para o autor, as várias manifestações individuais na cidade conduzem ao desenvolvimento coletivo, sem que haja, necessariamente, uma dependência e relação entre as partes.

Koolhaas (Otero-Pailos, 2000) é um dos arquitetos que melhor demonstra esta ideia, referindo-se ao contexto do lugar e ao planeamento urbano como algo do passado. Defende que, pensando em urbanismo, não é permitido olhar para o presente, impedindo uma experiência autêntica com o real. História e contexto são vistos como uma forma de esconder a realidade presente de um povo, o *Volksggeist*. Koolhaas (Otero-Pailos, 2000) entende a realidade da cidade como uma série de "ilhas" localizadas no maior campo de "não-cidade" propondo, como resposta a esta problemática, uma arquitetura de "*Bigness*", de arquiteturas que atuem individualmente²⁵.

Como exemplo Koolhaas (Otero-Pailos, 2000) refere a hierarquização formal das cidades com os parques do século XIX, altura em que surgiram, em vários pontos da cidade, respondendo às urgentes questões de ausência de salubridade. Olmsted e Vaux, criadores do *Central Park de Manhattan*, acreditavam que, relacionando o urbano com o não-urbano, conseguiam a melhoria do todo, com a natureza a amenizar e unir a cidade, dentro de um novo tipo de forma urbana. Para Koolhaas (Otero-Pailos, 2000), os parques de Olmsted e Vaux, tal como os seus projetos, representam a resistência à estabilidade da linguagem formal que compõe a cidade tradicional, substituindo existências para resolver os problemas da cidade presente. Hoje, centrando-se os problemas na perda da unidade social das cidades, Koolhaas (Otero-Pailos, 2000) procura, com a arquitetura, resistir à alienação da experiência da vida e à morte da coletividade, procurando o *Volksggeist*. "*Bigness*", como Koolhaas intitula os seus projetos, é um mundo em si, separando-se do resto da cidade, possibilitando novas culturas ou transformação das existentes; permite a reformulação da ideia de lugar e da comunidade tradicional, servindo para combater as forças de dispersão da cidade.

²⁵. Otero-Pailos, J. (Vol.4, No.3 de 2000). "*Bigness*" in context. Obtido em 8 de Novembro de 2013, de www.oteropailos.com/pdfs/bignessincontext.pdf. "In such a model of urban solid and metropolitan void, the desire for stability and the need for instability are no longer incompatible. They can be pursued as two separate enterprises with invisible connections. Through the parallel actions of reconstruction and destruction, such a city becomes an archipelago of architectural islands floating in a post-architectural landscape of erasure where what once was a city is now a highly charged nothingness."

Ao contrário das obras de Koolhaas que procuram sempre um novo design conceptual, Frank Gehry enquadra-se no estilo do desconstrutivismo, não representando ideias sociais ou universais específicas e pretendendo-se libertar da crença de que a forma segue sempre a função. Defende uma arquitetura com um design diferente da observada no quotidiano, pretendendo que esta exprima a sua individualidade. A principal característica do desconstrutivismo é a instabilidade permanente. Embora representados por uma estrutura sólida, os edifícios parecem estar sempre em estado de colapso; procuram desafiar os próprios valores da harmonia e da estabilidade.



17 - Frank Gehry, Lou Ruvo Center for Brain Health, Las Vegas, 2010



18 - Zaha Hadid, edifício Beka, Sérvia, (projeto)

Zaha Hadid, tal como Gehry, apresenta uma nova ideia conceptual, a seu ver mais explorada e madura, defendendo a procura de ambientes mais ricos e complexos, como única resposta aos problemas que a cidade hoje enfrenta. Zaha Hadid (2012), refere que a sociedade só pode progredir dentro de um ambiente construído e que, por isso, é tempo de pensar num novo estilo, mudar a fisionomia da construção, como o modernismo fez no século XX. Refere Schumacher (2012) que os problemas da cidade mudaram nos anos 70 com o desenvolvimento da tecnologia e que hoje estamos todos conectados, sabemos o que está a ser feito no resto do mundo: *"Estamos numa cidade em rede, que exige de nós uma manutenção se ajustar e seguir este processo de evolução"*²⁶

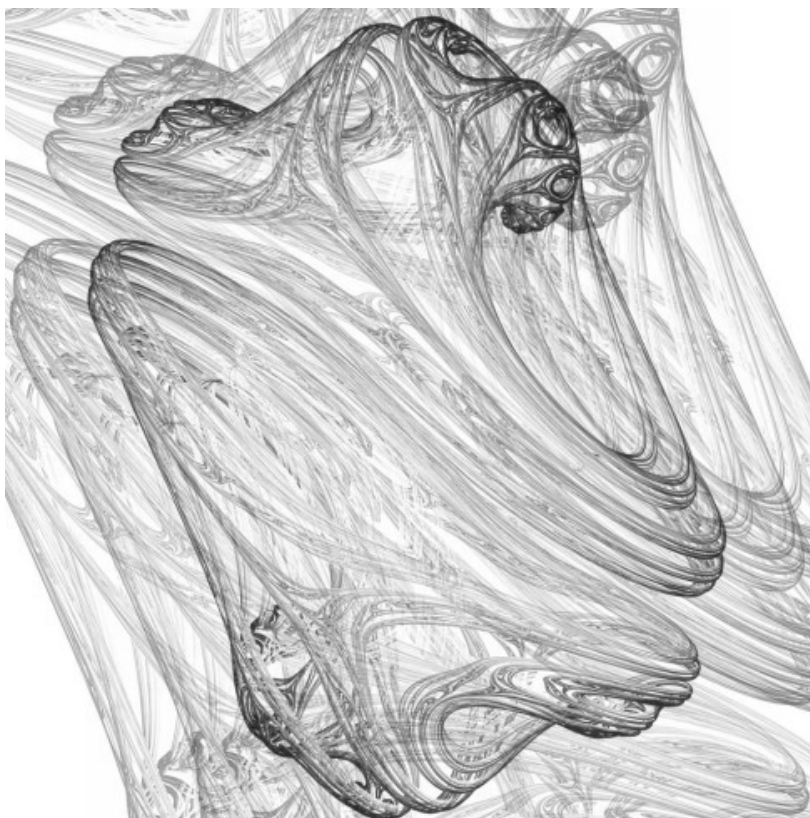
Identifica o *"Parametricism"* como o estilo que poderá responder aos problemas apresentados do tempo atual e que mudará todo o ambiente construído. As formas complexas do estilo *"Parametricism"* têm como vontade facilitar a comunicação entre espaços, torná-los mais fluídos, permitindo com estas formas criar espaços diferenciados e vários cenários de comunicação: *"Os espaços devem de ser construídos de tal forma que todos se podem ver facilmente, encontrar e comunicar com todos os outros"*²⁷. O futuro da arquitetura, segundo

²⁶Schumacher, P. (2012). *The Future is ready to start*. Obtido em 26 de Novembro de 2013, de Theory against theory: <http://theoryagainsttheory.wordpress.com/tag/zaha-hadid/>. Tradução livre do texto original: "We are now in a network society which demands of us a continuous keeping in touch, observing and communicating. Architecture needs to adjust itself and follow this process of evolution."

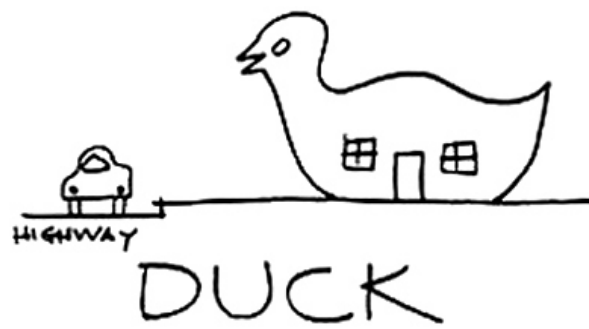
²⁷Schumacher, P. (2012). *The Future is ready to start*. Obtido em 26 de Novembro de 2013, de Theory against theory: <http://theoryagainsttheory.wordpress.com/tag/zaha-hadid/>. Tradução livre do texto original: "Spaces should be constructed in such a way that everyone can easily see, find and communicate with everyone else."

a companhia Zaha Hadid, é a criação de espaços multifacetados que se assemelhem cada vez mais à complexa forma de vida, defendendo que as diferentes ações e interações precisam de espaços diferenciados, sendo prioritário ligar o lugar e a arquitetura de acordo com os hábitos da população, sendo que cada edifício tem a sua expressão, rejeitando a repetição.

Em suma, segundo os princípios de *Zeitgeist*, os problemas que se enfrentam hoje nas cidades dependem muito mais de estruturas políticas, sociais ou económicas, podendo o modo de intervenção do arquiteto ir muito além das preocupações com os limites físicos do lugar.



19 - Zaha Hadid, ilustração da sua reflexão.



20- R.Venturi e D.Scott, "The duck and the decorated shed", 1970

2.3 Permanência e transformação na arquitetura de reabilitação

"...o problema de permanências apresenta duas frentes: por um lado, os elementos permanentes podem ser considerados como elementos patológicos; por outro, como elementos propulsores."

Aldo Rossi (2001,p.79)

O fenómeno das permanências é representado através dos monumentos, dos sinais físicos do passado e, ainda, através de persistências dos traçados e do plano. As cidades crescem consoante os seus eixos e traçados, desenvolvem-se segundo uma direção. Muitas são as permanências que continuam a ser utilizadas e muitas são as que perecem, mas todas regeram as partes da cidade onde se inserem, são os sinais físicos do passado que dão significado ao lugar. A permanência mais significativa é dada pela via e pelo plano, que normalmente permanecem ao longo do tempo mesmo que, muitas vezes, estejam funcionalmente inadequados à vida atual, tornando-se apenas um facto urbano de permanência e de representação do passado que a cidade teve de contornar, desenvolvendo-se noutra direção.

Se estes momentos, de permanência, forem adaptados às necessidades da cidade atual e conseguirem desenvolver a cidade segundo os mesmos eixos e traçados antigos, tornam-se uma mais valia para a cidade, na sua caracterização e construção de uma identidade. No entanto, se já não se podem relacionar com o resto da cidade, tornam-se um facto obsoleto e constrangedor ao seu desenvolvimento.

Choay (2013, p.25) já defendia que o monumento tem como fim de *"fazer reviver um passado engolido pelo tempo"*. Para a autora, a relação do monumento com a memória viva e com o tempo tem duas formas de ser entendida e interpretada:

- Ou é entendido como um objeto de saber, onde permanece a sua memória, não alterando os seus valores históricos, sendo apenas efetuadas operações de restauro ao edifício;
- Ou então, pode, como obra de arte, e entendido como uma construção que deve ser vivida também no presente, sofrer novas interpretações e transformações de valores.

A especificidade do monumento prende-se com o modo de ação sobre a memória e com a forma como o faz vibrar à maneira do presente. Por outras palavras, a relação com o tempo vivido e com a memória tal como a sua função antropológica, constitui a essência do monumento, o seu estatuto no lugar a que pertence.

2.3.1. Cidade como estrutura viva

"(...) a função é insuficiente para definir a continuidade dos factos urbanos e, se a origem da constituição tipológica destes é simplesmente a função, não estamos perante algum fenómeno de sobrevivência; uma função está sempre caracterizada no tempo e na sociedade, aquilo que dela intimamente depende não pode estar senão ligado ao seu desenvolvimento."

Aldo Rossi (2001, p.79)

Procurando a continuação viva da estrutura da cidade, o fenómeno das permanências pode significar mais do que a experimentação da forma do passado, assumir diferentes funções profundamente inseridas na cidade, de forma a que possa ser "transportada" para o futuro.

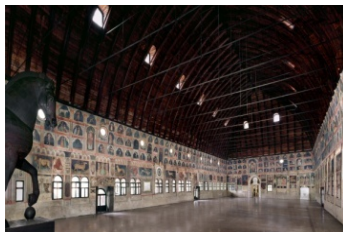
Na Europa, todos os grandes edifícios ou conjuntos de edificadados que existem e ocupam grandes áreas da cidade, têm funções que raramente são as originais e, apesar de muitas vezes estarem completamente deslocados da forma atual da cidade, são estes edifícios individuais que ficam na memória e que estruturam essa zona da cidade. Lynch (1972) defende que, pensando na vitalização de estruturas antigas, deve-se concentrar a atenção em identificar os valores dos edifícios existentes, podendo resultar em novos programas que igualem ou melhorem as qualidades que estavam presentes anteriormente.

A sedução de uma cidade como Paris resulta da diversidade estilística das suas arquiteturas e dos seus espaços que, na sua maioria, não foram travados numa conservação rígida, mas continuados: é o caso da Pirâmide do Louvre (Choay, 2013). Situada na praça central do museu e que lhe serve de apoio desde 1988, o arquiteto Ming Pei procurou um envolvimento com o antigo *Palácio do Louvre*, através do respeito pela linguagem clássica e inserção de uma nova linguagem que se destaca, mas que mantém o espaço de vivência das duas construções e,



21- Cidade de Palmanova, Itália.
Persistência dos planos e vias.

22- Ming Pei, Pirâmide do Louvre,
França, 1989



23- Palácio da Razão Pádua, Itália. A permanência do monumento e as adaptações programáticas.

ao mesmo tempo, cria uma cumplicidade entre ambas. A *Pirâmide do Museu do Louvre* resulta como objeto funcional que acrescenta um novo valor ao Museu, tornando-se o principal ícone do museu e um dos principais símbolos de Paris, dos mais apreciados e conhecidos no mundo. Para além de vencer os condicionamentos do espaço que o Museu já tinha, traz uma maior aproximação da cidade e da escala humana ao mesmo.

Outro exemplo de sucesso na transformação do monumento é o Palácio da Razão em Pádua, Itália, que já incorporou diversas funções e que, apesar destas serem independentes da forma, é esta última que fica gravada na memória dos visitantes e que estrutura a cidade. Estes edifícios são o principal elemento de atenção numa zona da cidade e condicionador da estrutura de parte da mesma mas, também, são condicionados no tipo de manifestações, atividades e evolução ao longo do tempo. Afirma Choay (2013) que a reintrodução do monumento em situações vivas é uma operação complexa, de difícil valorização patrimonial, sendo que, para o seu melhor sucesso, não se deve apenas fundar sobre uma semelhança com o destino original mas, antes de tudo, ter em conta o estado material do edifício, estudando a capacidade da estrutura presente responder a futuras funções.

24 - Salzburg: os elementos primários como pontos de referência num lugar.



2.3.2. Os monumentos como elementos primários

“Não podemos debruçar-nos sobre o espelho do património, nem interpretar as imagens que ele nos reenvia atualmente sem procurar, antes de mais, compreender como a grande superfície lisa desse espelho foi constituída pouco a pouco pela soma e pela fusão de fragmentos, a princípio chamados antiguidades, e depois monumentos históricos.”

Françoise Choay (2013, p.27)

Choay (2013,p.17) refere o significado literal da palavra “monumento”, referindo que o sentido original do termo é o do latim *monumentum*, ele próprio derivado de *monere* (advertir, recordar), o que interpela à memória. “(...)A natureza afetiva do destino é essencial: não se trata de fazer verificar, de fornecer uma informação neutra, mas de excitar, pela emoção, uma memória viva”. No monumento não se deve apenas conservar o seu estado físico mas, também, que através deste, se consiga preservar a identidade de uma comunidade e a sua marca numa determinada época, fazendo vibrar o passado à maneira do presente. O monumento é, assim, entendido como um dispositivo de segurança, uma garantia das origens, que acalma a inquietude que gera a incerteza do presente. Choay (2013) refere, ainda, que o solo de França é simbolizado pelos seus monumentos, que representam a fundação de um saber, ajudando a ilustrar e a servir o sentimento de nacionalidade.

De facto, excluindo casos de pré-existências naturais significativas, as cidades possuem, geralmente, um centro histórico com edifícios monumentais de referência que representam princípios, culturas e razões do fundamento da cidade, cuja presença, quanto maior, aumentará o sentimento de segurança e identidade dos habitantes. Salvaguardando o passado, está-se também a garantir que o presente irá assegurar o futuro, transmitindo a sensação de proteção de uma identidade e, portanto, de continuidade da construção do espírito do lugar. “Quando a experiência passada terá sido estável e ordenada, e levou a progressivas mudanças com resultados previsíveis, é mais provável a existência de um conceito do futuro de alcance maior e de maior realismo. Quando o passado foi caótico e frígido, o indivíduo desligará a sua imagem do tempo futuro. Inversamente, quando o futuro parece impenetrável e misterioso, o

passado também tenderá a parecer inexplicável e vazio." (Lynch, 1972, p.106)²⁸.

Defende, então, que a nossa visão para criar o futuro depende da nossa capacidade de imaginar as consequências dos atos presentes; tendo também importância a construção de uma identidade, a valorização dos elementos primários de uma cidade. Segundo Augé (2005,p.25), Nora (no seu prefácio do primeiro volume dos *Lieux de mémoire*) afirma que o que procuramos na acumulação de todos os "*signos visíveis do que foi*" um lugar é, em suma, a nossa diferença, e "*no espectáculo dessa diferença o fulgor súbito de uma identidade inencontrável. Já não uma génese, mas a decifração do que somos à luz do que já não somos*".

Em suma, perceber e interpretar a cidade é saber identificar a sua origem, onde e como se processou o seu crescimento, dados que são fornecidos pela sua história. Com o tempo, a cidade cresce sobre si mesma, adquire consciência e memória. Na sua construção permanecem os motivos originários, motivos que também se desenvolvem e geram outros interesses, sendo a cidade vista duplamente como monumento e como organismo vivo, em constante transformação.

2.3.3. *Genius Loci* e *Zeitgeist*

O *Genius Loci* defende a permanência de antigas estruturas e a continuação das suas características estéticas e funcionais para as novas construções, fundamentais para a construção da identidade de um lugar, de representação cultural de um tempo. Porém, ao contrário do *Zeitgeist*, o *Genius Loci* defende que estas arquiteturas irão conformar todo o seu envolvente, irão estabelecer a ordem, sendo que no *Zeitgeist* esse fator não é necessariamente obrigatório, podendo cada edifício atuar individualmente e independente do urbano.

No entanto, ambos afirmam a importância dos elementos primários como os ícones da cidade, que mais que uma função, representam uma história, uma

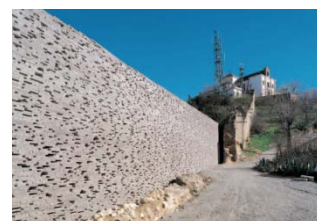
²⁸Lynch, K. (1972). *De que tempo es este lugar?* Espanha: MIT Press, p. 106. Tradução livre do texto original: " *Cuando la experiencia pasadaha sido estable y ordenada, y ha dado lugar a cambios progressivos con resultados previsibles, es más probable la existencia de unconceptodel futuro de alcance más grande y de mayor realismo. Cuando el pasadoha sido caótico o frígido, el individuo contraerá y desconectará su imagen deltiempo futuro. Inversamente, cuando el futuro parece inescrutable o misterioso, el pasado tenderá también a aparecer inexplicable o vacío.*" Refere, ainda, p.46, "*Se ha salvado una parte delpasado porque era buena, y esto promete que el futuro tambien salvara al presente. Tenemos la sensacion de que nosotros y nuestrasobrasalcanzarantambien la vejez.*"

identidade do lugar, que simbolizam o espírito do tempo de uma dada transformação da cidade. Os elementos primários são vistos como pontos de referência no tempo, o valor emergente da cidade, que fará desenvolver vias, áreas, bairros e residências, assim como são os principais responsáveis por gerar ambiências urbanas, na interação que cada indivíduo ou conjunto de indivíduos estabelece de acordo com o que é proposto por estas arquiteturas.

Na reabilitação, assumir a reconstrução destes elementos primários, de valores antigos, é de certa forma controverso, visto que a nossa visão da história muda constantemente, não sendo possível reproduzir facilmente as circunstâncias da sua criação (Choay, 2013). Lynch (1972,p.37) refere que existem três formas de intervir, nomeadamente: (i) através da conservação do que ainda não foi destruído pelo tempo com reparações menores, (ii) tentando representar o que anteriormente existiu, usando os mesmos materiais, e (iii) eliminando o monumento, *"(...) a pátina do tempo pode ser preservada, imitada ou eliminada."*²⁹

Respeitar a história do lugar não se relaciona apenas com os valores estéticos do edifício mas, mais ainda, com o responder ao presente de uma sociedade, a valores políticos, económicos ou sociais, valorizando a cidade e incentivando a sua transformação, à implementação de novas arquiteturas que respondam aos problemas atuais da sociedade (Eisenman, Lateness and the end of the crisis, 2010). Choay (2013, p228-323) refere as seis possíveis operações de valorização de património:

- a) Conservação e restauro: operação base que garante a continuidade do património;
- b) Encenação: de acordo com a autora, Viollet-le-Duc e Sitte consideravam o fundamento da arte urbana; defendiam a apresentação do monumento como um espectáculo, devendo ser dado a conhecer a forma mais favorecida, através da iluminação noturna, fazendo o edifício parecer "resplandecer a eternidade";



25 - Antonio Jiménez Torrecillas, Muralha Nazarí, Espanha, 2004. O antigo e o novo.

²⁹Lynch, K. (1972). *De que tempo es este lugar?* Espanha: MIT Press, p. 37. Tradução livre do texto original: *"la pátina del tiempo puede ser preservada, imitada o eliminada."*. Refere ainda, p.37, *"Semejante reconstrucción herirá normalmente el gusto contemporáneo (...), y a veces parecerá ridícula a los críticos de épocas posteriores. Pero puede constituir una intensa evocación del pasado para el público en general."*

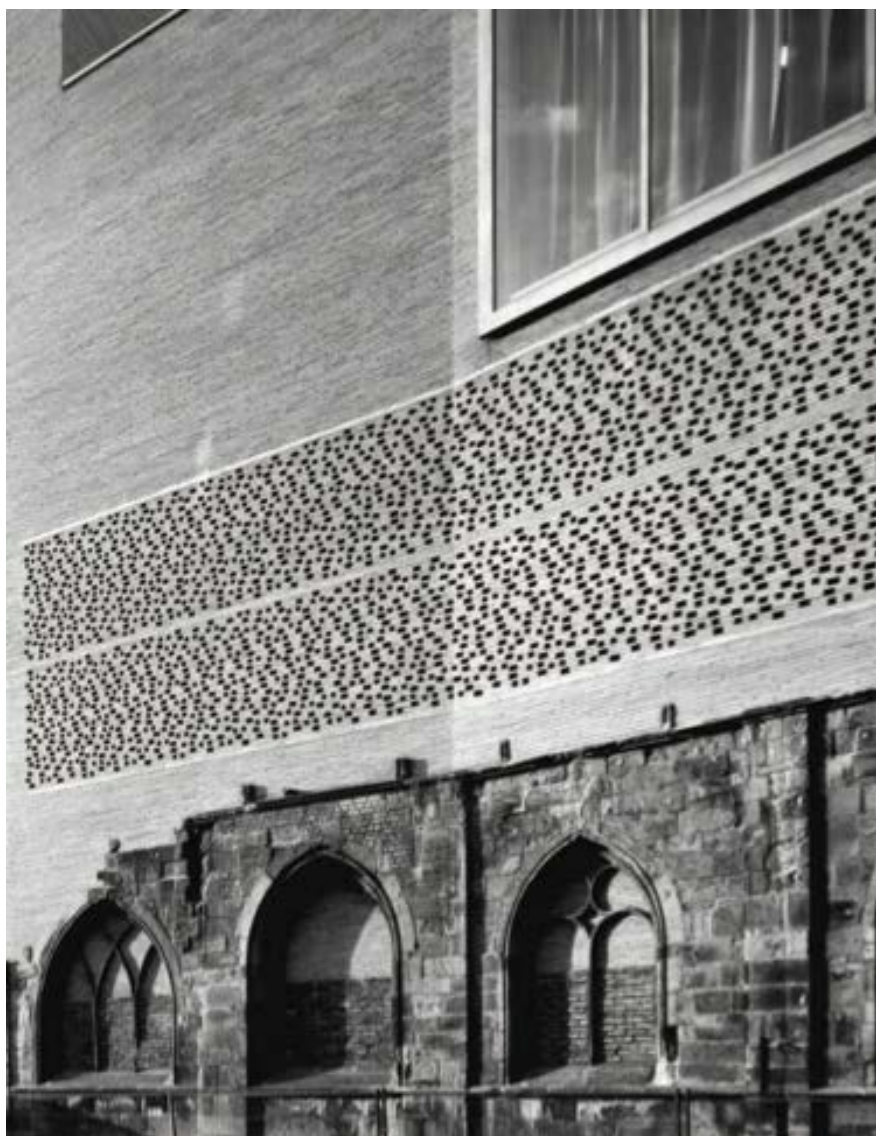
- c) Animação: função que o edifício acarreta e que contagie também a vida urbana em seu redor, transportando essa actividade para o exterior do edifício;
- d) Modernização: tal como a encenação, faz um desvio de atenção, inserindo o presente no passado, mas sob a forma de um objeto construído e não de um espectáculo; modernizar é, então, entendido como o colocar no corpo de velhas construções um implante regenerador;
- e) Rentabilização: avalia desde a capacidade de aluguer do edifício até à sua afluência de utilização, fatores fundamentais para manter vivo o espírito do monumento;
- f) Entrega: a rentabilidade do edifício depende cada vez mais da fácil acessibilidade, como proximidade a transportes públicos, existência de parques de estacionamento ou ruas de fácil acesso.

É, portanto, importante que o património seja integrado no contexto em que se insere, simbolizando a sua relação com a vida presente. Isolar ou “libertar” um monumento acaba por significar, na maior parte das vezes, mutilá-lo.

Tratando-se de uma obra de reabilitação, os conjuntos urbanos antigos exigem procedimentos de conservação e restauro, devendo também incorporar o carácter de “transformação” que transporta o edifício para o tempo presente. A intervenção deve ser guiada por um crítico juízo de valor, uma consciencialização da importância da matéria, que não pode ser um processo individual, mas um interesse colectivo. Deve, por isso, ser sustentado por profundos conhecimentos, seja do ponto da técnica empregue, seja do ponto de vista humanístico, relacionado com a história, estética e filosofia. Na reabilitação alia-se história com funcionalidade. É uma matéria sensível, mas das mais completas, com a responsabilidade de garantir a vida da arquitetura, a sua continuidade. É a ligação temporal de épocas e da história. É um ato crítico-cultural do presente, condicionado pelos respetivos valores, sendo um ato de valorização da cidade.

“As ruínas do tempo são tristes mas belas, as que as revoluções trazem ficam marcadas com o cunho solene da história. Mas as brutas degradações e as mais brutas reparações da ignorância, os mesquinhos consertos da arte parasita, esses profanam, tiram todo o prestígio.”

Almeida Garrett (2010,p.168)



26- Peter Zumthor, Museu de Arte Kolumba, Alemanha, 2007

3. Contexto de Santa Marta



27 - Rua de Santa Marta

No capítulo anterior exploraram-se os conceitos de *Genius Loci*, *Zeitgeist* e do fenómeno das permanências na cidade, procurando-se perceber como analisar, interpretar e intervir na cidade com história, de memórias que hoje resultam numa complexidade de fragmentos deixados pelo tempo. Na análise do conceito de *Genius Loci*, verificou-se a importância da história no desenvolvimento do lugar e na construção da sua identidade. No entanto, a análise histórica apenas deve ser entendida enquanto auxílio na compreensão do lugar, sendo igualmente importante conhecer o presente, as ambiências e costumes do tempo

atual, análise em que o *Zeitgeist* mais se foca, para tornar a estrutura histórica viva no tempo presente.

O projeto em estudo, o lugar de Santa Marta, hoje Hospital de Santa Marta, com encerramento previsto nos próximos anos, sofreu múltiplas intervenções nem todas claramente identificáveis sendo que, muitas vezes, se sobrepuseram várias intervenções e se anularam as anteriores. Desta forma, através de uma análise histórica sobre o lugar de projeto, procura-se construir uma base histórica coerente e compreensível, evidenciar as suas memórias, entender os seus valores e melhor identificar o caminho da sua transformação, da sua imanência para uma continuação no presente.

3.1. A Colina de Sant'Ana e a Rua de Santa Marta

"O Convento no povoado e o mosteiro no ermo, animavam, amenizavam, davam alma e grandeza a tudo; eles protegiam as árvores, santificavam as fontes, enchiam as terras de poesia e solenidade."

Almeida Garrett (2010, p.159)

Entre a Idade Média ao século XVII, os conventos foram os pólos estruturadores do crescimento urbano tendo sido, em Lisboa, das primeiras construções fora da muralha fernandina. Lisboa possuiu 88 conventos, dos quais 68 ainda hoje existem. Na Colina de Sant'Ana, em particular, instalaram-se 7 conventos no total, todos convertidos em hospitais após a extinção das Ordens Religiosas em 1834 (Caeiro, 1989).

Os conventos foram, segundo Caeiro (1989, p.11) *"focos de vida religiosa, civil e artística; promoveram a fixação das populações; fortaleceram de certo modo a riqueza pública e as suas conservatórias e bibliotecas, foram um legado importante para a história"*.

Os conventos eram muitas vezes complementados por escolas, hospitais, lugares de culto ou peregrinação, estabeleciam o carácter do lugar onde se inseriam e davam o nome à rua ou zonas que faziam com que se desenvolvessem. O facto do Convento de Santa Marta ter dado origem ao nome da rua em que a fachada principal do Convento incide, demonstra a importância que este teve na estruturação da identidade desta zona da cidade.



28 - O Claustro de Santa Marta.

A Rua de Santa Marta foi uma das principais vias de acesso a Lisboa, numa altura em que para além do Convento apenas existiam quintas, hortais e cardais em seu torno, mas que com a sua influência e desenvolvimento foi crescendo em construções, que se modelavam conforme a implantação do Convento.

No entanto, a abertura da Avenida da Liberdade em 1885, deu origem a novos conceitos urbanos, tendo o eixo medieval das ruas de Santo Antão - São José - Santa Marta - São Sebastião sido relegado para as "traseiras" da cidade então moderna, burguesa e de crescente circulação viária. Paradoxalmente, em vez de se ter voltado ao abandono, este eixo antigo acolheu, entre 1890 e 1925, uma valorização com a instalação de importantes equipamentos urbanos que fizeram a ligação entre passado e presente, uma modernidade instalada numa rua estreita de fachadas difíceis de ser observadas como a do Coliseu ou a dos novos edifícios do Hospital de Santa Marta. Uma diversidade de equipamentos que ia desde o comércio, habitação, pequenos escritórios, teatros, clubes, convidando ao usufruto de todas as classes sociais, cada qual praticando o espaço urbano à sua maneira.³⁰

³⁰Villaverde, M. (s.d.). Rua das Portas de Santa Antão e a singular modernidade lisboeta. *Revista da História de Arte*, 143-144.



29 - Avenida da Liberdade, o acontecimento urbanístico do séc. XIX (1879-1886)

Seguidamente, será apresentada uma breve cronologia do lugar de Santa Marta, desde a sua primeira ocupação até aos dias de hoje, de forma a perceber as contribuições das consecutivas intervenções sofridas pelo conjunto, para uma melhor compreensão da sua identidade.



30 - Documento por Silva Pinto (1904-1911)



31- Documento por Filipe Folque (1856-1958)

3.2. Cronologia

Fundação do asilo de Santa Marta

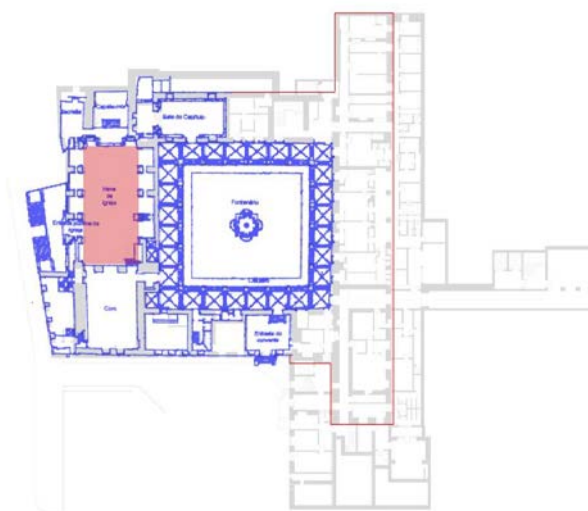
O lugar do atual Hospital de Santa Marta começou, em 1576, por acolher um asilo destinado a albergar as filhas e viúvas dos serviçais d'el rei D.Sebastião, vítimas da peste que assolou Lisboa em 1569.

Reconversão em Convento, primeiro projeto

Em 1580, após a subida do cardeal D.Henrique ao trono, foi requerida a conversão do asilo em mosteiro. A construção do Convento iniciou-se em 1587, com o projeto de Nicolau Frias, tendo a ajuda financeira de D.Helena de Sousa contribuindo para a construção da capela-mor e compra do terreno anexo (ainda hoje delimitado pela cerca conventual), que em troca, D.Helena exigiu uma casa sobre a sacristia e a abertura de uma tribuna para assistir às funções litúrgicas. Tribuna que, no final do século XVII, D.Catarina de Bragança mandou abrir para também poder assistir aos atos litúrgicos a partir do Palácio dos Condes Redondo.

Primeira ampliação do Convento

É entre 1616 e 1632 que Pedro Nunes Tinoco assumiu a obra de ampliação e conferiu o estilo que caracteriza o antigo Convento; construiu o corpo da igreja, coro baixo e dependências conventuais (sacristia, lavatórios, roda dos enjeitados, refeitório e outras). Iniciou-se, ainda, o restauro da igreja, que foi concluído a 1630, segundo a inscrição visível no seu portal.



32 - Planta de Santa Marta. Neste diagrama é marcado o que até 1630 já estava construído.

Obras de decoração e manutenção

No entanto, apenas na segunda metade do século XVII foram feitos os forros de azulejaria e os trabalhos em talha que ornamentam os altares da igreja, assim como foi pintado o tecto do coro-baixo. Também os azulejos do claustro e das suas dependências serão desta época, possivelmente após a sua construção. O desenho do claustro foi feito em 1701 por Pedro Nunes Tinoco, Pedro Manuel Pereira e João Antunes, tendo este último desenhado uma peça de arte barroca, o chafariz central, ensaiando elementos de ornamentação barroca no tradicional esquema maneirista do século XX³¹.

Em torno do claustro era feita a distribuição para as dependências que serviam o Convento, nomeadamente a sacristia, os lavatórios, o refeitório e a sala do capítulo, cujos azulejos ainda hoje estão preservados na sua maioria, remontando à data de 1730.



33 - Claustro.

³¹Veríssimo, Â. (s.d.). *O Maneirismo em português*. Consultado em 1 de Outubro de 2013, em http://isa.utl.pt/campus/3w_manei.htm. "O maneirismo é um jogo de codificações de receitas estéticas e artísticas, com soluções ambíguas; é a convergência de escalas diferentes e a complexidade de ritmos decorativos; é a ambivalência espacial, o gosto pelo efeito bizarro e jogo com as normas clássicas, sendo expresso segundo a "maneira" de cada artista".

Embora nem todo o conjunto seja o original e algum esteja deslocado do seu local de origem, o conjunto azulejar que existe na antiga igreja, no piso térreo do claustro, no coro-baixo e portaria do Hospital é originário do século XVII, e o conjunto azulejar, da sala do capítulo, na sua maior parte original, remonta ao século XVIII.



8- Sala do capítulo.

Segunda ampliação do Convento

Os dormitórios, construídos em 1719, situavam-se nos dois pisos superiores, cada um com 48 celas. Apesar de não haver informação relativa a Santa Marta, pensa-se que as celas seriam comuns, onde as freiras dormiam numa enxerga no chão. Nos outros conventos, a evolução tipológica destas celas visíveis transformou-as em celas individuais que, posteriormente, possuíam cozinha e sala, como é exemplo do Convento de Santa Clara do Porto.

Obras pós-terramoto de 1755

Com o terramoto de 1755, o conjunto ficou bastante danificado. No entanto, após as obras de recuperação, não houve qualquer percalço maior na tranquila vida de meditação e clausura das Clarissas, até 1834, ano da expulsão das Ordens Religiosas de Portugal, que obrigou ao encerramento do convento e respetiva entrega ao Estado.

Cerca de cinquenta anos depois, no ano de 1889, na sequência de uma epidemia de gripe, o edifício foi cedido à Irmandade dos Clérigos Pobres, para

lhes servir de albergue e hospício. O mesmo aconteceu com os outros conventos da Colina de Sant'Ana, entretanto encerrados.

Obras de adaptação - Hospital de doenças venéreas e Hospital Escolar

Em 1903, com a nova reforma hospitalar, começaram as obras de adaptação de hospício a hospital, passando o antigo Convento a ser um anexo do Hospital de São José, obras que comprometeram definitivamente os interiores conventuais, na adaptação dos edifícios ao tratamento de doenças venéreas. Construíram-se, ainda, dois grandes pavilhões na cerca, destinados a bloco operatório, enfermarias e outros. No pátio de entrada, com frente para a Rua de Santa Marta, construiu-se o edifício de Consultas Externas, mais tarde reconstruído, em 1970. O corpo do claustro foi também ampliado um piso, e foram pintados azulejos por Vitória Pereira, em 1906, que tentou reproduzir o desenho dos azulejos do piso térreo do claustro, pintados no século XVIII.



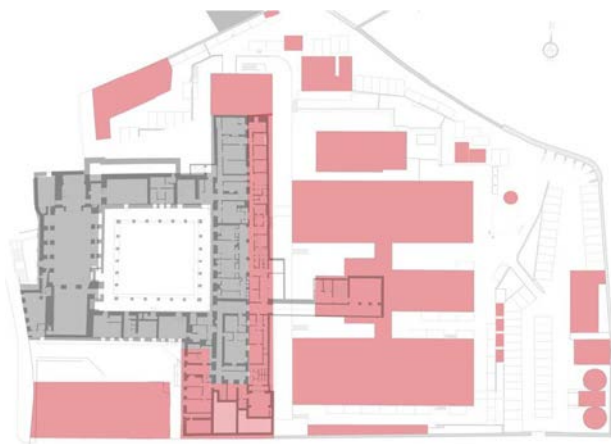
35 - Os dois blocos operatórios construídos na adaptação para hospital.

"Em 1908, quando terminaram as obras, este novo hospital era dos melhores e mais apetrechados em Lisboa. Tinha 15 enfermarias e 34 quartos particulares com capacidade para 700 doentes e todos os serviços de apoio indispensáveis ao seu bom funcionamento, nomeadamente laboratórios, farmácia, rouparia e cozinha. Estava equipado com elevadores e luz eléctrica, o que para a época constituía uma grande inovação." (Veloso, 1996, p. 38)

Em 1910, o Hospital foi cedido à escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e, em 1913, passou a integrar os Hospitais Civis de Lisboa. No entanto, após a reforma dos

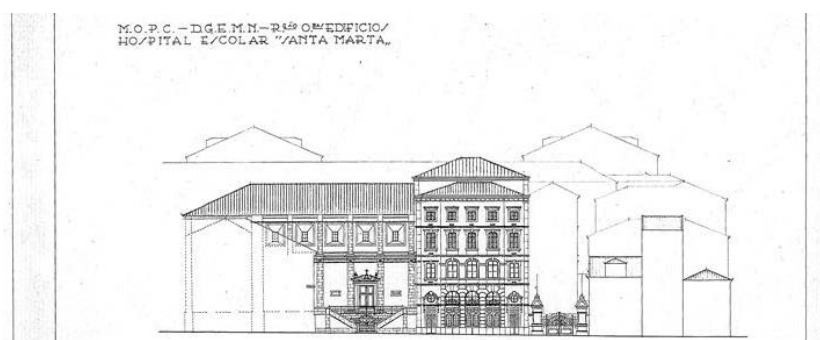
Hospitais Cívicos, em 1918, o Hospital volta para a posse da Faculdade de Medicina de Lisboa sendo, em 1922, que adquire autonomia financeira e administrativa.

36 - Hospital de Santa Marta.
Neste diagrama estão
marcados os novos edifícios
construídos na sua ocupação.



A Igreja foi cedida ao Hospital em 1927 sem qualquer objeto de culto, que entretanto tinham sido deslocalizados para outras igrejas³², passando a nave a servir de economato dos arquivos do Hospital. Mais tarde, em 1970, na tentativa de criar um espaço para receber estes arquivos, foi demolida uma banda de casas em frente à Rua de Santa Marta e construído um novo edifício adorado à igreja. No entanto, uma vez que o espaço não era suficiente, a igreja continuou a receber os arquivos do hospital e a capela do hospital passou a ser no antigo Coro-baixo.

37 - Fachada da frente para
a Rua de Santa Marta. Junto
à igreja, o edifício construído
em 1970.



³²Cortesão, L. (1995). O antigo Convento de Santa Marta. *Monumentos nº2*, 66-71. O seu altar-mor e alguns painéis de azulejo ornamentam hoje a Igreja de Santo António do Estoril.

Obras de adaptação - Hospital Civil

Com a transferência da Faculdade de Medicina para o Hospital de Santa Maria, em 1953, o Hospital de Santa Marta voltou a ser entregue aos Hospitais Cíveis de Lisboa, grupo hospitalar do qual ainda hoje faz parte. Em 1996, a igreja foi classificada como Zona de Especial Protecção, tendo sido descoberto o teto original da capela-mor após obras de restauro.

3.3. Reflexão sobre a memória de um património

3.3.1. O testemunho do convento

"A igreja conventual com o coro; o claustro no rés-do-chão para onde abriam as salas destinadas a outros atos comunitários; a sala do capítulo para as reuniões solenes de instrução e correcção, donde normalmente também era erguida a biblioteca; em cima, a toda a volta, corriam os dormitórios, com celas individuais; ao redor do edifício, haviam os campos para o recreio e cultivo".

(Matela, 2009, p. 35)

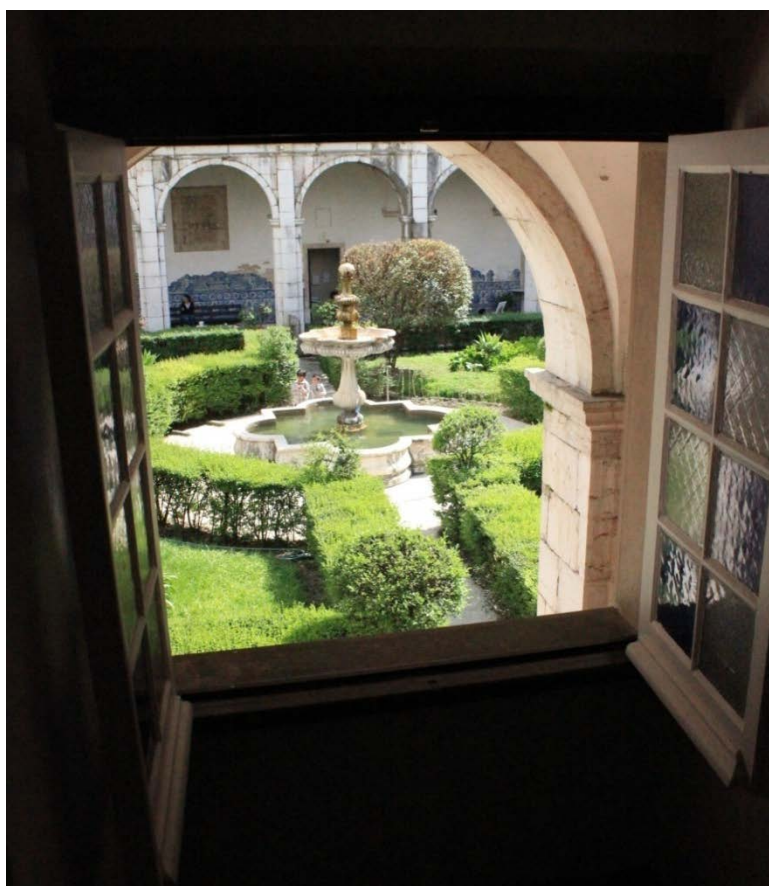
A ordem das Clarissas foi fundada em 1212 por São Francisco de Assis, em Itália, uma ordem mendicante dos Frades Menores, mais conhecida como Franciscanos. Em Portugal, foi em 1257 que se construiu o primeiro convento, em Lamego, e no total já teve 76 conventos.

A vida das Clarissas é de adoração ao Santíssimo Sacramento através de orações, trabalho nos campos e contemplação. Os trabalhos variam entre o tratamento dos rosários, sários, velas, modelagem, pintura, gravura, variando de acordo com a necessidade da sociedade e com o sustento próprio no convento.

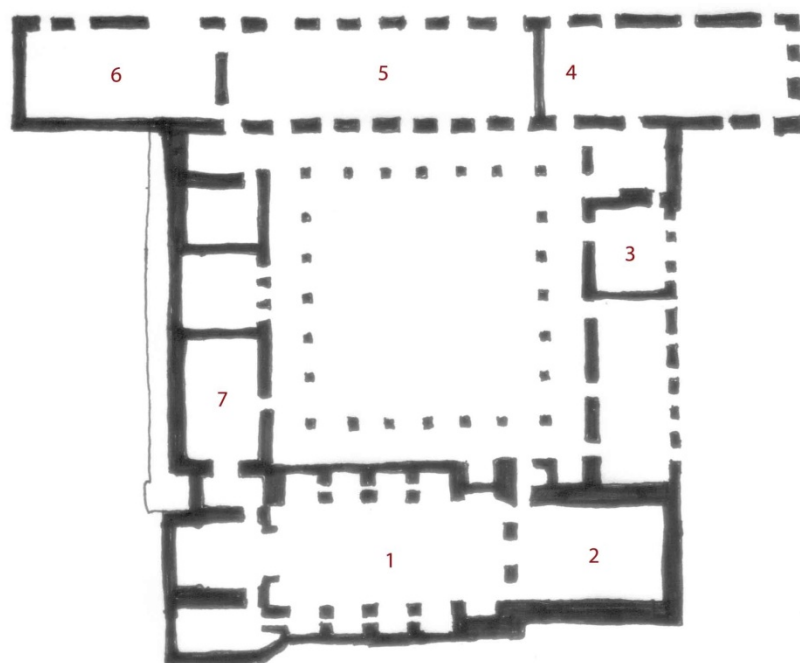
O mosteiro das Clarissas distingue-se pela simplicidade dos espaços exteriores e a exuberância dos espaços interiores, de maior qualidade. Os pisos térreos, de reclusão, encerram-se para o exterior através da sólida materialidade da pedra, não sendo o seu acesso perceptível. Os pisos superiores eram de vista e contemplação, em madeira, pisos leves (Silva, 2009). No Convento de Santa Marta, de acordo com o conceito de *Genius Loci*, nota-se, nos espaços interiores, pela dimensão e localização alta dos vãos em relação ao pavimento, que a presença da luz no interior era ténue e distante, apelando à clausura e à ligação do interior mais com o céu do que com a terra, na contemplação e

ligação com o divino notando-se, também, através da luz, o isolamento do conjunto e das suas actividades em relação ao exterior da cerca, em relação ao urbana.

Na organização espacial, devido à uniformidade das exigências da vida religiosa em comunidade, o Convento de Santa Marta mantém as características conhecidas da maior parte dos conventos, apesar de diferirem no estilo arquitetónico sendo que, em torno do Claustro, distribuíam-se as dependências do convento pelas alas norte, sul e nascente, com a igreja a ocupar a ala poente. Apesar de ter sofrido alterações ao nível da volumetria, o claustro mantém-se, pela sua unidade formal, como o antigo pólo aglutinador do Convento, mas muitas das suas dependências já não são hoje observáveis. No entanto, através de uma pesquisa na história do Convento de Santa Marta e na consulta de alguns documentos existentes, procurou-se restituir a organização do Convento, de extrema importância na compreensão do conjunto e de auxílio à sua caracterização e posterior transformação para o presente, seguidamente apresentada.



38 - Vista do interior de uma das dependências do Claustro.



39 - Planta do piso térreo do edifício do Convento - Esquema programático (sem escala)

1- Igreja; 2-Coro-baixo; 3 – Portaria;
4- Passagem do edifício para os jardins da cerca; 5- Refeitório;
6- Cozinha; 7 – Sala do capítulo

O refeitório, hoje sem presença física, localizava-se no rés-do-chão, na fachada oposta à da igreja, para evitar que odores chegassem à mesma. Os tetos eram abobadados e brancos e as mesas fixas ao longo das paredes. O púlpito localizava-se numa das paredes laterais, para a leitura ser feita durante as refeições. A cozinha era ligada ao refeitório através de um vão ou de uma roda. Eram normalmente altas, quadradas e abobadadas, em pedra ou tijolo. No caso do Convento de Santa Marta, tal como em muitos conventos, existiam duas cozinhas. Eram organizadas com forno no meio e com lareiras em todos os quatro cantos do espaço, como é visível no Convento de Santa Clara-a-Velha e localizavam-se num dos cantos do Convento para estar perto do abastecimento de água e das hortas.

Para além destes espaços esvaziados de memória com o tempo, estão ainda conservadas e utilizadas pelo hospital outras dependências do claustro: a sala de capítulo, onde se realizavam as reuniões semanais das Clarissas; o coro-baixo, hoje capela do Hospital, onde as freiras assistiam às leituras litúrgicas; e, ainda, a igreja, que embora seja atualmente o arquivo do hospital, permanece

com a estrutura intacta e conserva o seu acesso original ao exterior, sobrelevada por dois lanços simétricos de escadas paralelos à fachada.

40 - Fotografia da fachada da igreja do séc.XVII

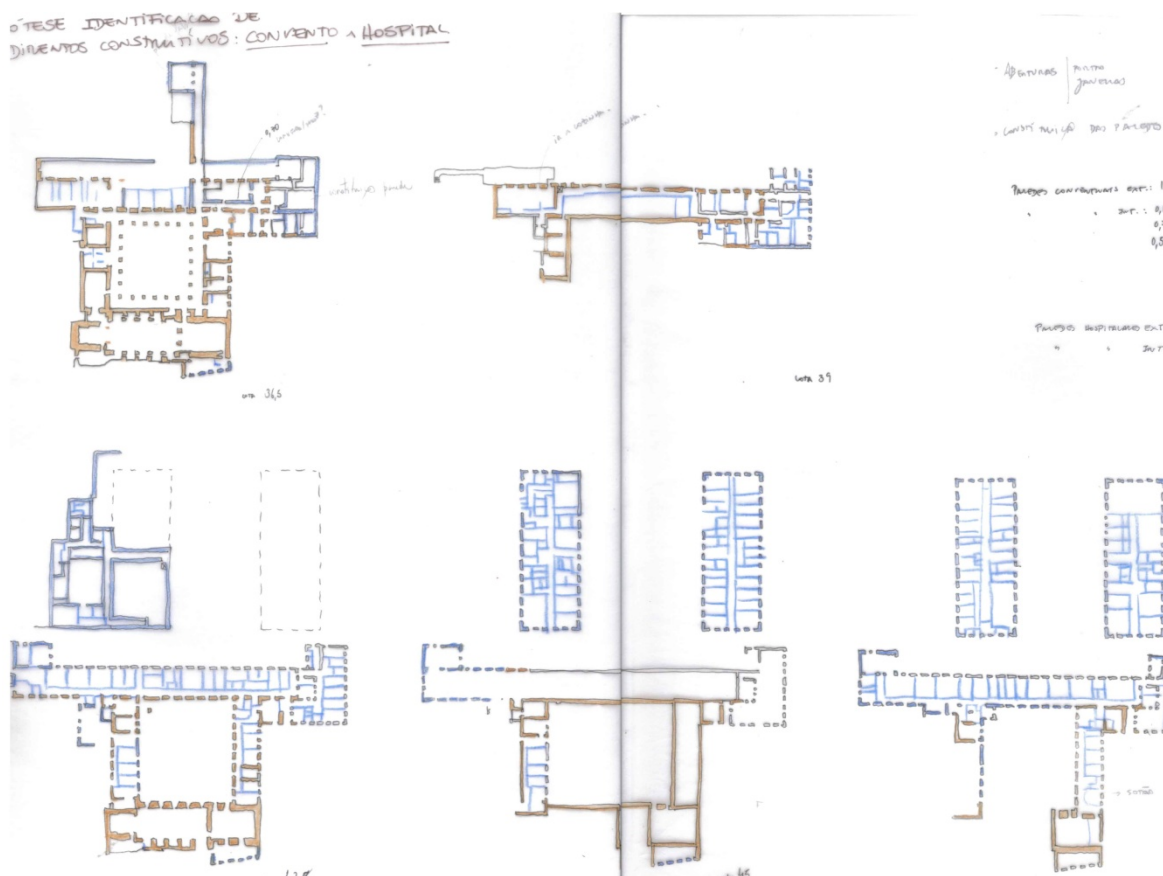


O claustro, também ainda hoje intacto, como anteriormente referido, estruturava todo o sistema de organização do mosteiro, materializando a ideia de liberdade na clausura e do paraíso na terra, numa ambiência de silêncio, meditação e recolhimento, em que a água assumia um papel fundamental de transporte de brilho, reflexos e diversidade de sons.

Para além da vida de oração, as freiras Clarissas passavam grande parte do seu tempo na contemplação, na comunhão com a natureza, nos *hortus conclusus*, a ideia de espaço de recreio de interiorização do Paraíso, um jardim utilitário protegido por uma cerca, sem ligação com o ambiente para o exterior. O assentamento dos mosteiros ou conventos pouco diferia com os lugares, variando apenas de acordo com a utilização que os monges faziam deles e da localização da água, na definição dos caminhos e funções dos espaços, de acordo com a necessidade de proximidade da mesma.

Os campos para recreio e cultivo eram o local onde os *"monges cultivavam não só as plantas que haviam de produzir as flores para a ornamentação dos altares, mas toda uma complexa série de plantas medicinais e aromáticas de que haviam de extrair os simples para a botica do convento"*³³, plantas essas de interesse culinário e medicinal mas também árvores de fruto e árvores florestais.

³³Araújo, I. (1962). *Arte Paisagista e Arte dos Jardins em Portugal*. Lisboa: Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização.



41 - Plantas do actual Hospital de Santa Marta (esquema). A sépia a estrutura Conventual. A azul a estrutura Hospitalar.

3.3.2. O testemunho do hospital

*"A colina de Santana constituiu o maior e mais importante conjunto de património de medicina e saúde do nosso país. (...) Para além disso, a Colina foi também o local onde nasceu o ensino da medicina em Lisboa. (...) No conjunto dos cerca de doze unidades patrimoniais, a Colina preserva a memória desta longa história, seja nos magníficos edifícios, muitos deles raros no contexto europeu, seja nas vastas colecções de instrumentos e equipamento científico, ceras anatómicas, pinturas e esculturas, arquivos e bibliotecas históricas e um património de azulejaria único no país (...)"*³⁴

³⁴ ICOM- Portugal, (2011). *Preservação e Valorização do Património da Saúde na Colina de Santana, Lisboa*. Obtido em 8 de Novembro de 2013, de <http://www.icom-portugal.org/multimedia/ICOM-PatrimonioHospitalaJan11.pdf>

42 - Artigo de jornal sobre a visita do Presidente da República aos Hospitais de Lisboa.



Este Hospital teve dos melhores médicos da época, constituiu história neste edifício que começou por ser Convento, e que não deve ser apagada. Durante cerca de quatro décadas albergou a Faculdade de Medicina de Lisboa, recebeu algumas prestigiadas figuras da medicina portuguesa, como Egas Moniz, que trabalhou 37 anos no hospital³⁵.

Apesar da estrutura ter sido originalmente conventual, a sua adaptação a Hospital criou história não só no lugar de Santa Marta, como na Colina de Sant'Ana. Atualmente, os corredores conventuais são corredores de saúde onde muitas memórias foram e estão a ser criadas, constituindo a identidade do lugar

³⁵ Egas Moniz que recebeu o Prémio Nobel da Medicina e Fisiologia em 1949; fez a primeira angiografia cerebral do mundo (visualização de vasos cerebrais) e a primeira lobotomia, sendo que os instrumentos que utilizou, ainda hoje estão guardados na Sala de Capítulo do conjunto.

e que devem ter o seu espaço na reabilitação do conjunto e dos seus valores históricos.

3.3.3. O lugar, as permanências e a transformação

Um arquitetura que começou a ser desenvolvida como Convento há quinhentos anos atrás. Adaptações de edifícios que foram feitas de acordo com o espírito de cada tempo, nem sempre respeitando a arquitetura e respetivos significados social e cultural, mas disso faz parte a consciencialização de cada um na obra de reabilitação. Cesari (2006) refere que o restauro de uma obra de arte deve ser feito sem que cancelem os traços de passagem na obra e no tempo, sem que cometa um falso artístico ou histórico. A conservação do monumento é feita por uma jurisdição de proteção, que foi evoluindo como é descrito nas Cartas internacionais para o restauro de monumentos históricos, observando-se assim que a conservação é uma disciplina de valores evolutórios ao longo da história da arquitetura.

Desde a primeira ocupação do Convento, é notável a qualidade de isolamento da implantação e das atividades deste espaço. Num lugar onde à sua volta existiam apenas hortas e pomares, as jovens e viúvas demonstravam a sua predisposição para o recolhimento, de comunhão com a natureza, nas hortas e na clausura, tendo vindo a tornar-se na sua maioria religiosas do Convento então fundado.

No entanto, na morfologia urbana, o lugar encontra-se hoje rodeado por um complexo tecido urbano consolidado, isolando-o para o resto da cidade, remetendo para uma solução de transformação de retoma de valores do passado mas, também, de novos valores que o façam pertencer ao presente. Desta forma, a análise histórica feita anteriormente permite compreender a importância dos espaços, a evolução da construção do conjunto conventual e hospitalar e as vivências dos mesmos pretendendo, consequentemente, uma melhor capacidade de requalificar o conjunto arquitetónico, não só de valores presentes de um lugar mas também de memórias da cultura que existiu.



43 - Claustro

4. O projeto da Escola de Gastronomia

4.1. Situação atual e oportunidades

Atendendo à análise feita nos capítulos anteriores, apresentou-se necessário estabelecer a vocação desta análise aplicada à realidade do projeto. Com o futuro encerramento dos hospitais, o projeto em estudo está hoje em debate para decisão da nova ocupação, sendo que a Câmara Municipal de Lisboa pretende a regeneração desta área central da cidade, referindo os hospitais como “uma oportunidade para a introdução de novas funções urbanas”. No entanto, permanece em debate a futura ocupação destes, chegando a ser questionado o vasto património classificado e por classificar, ameaçado com as novas ocupações³⁶. O projeto pretende, assim, explorar as várias oportunidades de nova intervenção e ocupação, na estima da memória do que foi, mas também na imanência, a transformação do conjunto para o que poderá vir a ser, salvaguardando, contextualizando e inovando os seus valores face à cidade de hoje.

Numa primeira abordagem, tornou-se relevante perceber os conceitos do espírito do lugar, do espírito do tempo e do fenómeno das permanências, para a constituição de uma base teórica de valor que permita continuar este conjunto para o presente, valorizando a memória social, cultural e política passada do lugar.

Precedeu-se, à análise da história do lugar, da sua evolução e das relações que se estabeleceram com as principais vias da Rua de Santa Marta e da Avenida da Liberdade, nas acessibilidades e nas atividades humanas.

Ainda numa análise presencial verificou-se, na Rua de Santa Marta, a existência de estruturas de atração cultural, assim como zonas de restauração e de comércio, que culminam nas Portas de Santo Antão e no Teatro Nacional de D.Maria II e, portanto, uma oportunidade do projeto ser também um pólo de atração cultural para a rua. A proximidade da área empresarial do Marquês de Pombal e Avenida da Liberdade permite a extensão de uma área empresarial para o conjunto. A proximidade dos hospitais Miguel Bombarda e Capuchos,

³⁶Coelho, A. P. (2010). O que fazer aos antigos hospitais de Lisboa? *Público*.

também de previsto encerramento, sugere uma ligação que confira um novo carácter à Colina de Sant'Ana, unificando estes espaços através das atividades neles desenvolvidas, ligando-se mais à cidade e fortificando a unidade que eles representam.



A proposta de intervenção para o conjunto arquitetónico em análise, localizado no centro urbano da cidade de Lisboa, surgiu como oportunidade de transformar o antigo complexo conventual e atual hospital num espaço que pudesse oferecer mais à cidade. Uma ocupação que se conjugasse melhor com a cidade, de maior relação com as atividades e rotinas das pessoas no seu envolvente, mantendo a sua memória de introspeção, de interiorização e de limites bem definidos, mas que também oferecesse mais espaços de recreio para a cidade. Como estratégia

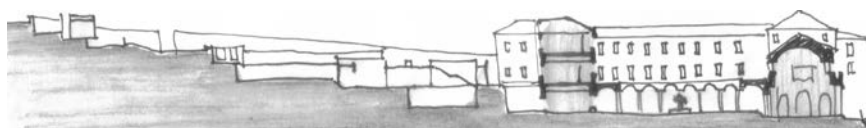
de projeto, pretende-se recuperar a memória da área de espaços verdes que o Convento possuía anteriormente, mas criando uma maior relação destes espaços com o interior dos edifícios e entre a atividade dos referidos com o movimento exterior do conjunto, transformando os seus valores na resolução da situação deste tempo presente.

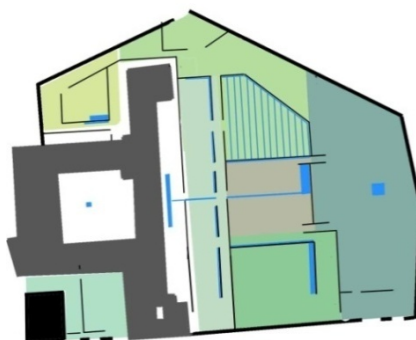
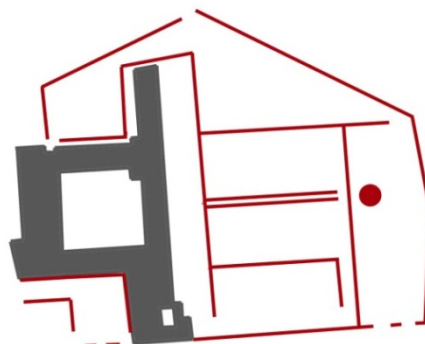
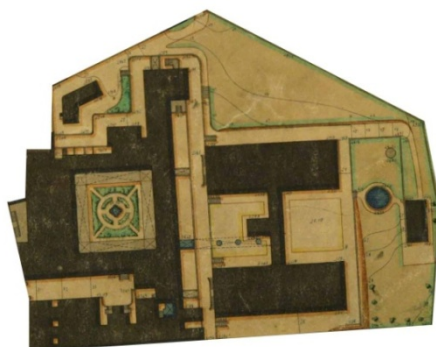
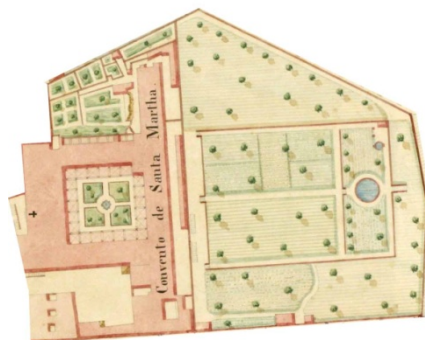
Propõe-se como programa do projeto uma Escola de Gastronomia, um programa heterofuncional, como oportunidade de ligar cidade-jardim-edifícios, desde a produção que é feita nos jardins da cerca, na execução do produto nos edifícios e sua divulgação para a cidade. Ao incorporar a escola à história do conjunto arquitetónico, pretende-se valorizar as memórias conventuais e hospitalares, tanto na organização e estruturação dos espaços interiores do edificado, como nas atividades que nele decorrem. Importa também incluir a ligação à memória gastronómica relacionada com as ordens religiosas, responsáveis por grande parte da doçaria portuguesa como, também, a análise laboratorial do produto e consequente melhoria da sua qualidade, sendo as diferentes vertentes programáticas determinadas consoante o estado de conservação dos seus interiores, na sua capacidade espacial e dependência com os jardins de cultivo.

4.2. O Convento, o Hospital e a Escola de Gastronomia

Pensando este lugar como produto de vários tempos - e que hoje resulta num complexo heterogéneo sistema urbano, no qual não é possível estabelecer uma ordem ao nível da arquitetura como pretende o *Genius Loci* - o projeto não procura restituir a identidade unitária da cidade, mas responder ativamente na vida quotidiana deste lugar. No entanto, pretende estabelecer uma identidade coletiva do lugar, nas suas vivências, explorando o seu carácter na definição de uma intervenção, assim como a memória da história, clarificando os valores do património e continuando-o para o presente.

45 - Corte longitudinal do projeto (esquemático)





46 - 1ª Planta de Convento (1850); 2- Planta do Hospital (1910); 3- Diagrama "memória dos espaços"; 4- Diagrama "imanência nos espaços"

Com a Escola de Gastronomia a cidade ligar-se-á ao projeto através da atividade dos edifícios e dos jardins, indo para além do construído, criando um sentido de dever e pertença para com a sociedade. Assim, como metodologia de projeto, procurou-se a ligação da cidade nas três fases de atividade da escola: (i) a produção, feita nas áreas verdes da cerca conventual de hortas, vinhas e pomares, (ii) a execução do produto, fazendo parte as salas de aula, de investigação, workshop e zona empresarial e (iii) a divulgação do produto, tanto na cantina social, no restaurante, como na casa de chá e mercado.

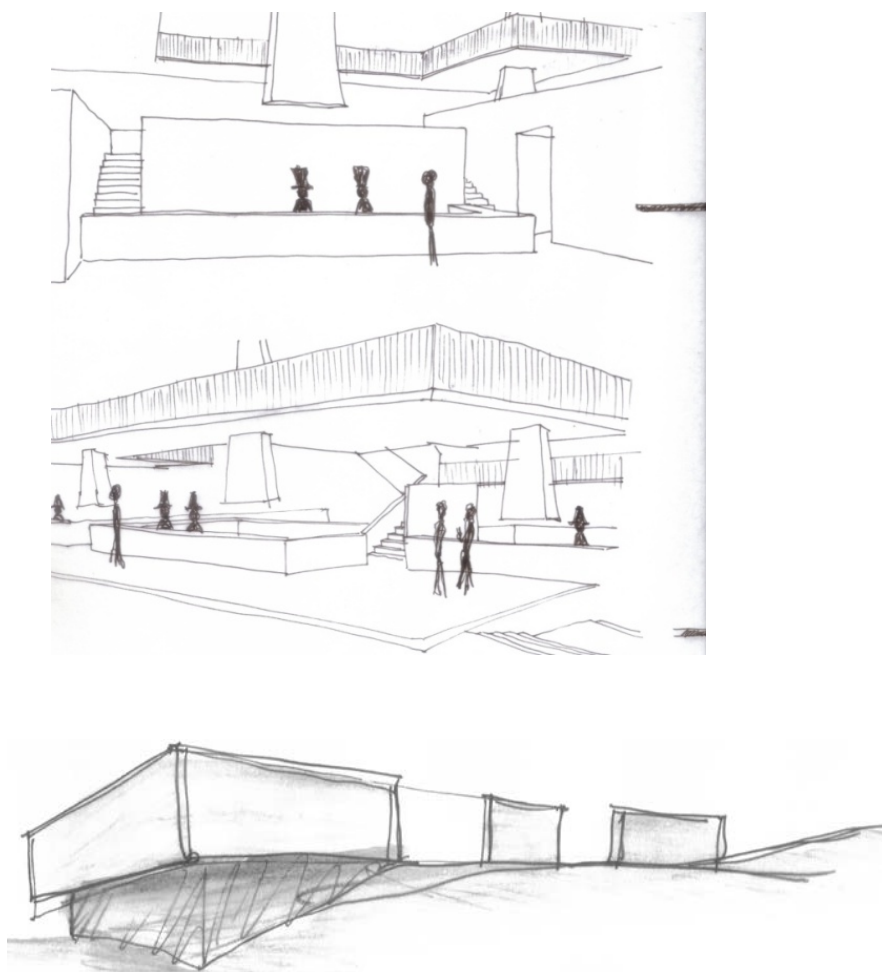
No entanto, como estratégia de projeto, as duas naves hospitalares, construídas no início do século XX, dão lugar a um maior espaço público para melhor usufruto das áreas de cultivo e recreio assim como se optou por demolir o bloco de consultas externas construído nos anos 70, para a constituição do mercado, o ponto de maior contacto com a cidade e de maior eficácia na divulgação do produto da escola.



47 - Diagrama: a azul as demolições da proposta de projeto.

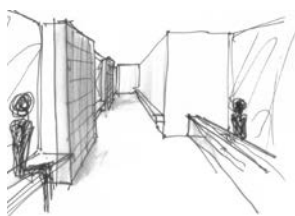
Também como estratégia de melhor ligação de atividades, três novas construções simulam o quebrar da cerca conventual, os pontos de conexão entre o interior e o exterior do conjunto. Os edifícios surgem, então, entre os muros da cerca e da divisão dos jardins, querendo pertencer a este lugar mas acrescentando-lhe novos valores.

De frente de fachada para a Rua de Santa Marta, situa-se o edifício do mercado. Acede-se ao seu interior ao nível da rua, num gesto simbólico da cerca “que se eleva” para divulgação do produto da escola e do cultivo. Espaço de venda de produtos confeccionados na Escola é disposto por bancadas de padaria e pastelaria, refeições quentes e frias, bebidas naturais e espirituais e ainda outras, de produtos não alterados, como frutas e vegetais, produzidos nos jardins da Escola. No primeiro piso e terraço são disponibilizadas zonas de estar que podem acolher diversas actividades consoante a função que se pretende do mercado.

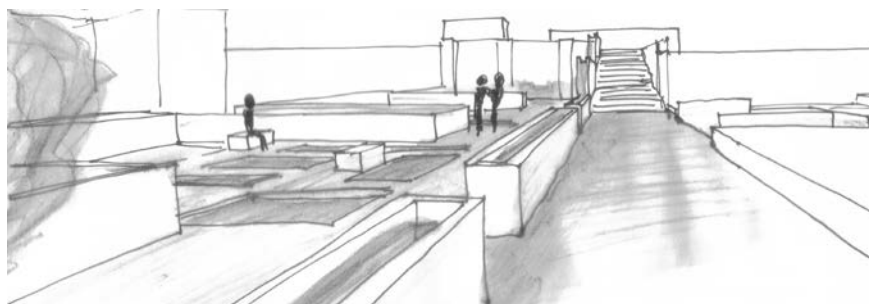


48 – Desenho de perspectivas do edifício do mercado.

Mais a nascente, entre o conjunto arquitetónico histórico e os jardins, o edifício de laboratórios de investigação conecta estas duas atividades. Um edifício que depende fortemente da atividade da área agrícola, para a qual há acesso direto através do seu interior, o que acentua a conexão entre edifício e jardim. Aqui, apresentam-se cinco diferentes salas de investigação ligadas à produção, alteração e confeção do produto alimentar. Na sua maioria, essas salas são ainda inexistentes em Portugal, e de extrema importância para um melhor conhecimento do produto a ser confeccionado, como refere o Chef Fábio Bernardino³⁷, Professor da Escola de Hotelaria e Turismo do Estoril. Presentes neste edifício: o laboratório de Tecnologia Alimentar, onde são estudadas as técnicas relativas aos processos de industrialização do produto; o laboratório de Análise Sensorial, onde através dos sentidos humanos são avaliadas as características ou atributos de um produto por meio de um grupo de provadores; o laboratório de Enologia, que abrange todo o processo relativo à produção do vinho desde o plantio, escolha do solo, vindima, produção e envelhecimento; o laboratório de Química alimentar, onde é estudada a química do processamento dos alimentos; por fim, o laboratório de Microbiologia, onde são estudados os fungos e as bactérias existentes nos produtos. Ainda na cobertura do edifício, por onde se dá o acesso através do seu interior, os magníficos Jardins dos sentidos, onde através do tato, olfato, visão, paladar e audição são apresentados quatro jardins que pretendem criar uma maior intimidade com o Homem, de o deixar conhecer e familiarizar-se com os jardins da cerca. Jardim com referências no Parc Andre Citroen, em Paris, onde o arquiteto Gilles Clement procurou através da cor, da textura e do cheiro criar esta maior relação com os cinco sentidos humanos.



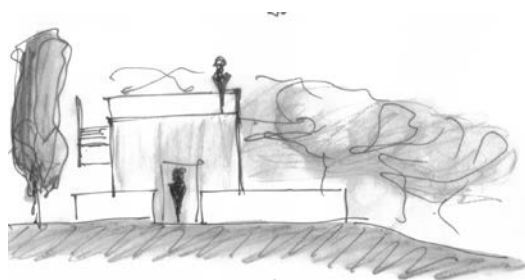
49 – Desenho de perspetiva do edifício de laboratórios.



50 – Desenho de perspetiva no acesso aos jardins dos sentidos.

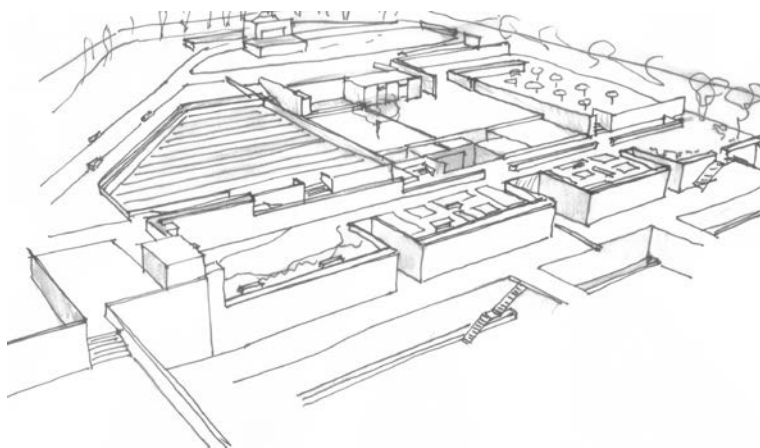
³⁷ Bernardino, C. F. (12 de Fevereiro de 2013). (A. Cabanas, Entrevistador)

Ainda a nascente, junto ao muro da cerca, o miradouro que espreita por cima do bosque, faz a ligação do jardim com a cidade. A fim de quebrar o grande quarteirão incompleto das Avenidas Novas, o percurso para o miradouro é continuado por um corredor verde que rompe a cerca conventual estabelecendo, deste modo, a ligação com a cidade. Este gesto procura convidar a população ao usufruto do bosque interior da cerca, assim como ao miradouro que nele se impõe para Lisboa, tendo este que como função a coleta da água proveniente da chuva, assim como em tempos se coletava no Convento, para abastecimento das áreas agrícolas.



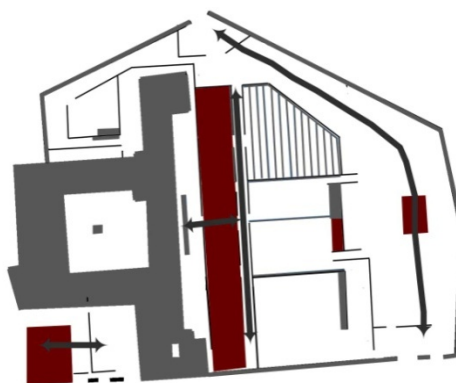
51 – Desenho de perspectiva do miradouro.

Também no interior da cerca, muros surgem para a limitação dos diferentes espaços, que se encerram para o seu interior (introspeção, clausura) mas que fazem descobrir a sua totalidade, à medida que se sobe a colina e se abre o horizonte. Os jardins, delimitados por muros, vão sendo contornados e surgindo entre os novos edifícios, sendo definida a sua localização de acordo com a dependência do seu produto para as atividades da Escola. Tal como no Convento, a água funciona como elemento unificador, começando por ser coletada no miradouro, percorre os jardins de acordo com a necessidade do seu alimento e caindo por fim, numa represa na frente do claustro, pretendendo-se unificar com a sua fonte histórica.



52 – Desenho de perspectiva para os jardins.

53 - Diagrama com os novos edifícios a vermelho e as ligações que estabelecem.



Todo o projeto é assim entendido como uma zona que, conectando a atividade de gastronomia com as do lugar envolvente, clarifica a memória do que foi, ativando-a para o presente e continuando a sua narrativa para o futuro.

Ao repensar os elementos de ligação entre a cidade, o conjunto arquitetónico e os jardins, restitui-se quer a memória de valores físicos quer de atividades, a gastronomia e o jardim, de extrema presença no Convento e, ainda, o convite de participação da cidade no vasto programa de restauração, mercado, cultural, investigação, empresarial e de formação.

Na reabilitação do interior do conjunto arquitetónico, optou-se por restituir os duplos pé-direitos originais como forma de clarificar o valor da memória destes espaços, resultando a solução em três pisos. Nestes, procurou-se manter a estrutura existente como testemunho físico do passado e acrescentar-se novos valores aos espaços já descaracterizados, como seguidamente será descrito.

No primeiro piso, ao nível da Rua de Santa Marta, apresentando-se a estrutura conventual em melhor estado de conservação, procurou-se enaltecer respectiva memória, com espaços de uso mais formais e de divulgação do produto. Um programa que se estende desde o mercado, até aos espaços que se acedem pelo Claustro, sendo que o restaurante e cozinha voltam a ter a mesma localização que tinham no Convento e os espaços culturais de museu e espetáculo ocupam, respetivamente, a sala do capítulo, igreja e coro-baixo.

No segundo piso, original da época conventual, acede-se ao grande terraço do claustro através dos corredores que o contornam, hoje bastante

descaraterizados com a ocupação hospitalar. Optou-se, então, por uma solução de maior transformação do espaço, mais flexível e, portanto, adequando o espaço ao uso que a escola pretendia dele, na produção do produto. No entanto, mantiveram-se as características comuns do Convento e do Hospital, a distribuição horizontal, que estabeleceu a organização do espaço. Um piso de maior transformação e que por isso, também contém o programa mais específico da escola: a cozinha principal com a mesma localização da cozinha conventual; o refeitório social, que pretende também dar uma alternativa económica aos habitantes da cidade; as salas de aula e de workshop, com uma estrutura flexível que permite a sua adaptação às suas diferentes utilizações; a biblioteca, construída no edifício hospitalar, por onde também se faz o acesso aos laboratórios.

O terceiro piso, construído por Curry Cabral na adaptação a Hospital, é um piso de investigação, onde as atividades se desenrolam no interior das salas, unidas pelos longos “corredores hospitalares”. Neste piso, encontram-se atividades que permitem menor interação ou dependência entre salas, de investigação e de administração da escola, assim como de espaços de ateliê de aluguer para entidades que poderão ser exteriores à escolar.

Em suma, apresenta-se uma organização que começa no rés-do-chão por ser de divulgação do produto e de convite à cidade, com espaços formais de exposição e restauração apresentados pela secular estrutura da pedra conventual. Continuando, projeta-se para o segundo piso, um ambiente mais escolar de produção, de convívio e investigação, de grande circulação e dependência entre as actividades interiores e os jardins. Acedendo ao último piso, preserva-se a memória hospitalar (Domingues, 2011 Vol.92/93), com uma circulação feita por corredores mudos que não divulgam o que se passa no interior das divisões. Uma memória que é clarificada através dos fragmentos do passado, valorizando a ocupação conventual e hospitalar e continuando a construir com a nova ocupação, a Escola de Gastronomia, programa que permite unir a história e transformar os valores do lugar de Santa Marta.

5.Considerações finais

A memória na arquitetura será tanto mais forte quanto mais identitário for o lugar. No entanto, com as diversas intervenções, os edifícios, assim como as cidades, vão sendo palco de inúmeros acontecimentos, costumes, crenças ou práticas sociais, do qual resultam diversos fragmentos temporais que não permitem uma imediata distinção de lugar para lugar. Desta forma, não sendo possível o restabelecimento da homogeneidade na arquitetura, a reabilitação deverá procurar a valorização da identidade do lugar nas singularidades dos acontecimentos urbanos do local onde atua (o *Genius Loc*).

A imanência na reabilitação surge, como tema de reflexão, no potenciar destas estruturas históricas para os acontecimentos urbanos do tempo presente. Assim, a transformação na arquitetura é desta forma entendida, não só como objeto material ou uma reconstrução daquilo que o edifício foi mas também, como uma construção cultural do tempo para a realidade contemporânea. Como abordado no *Zeitgeist*, a arquitetura deve ser vista como a oportunidade de gerar vivências do espaço, da cultura e dos costumes, de criar novas valências para o enriquecimento das actividades e ambiências urbanas. No entanto, não tem necessariamente de ser uma arquitetura de espectáculo ou impressionante, mas que se consiga, através da sua capacidade, intensificar as práticas sociais.

Localizado no centro da cidade de Lisboa e estando previsto o encerramento da atividade hospitalar existente, o projeto em estudo pretende acrescentar novo valor à memória conventual e hospitalar, através de uma maior ligação entre as valências do conjunto e com a cidade. A Escola de Gastronomia proposta, explora os valores da história, não só através da capacidade de adaptação da estrutura física presente mas, também, transformando as suas antigas ocupações em atividades atuais contemporâneas espacialmente relacionadas, que permitam a continuação viva desta estrutura, trazendo valor à cidade e intensificando a vivência urbana e a identidade do lugar de Santa Marta.

Finalizando, fica o desejo de que com esta reflexão e consequente projeto sobre a *memória e imanência na reabilitação*, o objeto não seja apenas capaz de existir fisicamente, mas sobretudo que faça recordar as suas ocupações anteriores assim como que esta nova ocupação venha a receber outras adaptações que permitam continuar a história do lugar de Santa Marta.

" (...) vivemos num tempo de "obsolescência acelerada" que decorre da velocidade, da complexidade e da imprevisibilidade dos processos de mudança social. Mudam as tecnologias, mudam os processos de produção, distribuição e consumo, mudam os estilos de vida, etc. A forma urbana é muito mais do que o contentor destas mudanças, é o seu produto e agente de transformação"

Álvaro Domingues (2011, Vol.92/93)

Este documento contém 12.846 palavras.

6. Fontes Documentais

6.1 Bibliografia

Volumes

Araújo, Ilídio. (1962). *Arte Paisagista e a Arte dos Jardins em Portugal*. Lisboa: Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização.

Augé, Marc. (2005). *Não lugares, Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Lisboa: 90 Graus Editora.

Caeiro, Baltasar. (1989). *Os Conventos de Lisboa*. Sacavém: Distri Editora.

Campos, Nuno. Matos, Patrícia (2012) *Guia de Arquitectura – Espaços e Edifícios Reabilitados*. Porto: Traço Alternativo – Arquitectos Associados

Cesari, Brandi. (2006). *Teoria do restauro*. Lisboa: Edições Orion

Choay, Françoise. (2013). *Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70.

Cullen, Gordon. (2008). *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70

Garrett, Almeida. (2010). *Viagens na Minha Terra*. Porto: Porto Editora.

Goldberger, Paul. (2011). *A Relevância da Arquitectura*. São Paulo: Bei Comunicações

Lopes, Flávio. (2012). *Património Arquitectónico e Arqueológico - Noção e normas de proteção*. Casal da Cambra: Caleidoscópio

Libeskind, Daniel. Schneider, Bernhard. (1999). *Jewish Museum Berlin*. Munich: Prestel.

Lynch, Kevin. (1989). *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70.

Lynch, Kevin. (1972). *De que tiempo es este lugar?* Espanha: MIT Press

Matela, Raquel. (2009). *O papel dos conventos no crescimento urbano*. Lisboa: Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa. Tese de mestrado.

Norberg-Schluz, Christian. (1980). *Genius Loci, Towards a phenomenology of architecture*. Academy Editions.

Portas, Nuno. (2011). *A cidade como arquitectura*. Lisboa: Livros horizonte

Rossi, Aldo. (2001). *A arquitectura da cidade*. Lisboa: Edições Cosmos.

Seyffert, Oskar. (1904). *A Dictionary of Classical Antiquities. Mythology, Religion, Literature & Art*. London: Swan Sonnenschein and Co. Lim

Silva, Lígia. (2009). *A arquitectura dos conventos de clausura das clarissas em Portugal*. Corunha: Universidade da Corunha. Texto policopiado. Tese de doutoramento.

Smith, William. (1867). *A Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology*. Boston: Little Brown and co.

Veloso, Isabel. Barros, A.J. (1996). *Hospitais Cívicos de Lisboa- história e azulejos*. Lisboa: Edições INAPA.

Artigos

Ando, Tadao. (2001). Genius Loci. *ANYwhere* , p.100-105

Arquitectos, Jornal. (2007). Muralha Nazarí, Granada. *Jornal Arquitectos* 229 , p. 90-93

Arquitectos, Jornal. (2007). Peter Zumthor. *Jornal Arquitectos* 229 , p. 42-57

Cortesão, Luísa. (1995). O antigo Convento de Santa Marta. *Monumentos nº2* , p.66-71

Domingues, Álvaro. (Maio de 2011 Vol.92/93). Reabilitações Urbanas: Perspectivas Críticas. *arq a: Arquitectura e Arte* , p. 27-30

Durmus, Serap. (Vol.8 No.1). Change and Transformation in Architecture: On the Concept of Zeitgeist. *GBER* , p. 22-36

Eisenman, Peter. (Maio-Junho de 1995). AV Monographs. *Architecture and the "Zeitgeist": the Problems of Immanence* , p. 27-33

Moneo, Rafael. (2001). Murmury of the site. *ANYwhere* , p. 48-53.

Villaverde, Manuel. (s.d.). Rua das Portas de Santa Antão e a singular modernidade lisboeta. *Revista da História de Arte* , p. 143-144.

Documentos eletrónicos

Coelho, Alexandra. (2010). O que fazer aos antigos hospitais de Lisboa? *Público* . Obtido em 10 Maio de 2013, de www.publico.pt/noticia/o-que-fazer-aos-antigos-hospitais-de-lisboa-147061

Otero-Pailos, Jorge. (Vol.4, No.3 de 2000). *"Bigness" in context*. Obtido em 8 de Novembro de 2013, de www.oteropailos.com/pdfs/bignessincontext.pdf

Portugal, ICOM. (2011). *Preservação e Valorização do Património da Saúde na Colina de Santana, Lisboa*. Obtido em 8 de Novembro de 2013, de <http://www.icom-portugal.org/multimedia/ICOM-PatrimonioHospitalaJan11.pdf>

Schumacher, Patrick. (2012). *The Future is ready to start*. Obtido em 26 de Novembro de 2013, de Theory against theory: <http://theoryagainsttheory.wordpress.com/tag/zaha-hadid/>

Veríssimo, Ângela. (s.d.). *O Maneirismo em português*. Obtido em 1 de Outubro de 2013, de http://isa.utl.pt/campus/3w_manei.htm

(s.d.). *Zeitgeist*. Obtido em 12 de Dezembro de 2013, de Architectural Dictionary: <http://architecturaldictionary.org/dictionary/zeitgeist>

Vídeos

Eisenman, Peter. (2010). Lateness and the end of the crisis. (s. l. Conferência RSA, Entrevistador)

Eisenman, Peter. (2011). Project or Practice (s. l. Conferência Architecture Fall 2011 Lecture Series, Entrevistador)

Entrevistas

Bernardino, Fábio. (12 de Fevereiro de 2013). (Andreia Cabanas, Entrevistador)

6.2 Anexos

Desenhos Técnicos

Maquetas

Mais sobre os jardins da proposta de projeto

Esquissos

Mais sobre artigos consultados

Desenhos técnicos (reduzidos para folha de tamanho A3):

P04 Planta Cobertura e Corte Transversal Escala 1:500

P05 Planta Piso 0 cota 30.0 e Planta Piso 1 cota 33.5 Escala 1:200

P06 Planta Piso 1 cota 42.5 Escala 1:200

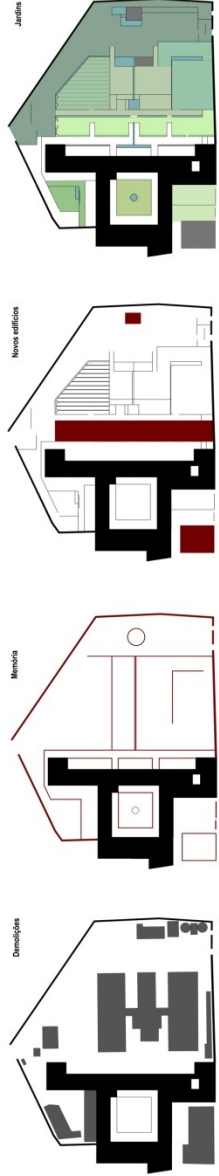
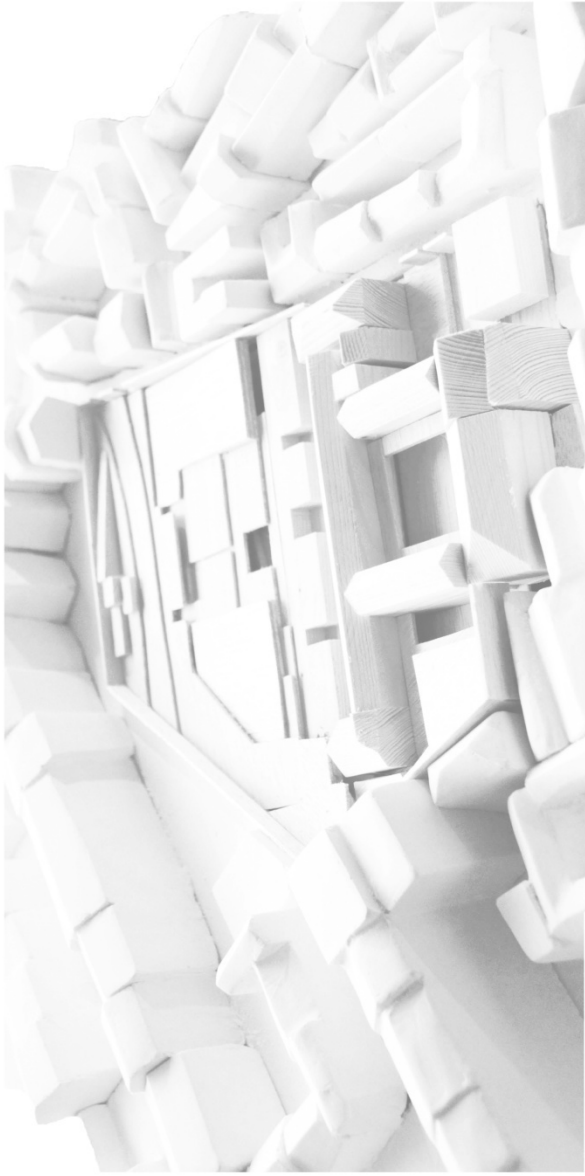
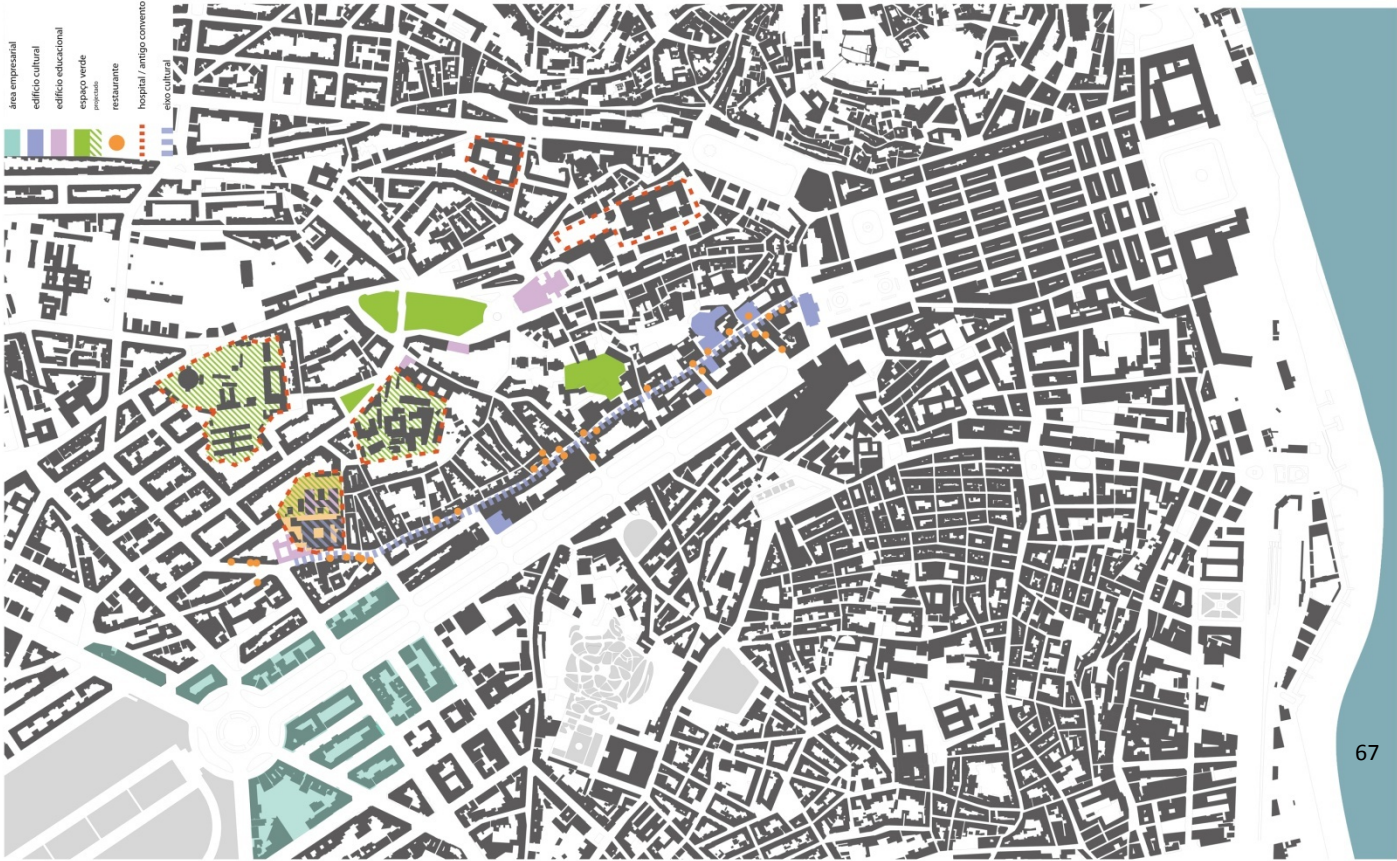
P07 Planta Piso 2 cota 48.5 Escala 1:200

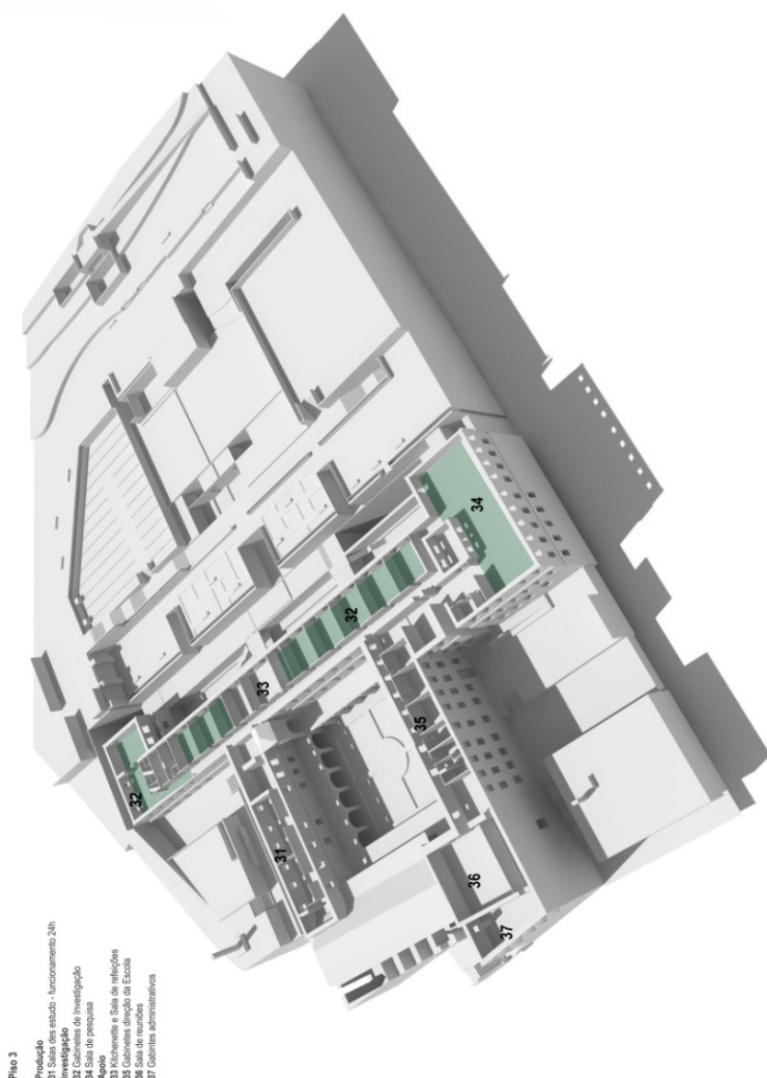
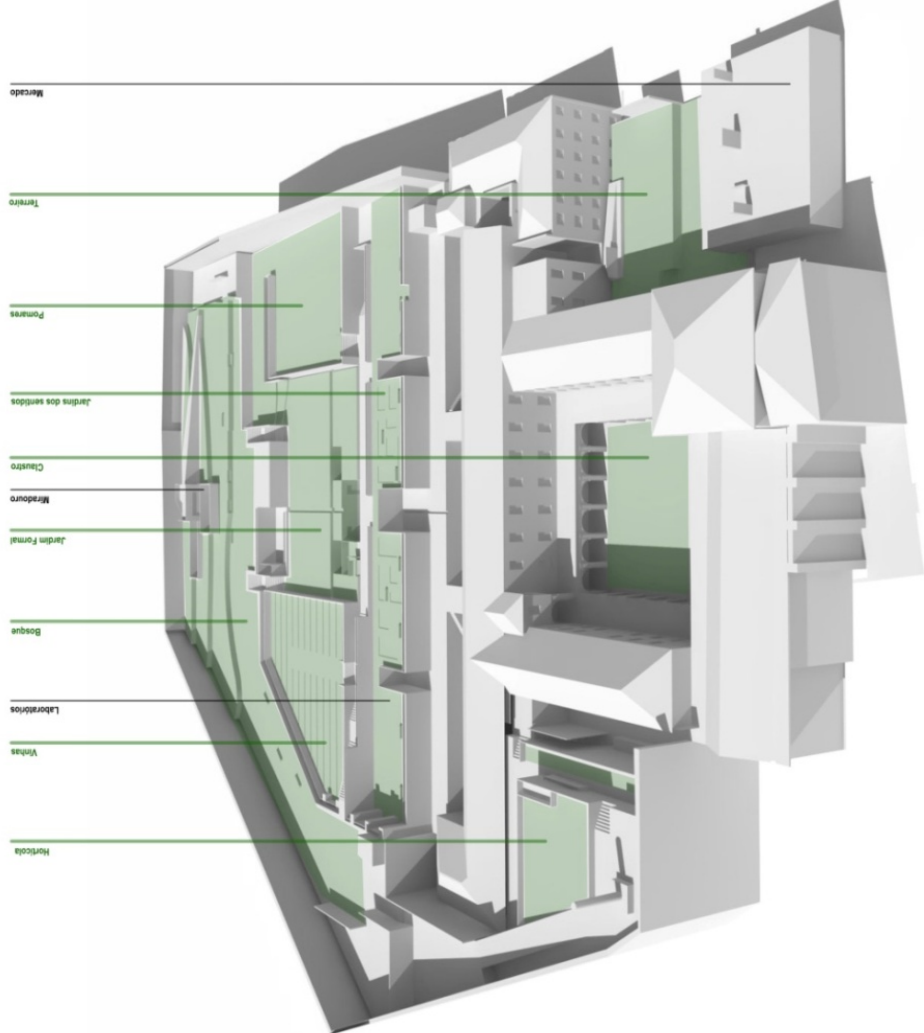
P08 Planta Cobertura Escala 1:200

P09 Alçado Sul e Alçado Poente Escala 1:200

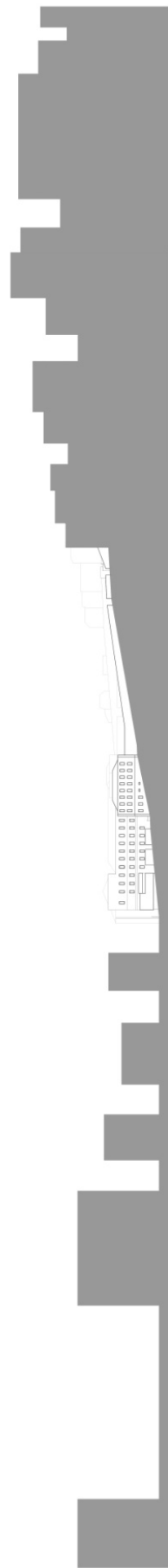
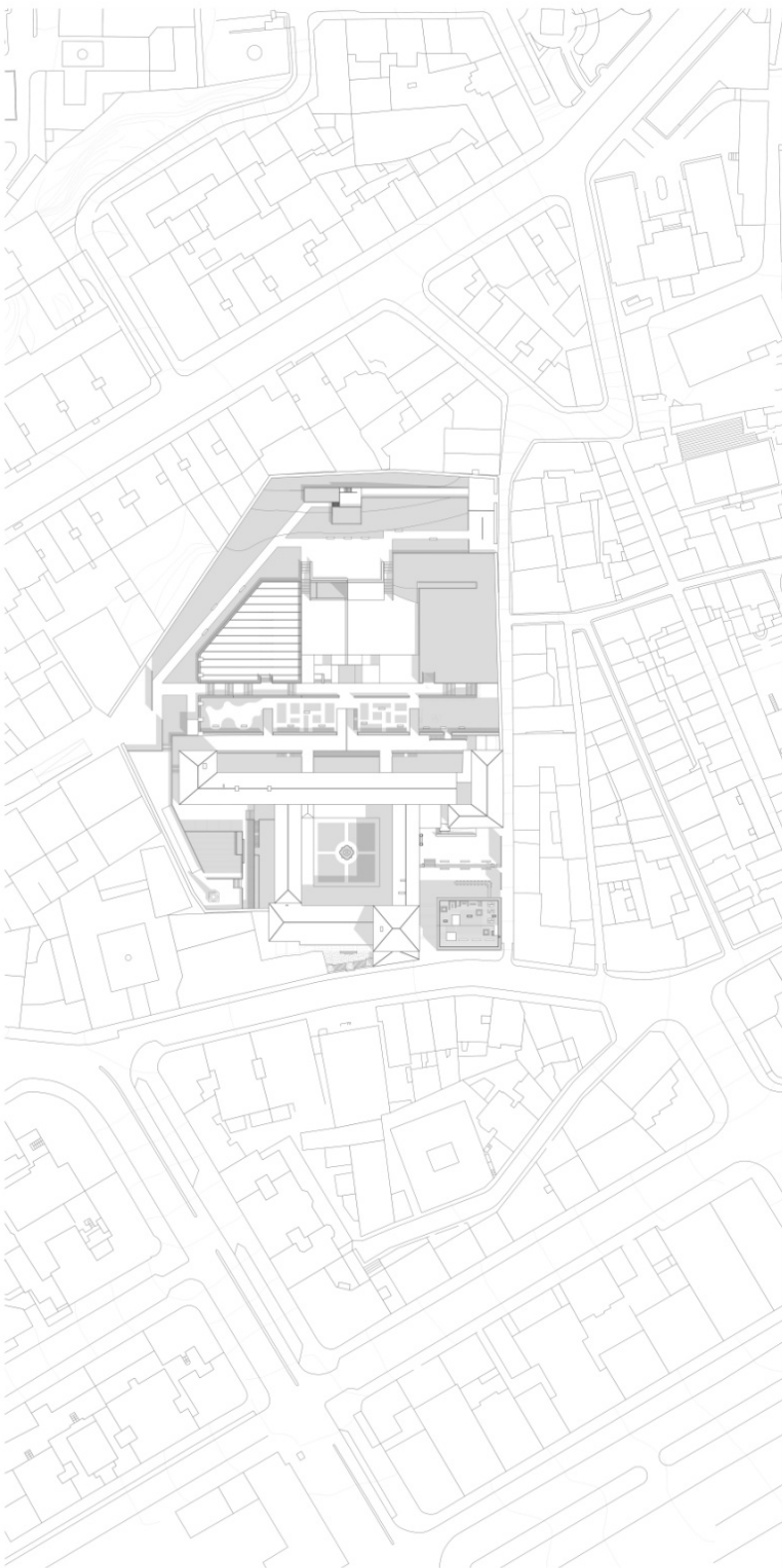
P10 Cortes Escala 1:200

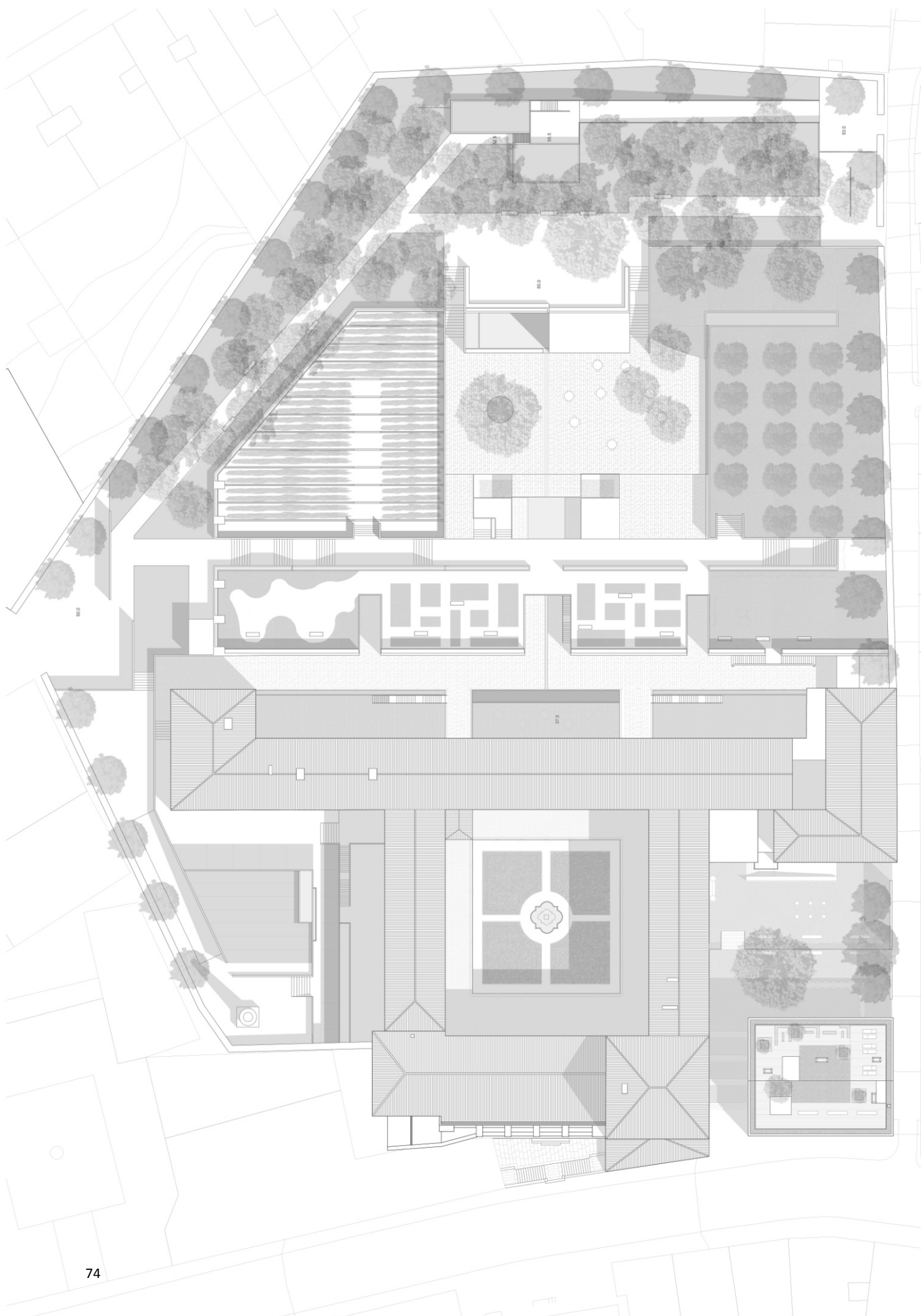
P11 Cortes Escala 1:200

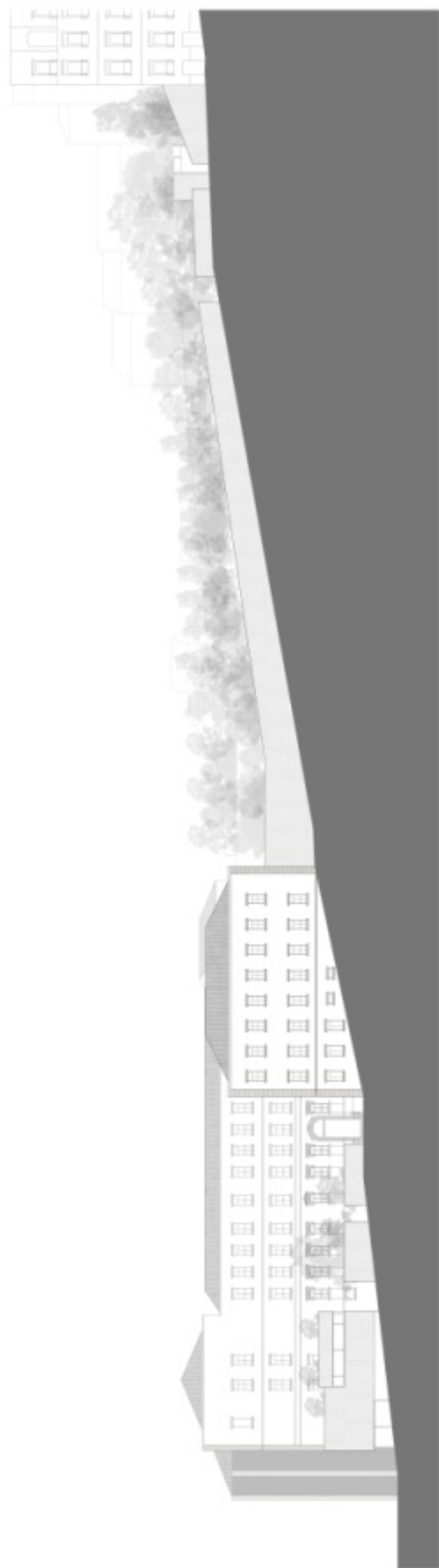


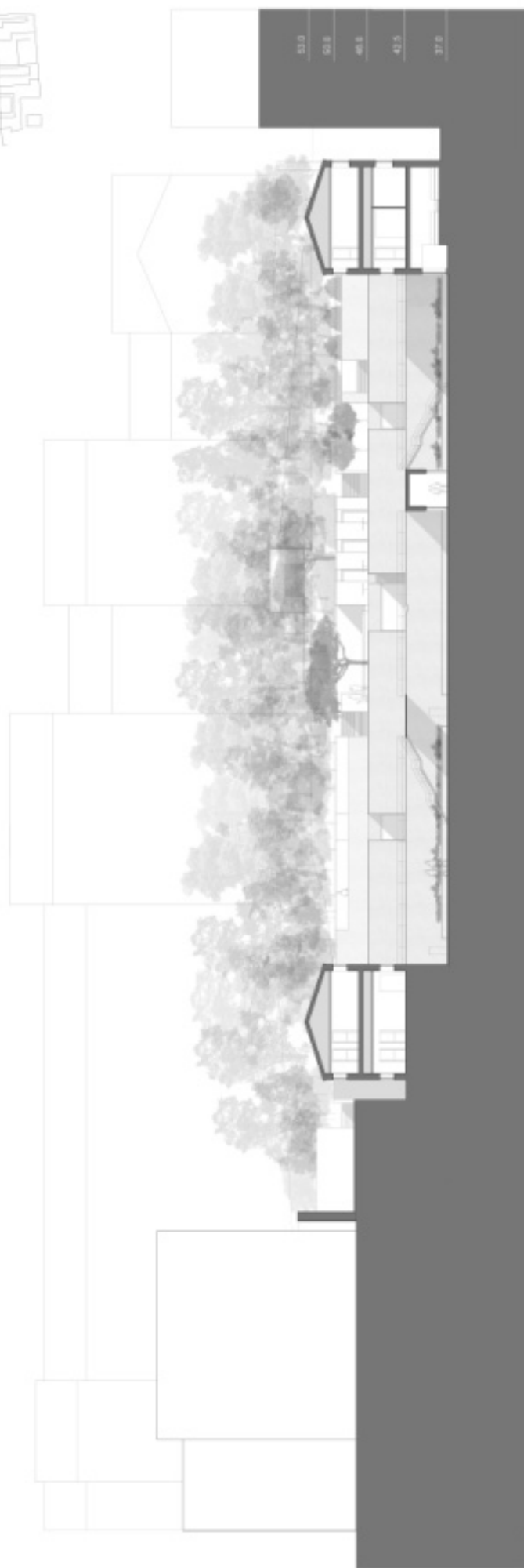
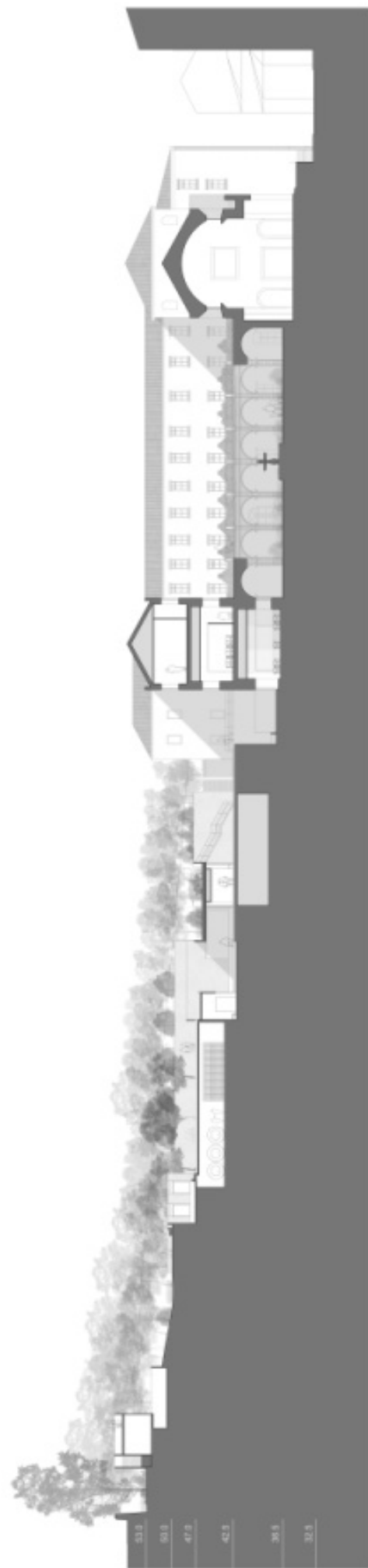


- Piso 3**
- 31 Sala de estudo - funcionamento 24h
 - 32 Sala de estudo - funcionamento 24h
 - 33 Sala de estudo - funcionamento 24h
 - 34 Sala de estudo - funcionamento 24h
 - 35 Sala de estudo - funcionamento 24h
 - 36 Sala de estudo - funcionamento 24h
 - 37 Sala de estudo - funcionamento 24h

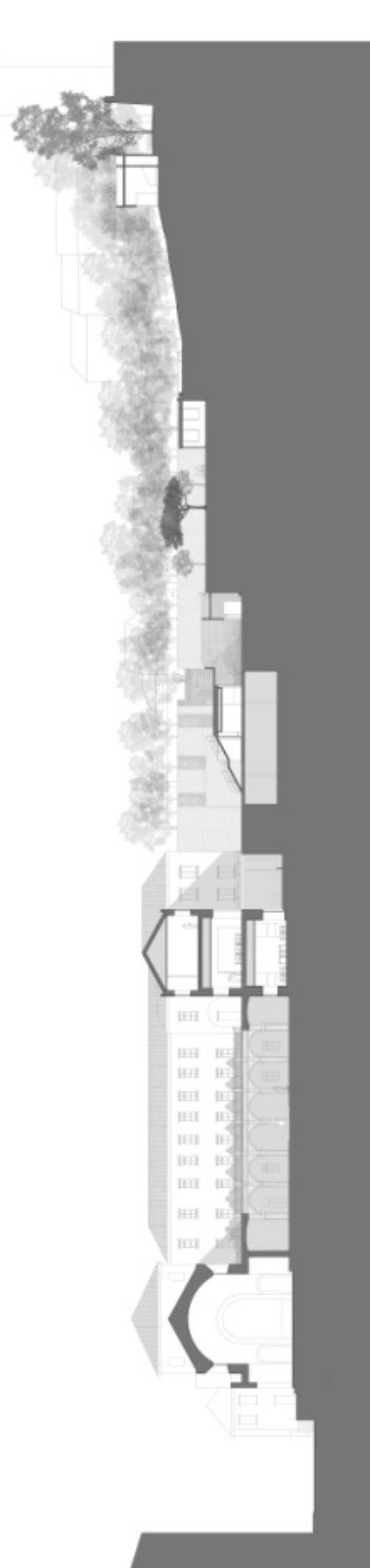
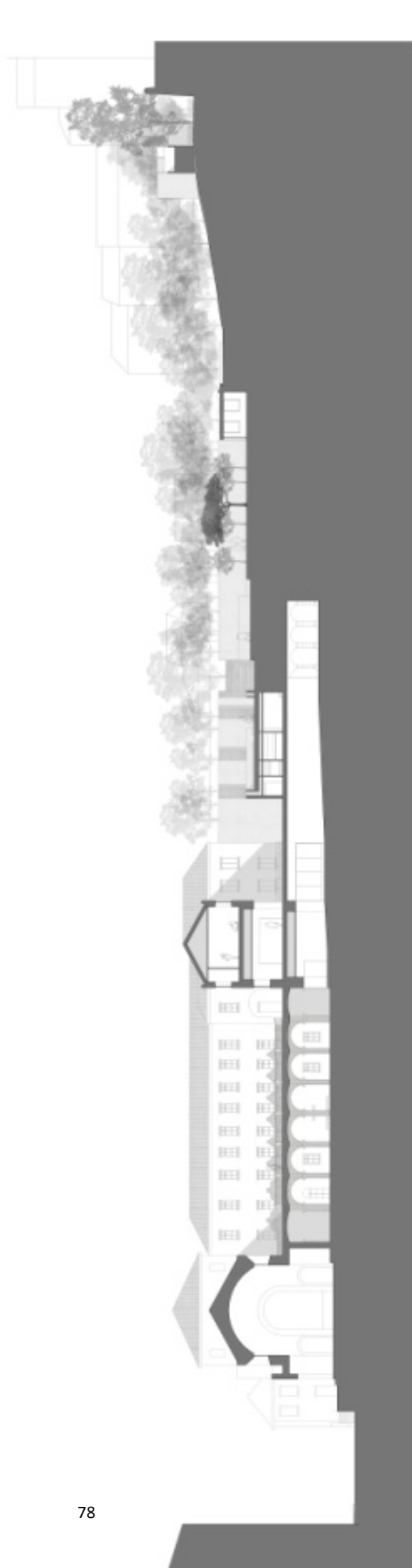








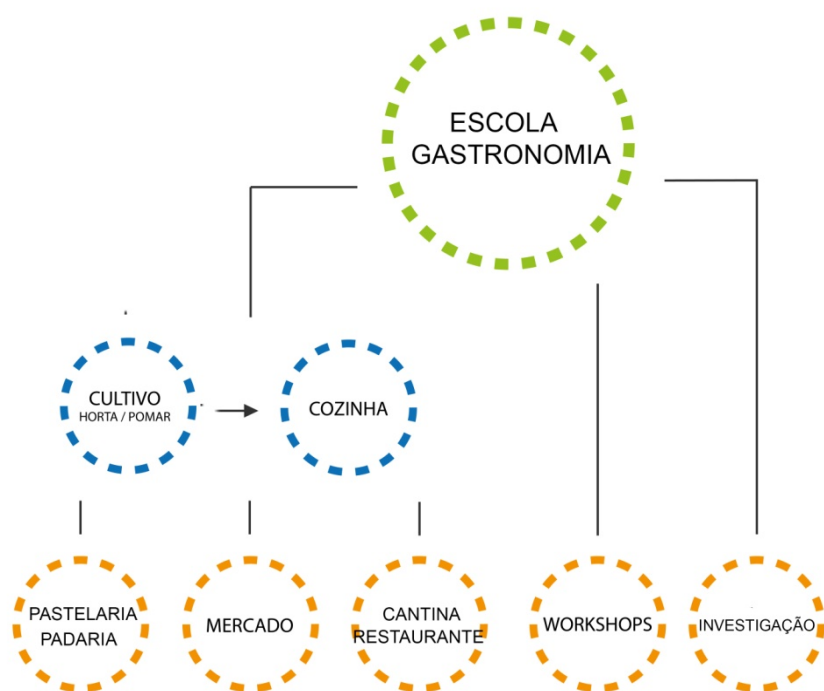






Correio de Notícias
P13



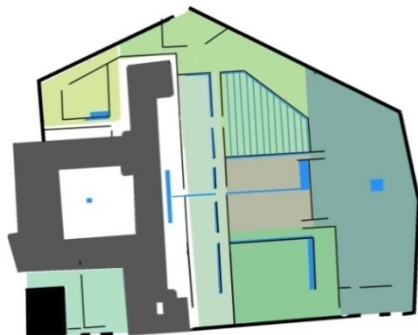


Maqueta





Mais sobre os jardins da proposta de projeto



Com base na memória da divisão estabelecida anteriormente nas hortas e pomares da cerca conventual e também, da antiga ocupação dos blocos operatórios hospitalares, constituíram-se assim os jardins da cerca:

O terreiro, colmatado pelas fachadas dos três diferentes tempos, conventual, hospitalar e o mercado, é o espaço de convite à cidade e de entrada na escola. Recebe múltiplas actividades entre elas, os jogos dos repuxos de água, jogos de chão para crianças, zona de estar e de refeição de apoio ao mercado.

No claustro é mantido o carácter íntimo e divino, apenas sendo feitas as obras de manutenção dos pavimentos e pedras e pintura das paredes, continuando o seu carácter de espaço de distribuição para os diferentes espaços da escola.

As hortas, localizam-se perto das cozinhas, tal como acontecia na época conventual, para o seu fácil acesso.

No bosque, o passeio pedonal, destinado à população, atravessa o conjunto arquitectónico permitindo quebrar o grande quarteirão existente.

Seguidamente o Jardim formal, que dividindo-se em diferentes espaços que recebem manifestações dos jardins em seu torno, faz a distribuição para os diferentes jardins. Um ponto de comunicação e reunião dos jardins, que convida a um tempo relaxante com os sons da água, da vegetação e na companhia de uma casa de chá, que divulga o que é produzido na escola.

Os pomares e as vinhas, são rasgados lateralmente pelos acessos aos laboratórios de investigação, que dependem fortemente dos produtos aqui produzidos.

Os jardins dos sentidos, de referência na ideia de Gilles Clément no Parc André Citroën em Paris, propõe uma reflexão através dos jogos de textura, olfacto, paladar, da visão e dos movimentos dos diferentes cinco jardins.

Esquissos

1. APENAS COM CONCRETO FÍSICO
DAS PAREDES EXTERIORES

2. ADAPTOU-SE DE QUASE
TODOS OS ESTÁGIOS CONVENCIONAIS
1
TRANSFORMAÇÃO DO INTERIOR

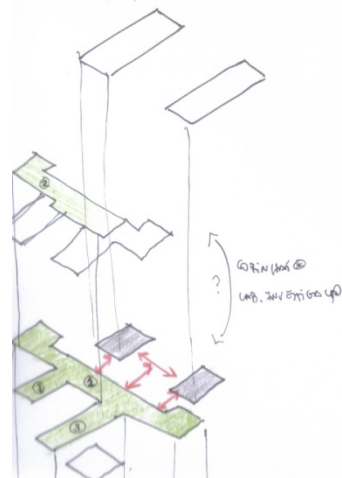


DIMENSÕES GASTRONÔMICAS

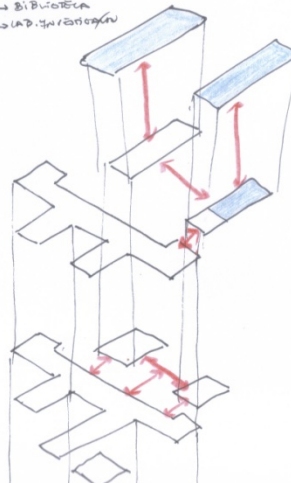
2ª DIVULGAÇÃO

TRANSFORMAÇÃO

APOIO



→ BIBLIOTECA
→ LAB. INVESTIGAÇÃO



→ SALAS DE AULA
→ LABORATÓRIOS

→ SALAS DE AULA

POSSIBILIDADE DE JANELA VOLTAR
A SER JANELA?

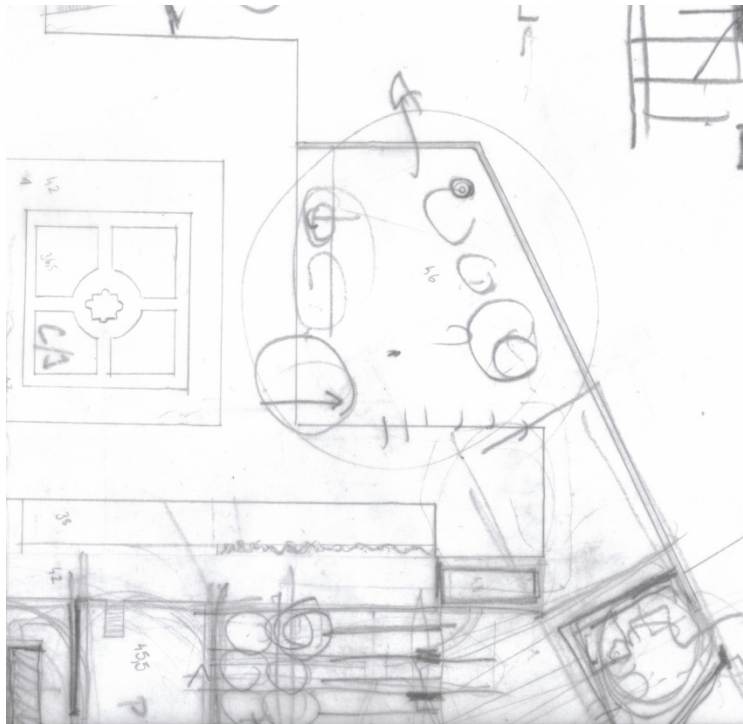
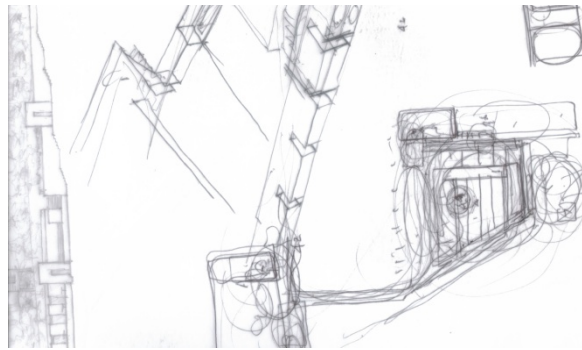
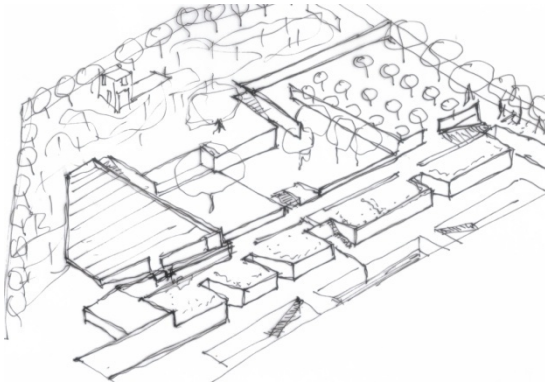
✓ ENTRADA/ACESSO + FÁCIL:

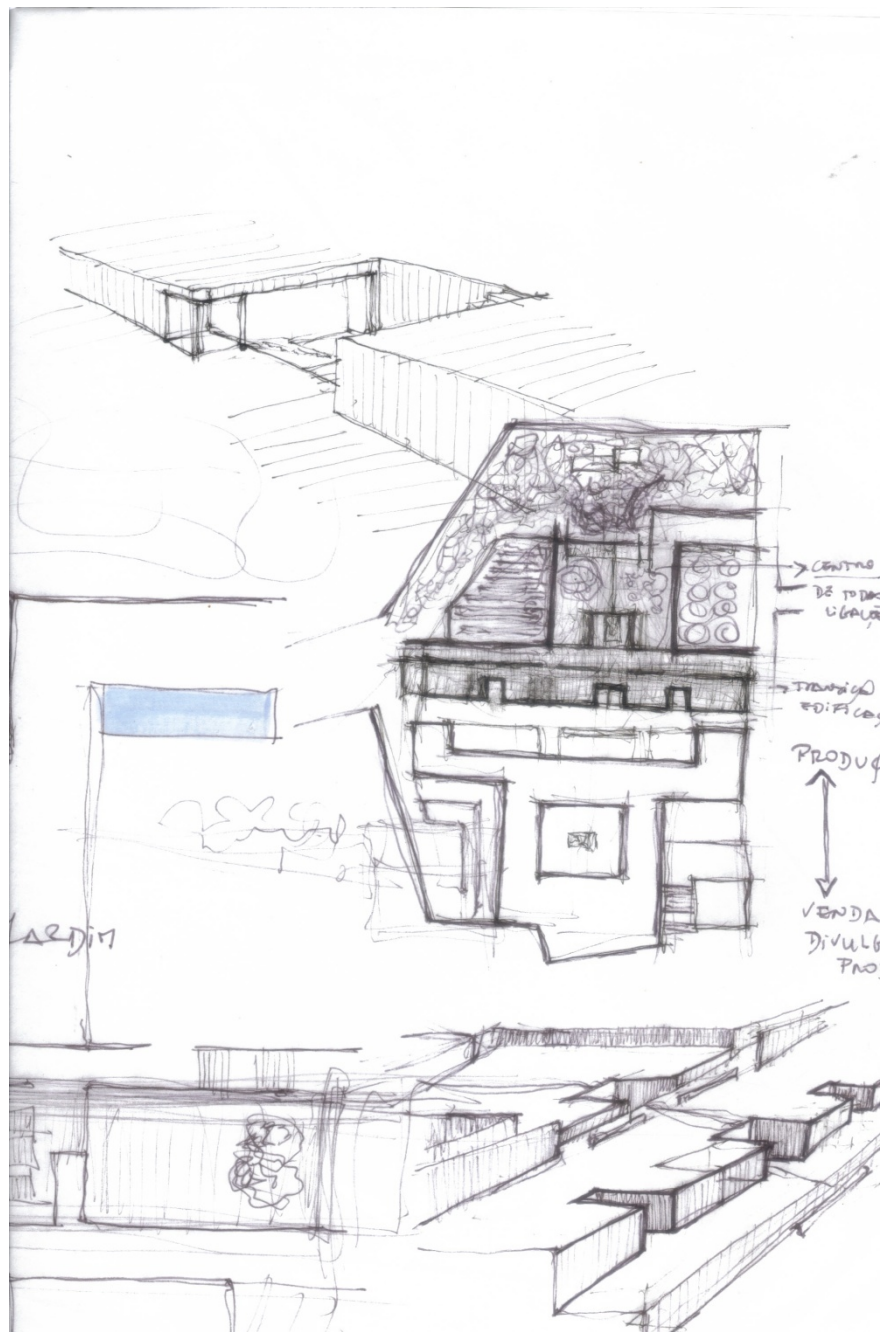
- 1: → RESTAURANTE
- MERCADO
- S. CONFERÊNCIAS
- 2: → WORKSHOPS
- BIBLIOTECA

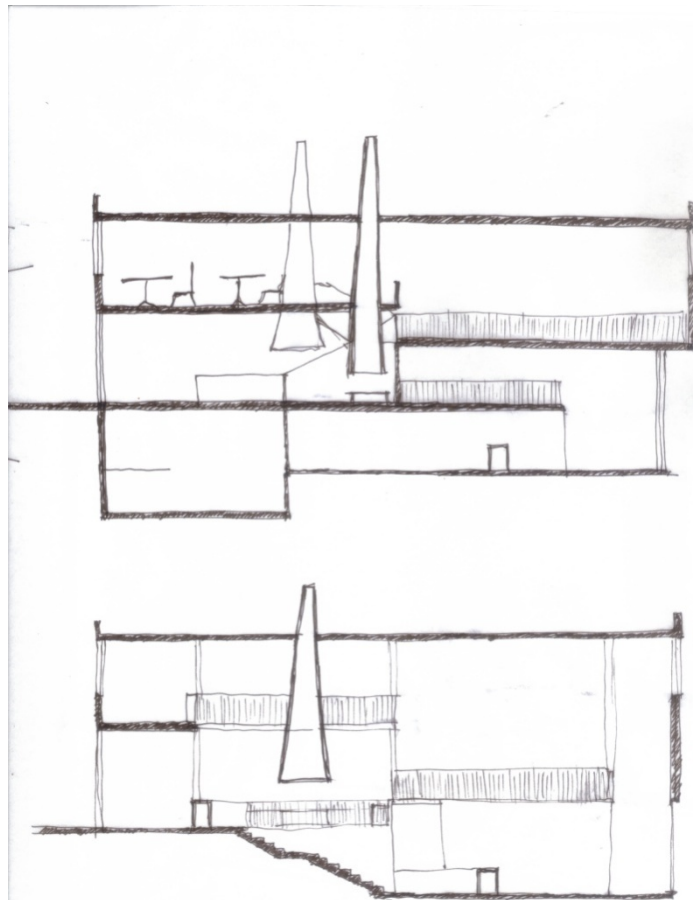
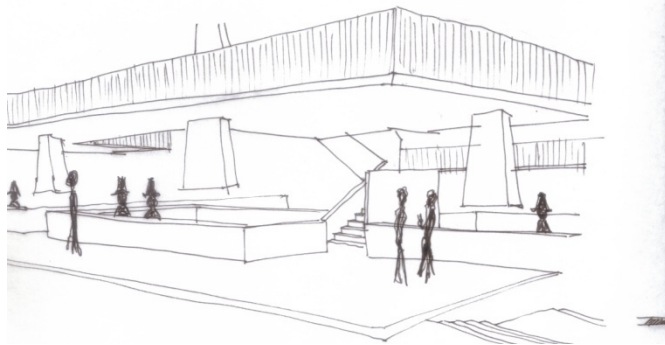
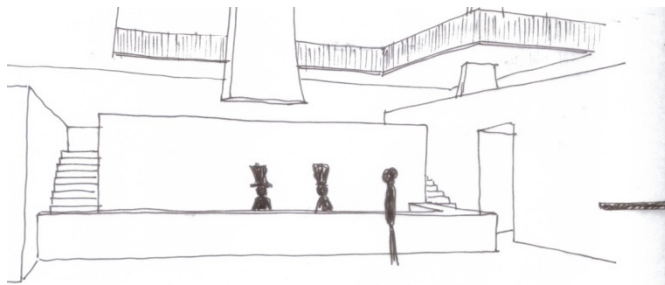
REVALORES:

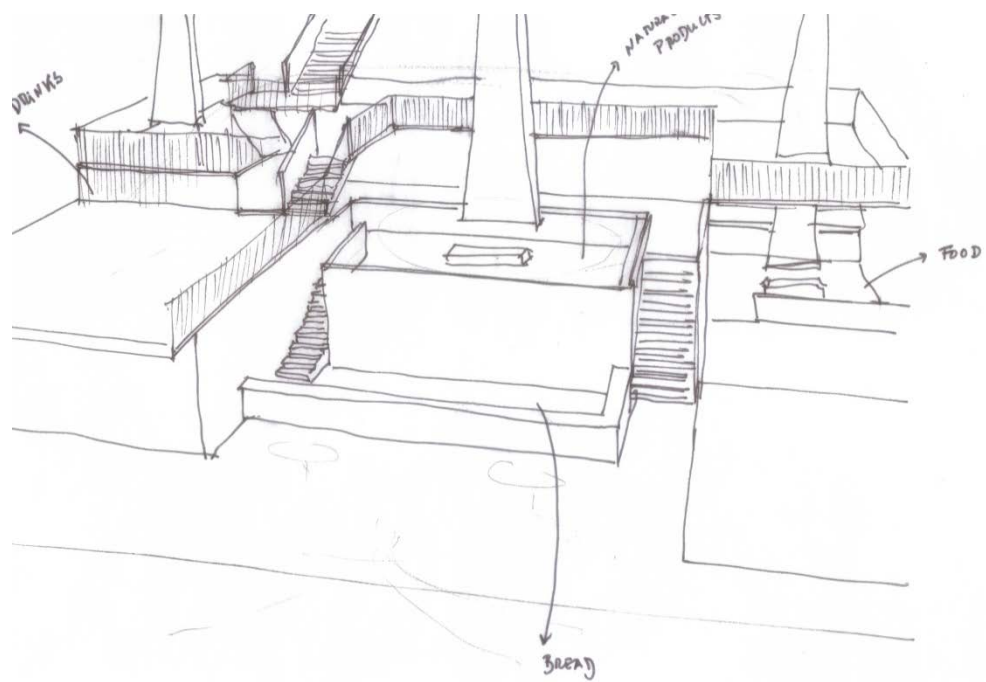




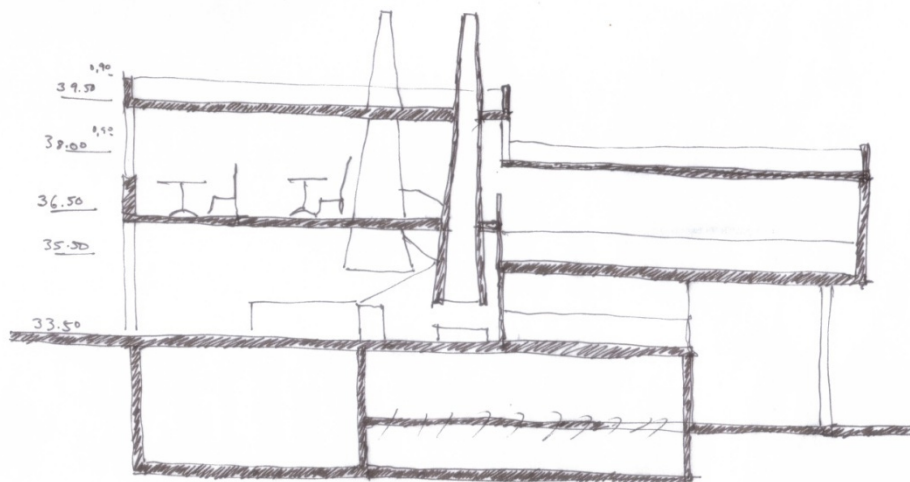


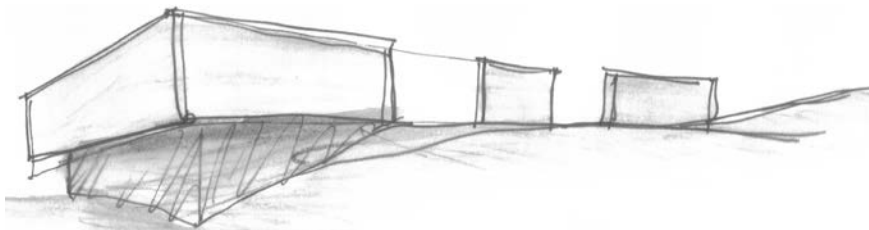
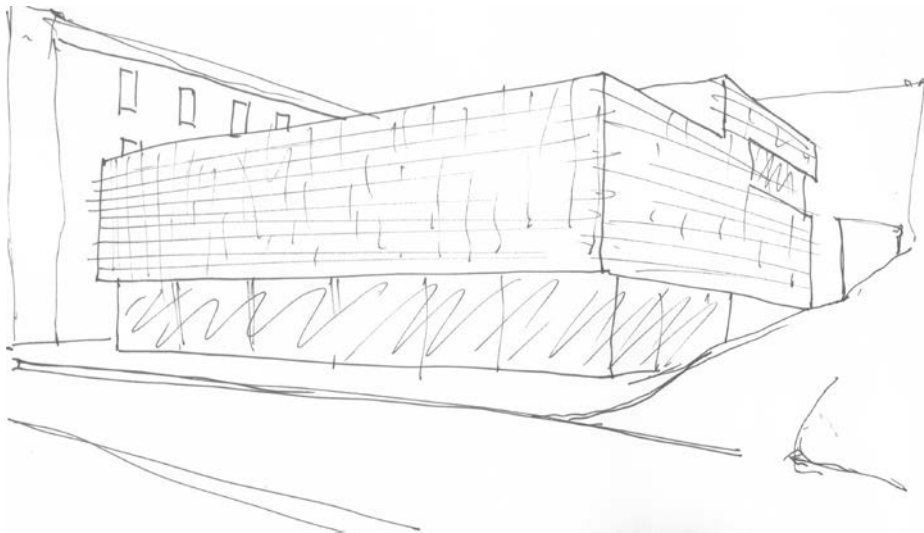


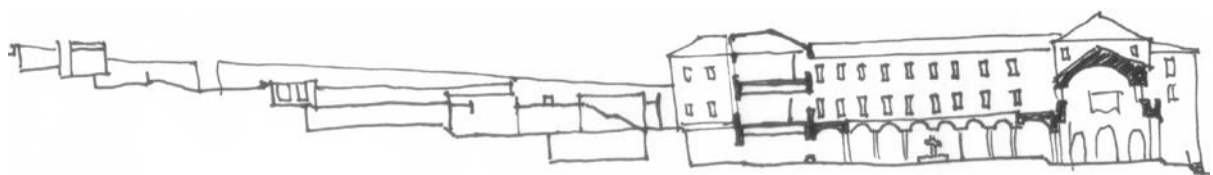
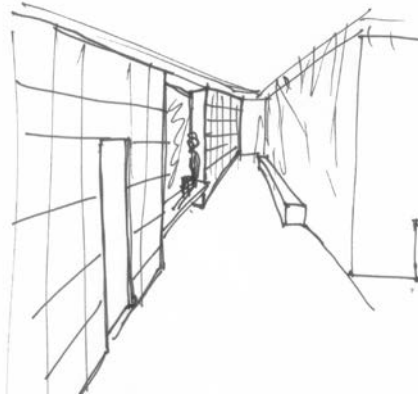
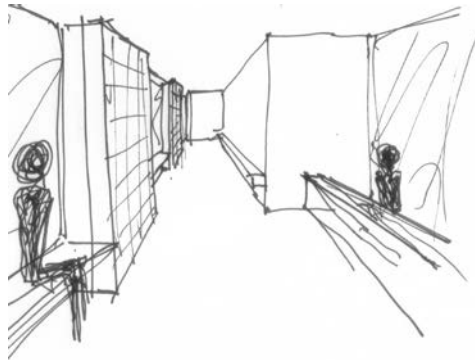


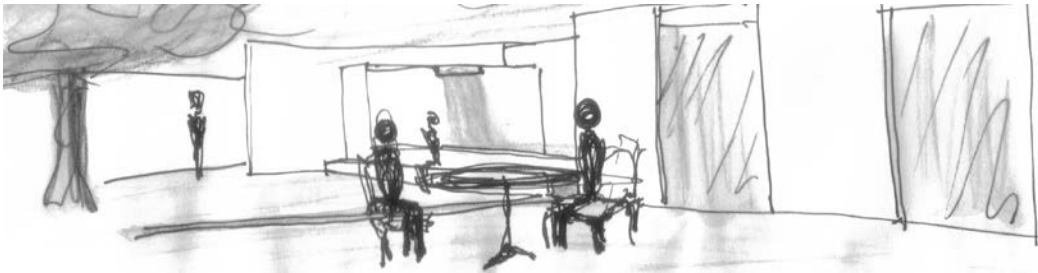
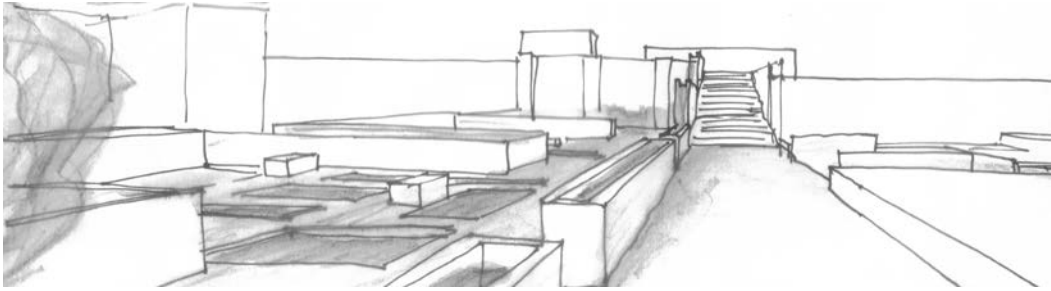


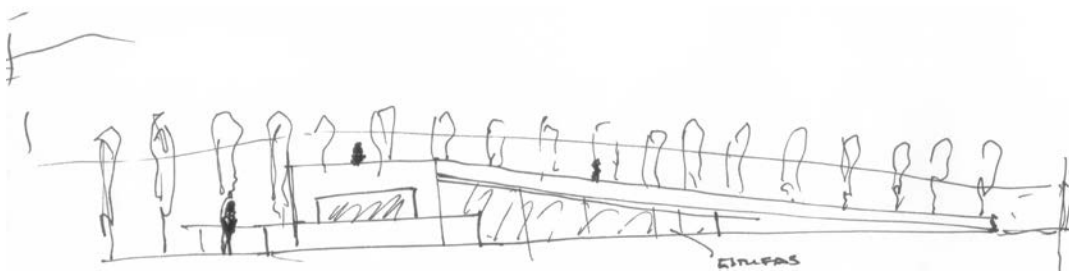
17)

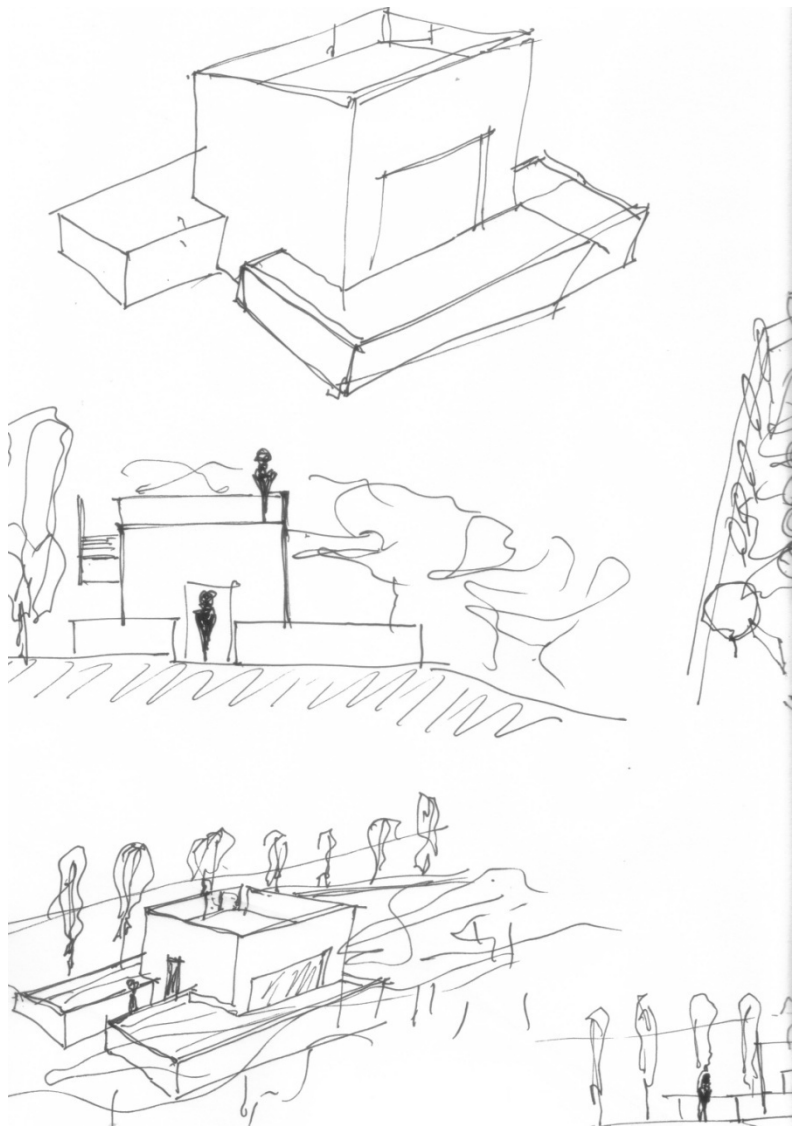


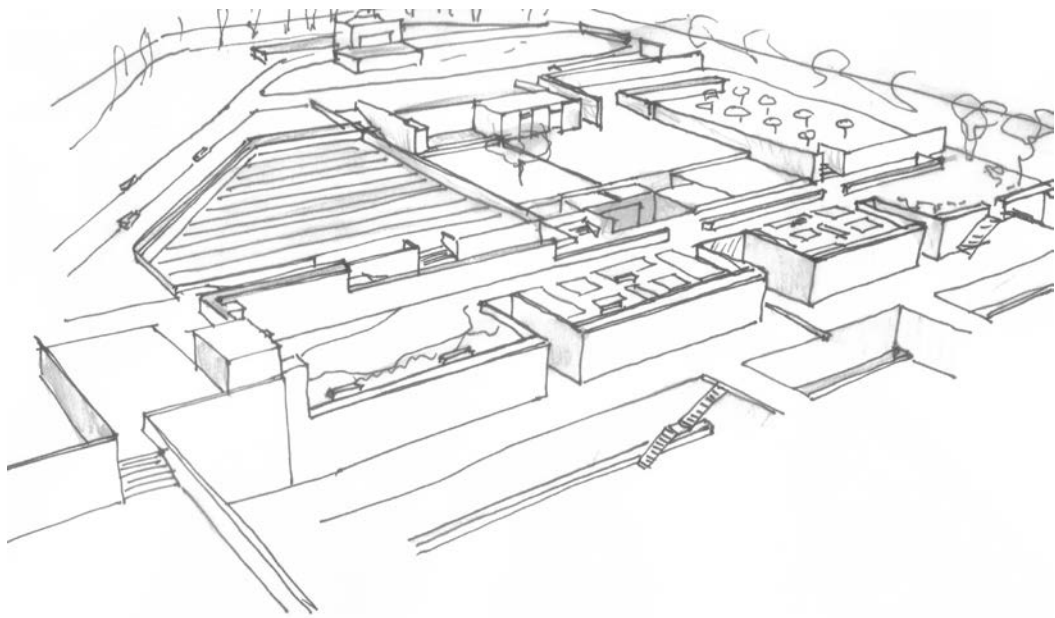












ARQUITECTADO (èt), *adj.* Planeado. Construído: *drama bem architectado.*
ARQUITECTAR (èt), *v. t.* Edificar: *architectar um templo.* *Fig.* Planear, idear: *architectar uma desforra.*
ARQUITECTO (èt), *s. m.* (gr. *arkhitekton*, lat. *architectu*). Aquele que exerce a arte de construir edifícios, *Fig.* O que planeia, o que fantasia.
ARQUITECTÓNICO (èt), *adj.* (gr. *arkhitektonikos*). Relativo à arquitectura: *concepções architectónicas.*
ARQUITECTURA (èt), *s. f.* (lat. *architectura*). Arte de construir edifícios. Contextura, planos, projecto.
ARQUITECTURAL (èt), *adj.* 2 *gén.* Relativo à arquitectura.

Arquitectar, *v. t.* Dirigir a architectura; edificar; (*fig.*) planear; projectar; idear.
Arquitecto (Lat. *architectu* < *árchi*, principal + *téktôn*, carpinteiro, pedreiro), *s. m.* O que faz a planta e dirige a construção de edifícios.
Arquitectónica (Gr. *árchi* + *tektoniké* a ar-

ARQUITECTÓNICO


15

te de carpinteiro ou de pedreiro), *adj.* Architectura.
Arquitectónico, *adj.* Relativo à architectura; de bela architectura.
Arquitectura (Lat. *architectura*), *s. f.* Arte de edificar ou de projectar e traçar planos; (*fig.*) plano, projecto.
Arquitectural, *adj.* Architectónico.
Arquitecturista, *s. m.* Pintor de monumentos de motivos architectónicos.


ALONG THE HIGHWAY YOU FIND 2 KINDS OF ARCHITECTURE:

① THE DECORATED SHED
 The modest building with the big sign
 the shelter with symbols over it

② THE DUCK
 the building is the sign



or



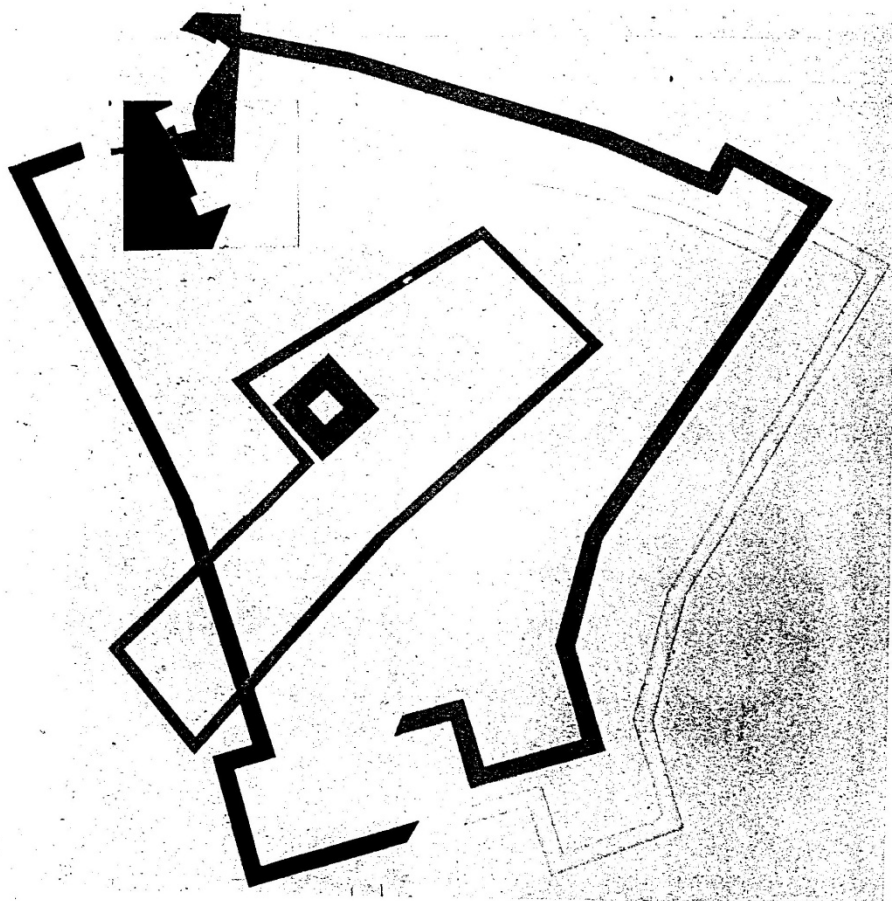
YES
 "Mixed media"
 Representational Art
 Symbolism of the Ordinary

NO
 "Pure architecture"
 Abstract Expressionism
 Symbolism of the Heroic

Both are valid historically: Chantres & Palazzo Rucellai are decorated sheds; Pantheon is a duck.
 But — we think the decorated shed is what is valid today: although architects are designing dead ducks.
 Our work is generally a study in the decorated shed: using the symbolism of the Ordinary over that of the heroic & original.

BORING ARCHITECTURE IS INTERESTING • ARCHITECTURE IS THE DECORATION OF SHELTER

Castillo de Romeo y Castillo de Julieta



the photograph, they are essential *absences*. Theories of 'the site' as present origin presume that the moving arrow and the still arrow are the same, they ignore the subtle but profound conditions of the presence of these absences.

The second aspect which confronted is the idea that the program in the architecture of the early twentieth century is a source of originary value. It was held that if the program was properly elaborated a good architecture would follow. The program for this project was to present the dominant recurring themes of the stories of Romeo and Juliet in an architectural form at the site of the two castles. One way to destabilise this program was to undercut its 'reality' - in this case, to create a fiction of a fiction. Whereas previously the program embodied the anthropocentric desire for an ideal of human

de presencia, origen y objeto estético en tres aspectos característicos del discurso arquitectónico: *situación*, *programa* y *representación*. El primer aspecto con el que se enfrentan es la noción de que la *situación* (emplazamiento, territorio) es una realidad que tan sólo contiene presencias. Privilegiar la *situación* como el contexto es reprimir otros contextos, es mantenerse fijo por las presencias del sitio/lugar, es creer que se trata de un todo permanente susceptible de ser conocido. Tal creencia como ya se ha dicho es hoy indefendible. Al tratar la *situación* no simplemente como un palimpsesto sobre el que escribir sino también como *cantera* que contiene las marcas tanto de su pasado como de un futuro inmanente, debe ser entendida como

orientamento né bagaglio culturale, ma sono estremamente dediti alle possibilità dell'architettura, così come accade in Italia e in Spagna.

Potrebbe consigliarci dei modelli?

I modelli sono Koolhaas, Gehry e Eisenman, poi ci sono molte donne che stanno emergendo a livello teoretico, come Sarah Whiting.

Esistono delle tendenze oggi nel fare architettura?

Ci sono essenzialmente tre tendenze.

La prima riguarda l'architettura come espressione dello spirito del momento. L'espressione della cultura di qualsiasi tempo. Per esempio nel Rinascimento Italiano si può notare la differenza tra il teocentrismo del periodo Gotico e l'antropocentrismo del periodo Umanista. Dal Barocco al Neoclassicismo, l'ascesa della società secolare e la nascita dei contromovimenti che mettevano in discussione le classiche regole di ordinamento dalle quali si è evoluto il Modernismo. Rem Koolhaas è il miglior esempio di

24

tutto ciò. Lui sta cercando di capire cos'è la cultura oggi e come può essere rappresentata, quali siano i flussi, le infrastrutture, le strategie globali. La seconda è la sensibilità estetica di un certo periodo storico. Come, per esempio, il cambiamento dal primo Raffaello a Giulio Romano, fino all'"Incendio di Borgo". I cambiamenti da Masaccio e Giotto a Michelangelo, Leonardo e quindi a Parmigianino. È sempre possibile caratterizzare la condizione della cultura sotto forma di sensibilità estetica. Oggi questa sensibilità è rappresentata da Frank Gehry.

La terza, non è ciò che l'architettura rappresenta o che incarna, ma ciò che è realmente. Qui si trova il mio lavoro. Non riguarda la cultura o la sensibilità estetica di un momento, infatti si occupa di astrarre dall'architettura ciò che è apparentemente represso dalla cultura. Tenta di prevalere sullo spirito del momento, è più una critica sperimentale, un lavoro che riguarda l'essenza del lavoro. È un punto di vista di critica interna, piuttosto che esterna. Il mio lavoro è sempre stato così, riguarda l'interiorità dell'architettura.

25

Quando ha capito che era necessario creare "nuove tensioni" in architettura? Che cosa l'ha portata a sperimentare in questo senso?

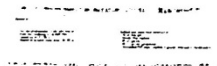
Fin dall'inizio ho capito intuitivamente che l'architettura era una tensione tra ciò che esiste e ciò che potrebbe esistere, o che è represso da ciò che appare evidente. Il mio lavoro si è sempre occupato di scoprire che ciò che noi assumiamo come naturale in architettura è puramente una serie di convenzioni che reprimono altre convenzioni.

Lei ha affermato: "non buttiamo via le cose che rigettiamo o che ci preoccupano o ci creano ansietà, cerchiamo di capire perché le vogliamo eliminare". Quali sono gli aspetti architettonici che lei rifiuta più categoricamente e perché?

Rifiuto le idee che sono facili, nostalgiche, kitsch, che guardano indietro e, in un certo senso, le cose che riguardano la materializzazione di un sistema, tipo le infrastrutture come simbolo. Tendo sempre a superare tutti quegli aspetti che hanno precedentemente legittimato l'architettura, tipo la fun-

26

Museo dell'Olocausto a Berlino, 1997



A CIDADE DOS CONVENTOS

À data da extinção das ordens religiosas masculinas (em 1834) e femininas (em 1861) foram inventariados, na cidade de Lisboa, um total de 89 conventos. Muitos deles são ainda perfeitamente reconhecíveis, pela sua imponência e por ocuparem localizações privilegiadas na cidade. Outros foram sendo de tal modo transformados pelas suas novas utilizações que já é difícil reconhecê-los como edifícios conventuais, veja-se o ilustre exemplo da própria Assembleia da República e do convento de São Bento da Saúde, que está na sua origem. As áreas cercadas que ocupavam, suficientemente grandes para permitir uma certa autossuficiência e manter as condições de clausura e recolhimento que caracterizava muitas das ordens religiosas, tiveram um impacto preponderante no desenvolvimento urbanístico da cidade, marcando o desenho de arruamentos e vias e ainda a criação de bairros. Este efeito, até hoje pouco conhecido, é o objeto do estudo Da cidade sacra à cidade laica. A extinção das ordens religiosas e as dinâmicas de transformação urbana na Lisboa do século XIX, fruto de uma colaboração entre a Câmara Municipal de Lisboa e várias entidades académicas e arquivísticas nacionais. Apresentamos uma seleção de exemplos, em que se sobrepõe a atual malha urbana à implantação inicial do convento, para melhor ilustrar este efeito. Quando estiver concluído, este projeto será uma valiosa ferramenta para o estudo e planeamento do desenvolvimento da cidade e do seu urbanismo e será disponibilizado através de um site criado para o efeito, designado por LX Conventos.

Reportagem **TOMÁS COLLARES PEREIRA**

PROJECTO FINANCIADO PELA FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA (PTDC/CPC-HAT/4703/2012).
INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES: FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS; CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA;
 DIREÇÃO-GERAL DO LIVRO, ARQUIVOS E BIBLIOTECAS; FUNDAÇÃO DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA.







⇒ Ordem das Clarissas - 2ª ordem franciscana

- oração e trabalho
- estilo de vida contemplativo, sendo encamurçados
- A vida das irmãs é um alternar no 'actio et contemplatio'

↓
Externa franciscana de São Boaventura

- visão sobre a cidade estava presente em todos os conventos

- A rua desempenha um papel importante:

- imp. em termos económicos
- Realiza a vocação das clarissas
- amara genuína por tudo o que merece
- comp. mistica
- constrangimento ligado aos trabalhos de exploração agrícola (armazenamento, estabulos...)

- convento tinha de ser auto-sustentável
- todo lúdico e produtivo
- hortas ajardinadas: têm um desporto
- pomar de copinho: só de utílimos
(espaciação das pomares de acordo
x c/a necessidade da igreja)
- casa fica atrás porque o sítio para
olhar é p/a frente, p/a cidade

- Igreja é um espaço de uso comunitário:

- os corpos são p/uso exclusivo das freiras
- espaço de partilha entre a comunidade do convento e o público
- o padre ~~vive~~ vive para missa e franciscano (procedente dos capuchos)

- S. do Capítulo é utilizada exclusivamente p/clarissas:

- onde toda a comunidade do convento se reúne para discussões de extrema importância para a vida do convento e p/atribuição de castigos

- * os castigos eram apresentados em público
- S. do capítulo em Santa Clara é pequeno - não devia haver muitas freiras

- Portaria principal era muito rica em decoração física (azulejo e pintura):

- recepção feita atrás das grades: contacto visual
- podg: colocação de oferendas, luminárias, crianças abandonadas
- existia em todos os conventos
- tinham três obrigações de acolher doentes, pedintes e crianças.

- Pontaria do ano onde entravam os instrumentos p/ trabalhar os corpos



- Claustros é um elemento de clausura muito importante:

- significa espaço fechado. Peristilo
- jardim no centro é uma criação romana
- o valor do perfume e a música: - água; - pinheiros; - vegetação
- água (fonte) é motivo arquitectónico em pedra que pode incorporar escultura - contemplação
- assegura a distribuição p/ espaços imp. no convento

- Refetório - é onde é feita a leitura porque não se trata de um convento de culto:

- normalmente tem um púlpito
- a antecâmara é um espaço muito importante porque é onde está o levatório para se levar as mãos.
- água com sentido de purificação.

- Celos: existe um cativeiro (come: fábula e/ história humana)

- não se chama cela porque este pressupõe algo + metáfora
- eram espaços bastante pequenos
- os objectos pessoais eram proibidos porque estavam relacionados com mundo mundano.
- só pessoas c/ nível social muito acima podiam ter alguma coisa
- as celas localizavam-se longe de tudo o resto, por vezes à volta do claustro.

- Porque as mulheres iam p/ conventos?

- fugia a casar contrariadas
- p/ a família não podia pagar o dote (compra-meido)
- no sc. XVIII as mulheres não eram seus q/ podiam ser autónomas
- ordem religiosa eram oportunidade de aprendizagem

→ Regras das Clarissas

- 1.ª - Santa Clara muito austera: 1.ª fase mendicante
(não podem ter bens - convento)
- 2.ª - em Portugal são exóten de 2.ª regra

→ 1612 Foi o lançamento da 1.ª pedra:

- ordens de clarissas, já partida pobre, logo os conventos não têm € p/obras
- estes sujeitos a doações
- obras até séc. XVII: sucessão de vários arquitectos adaptando ao seu próprio tempo.

→ Quem é esta Santa Clara?

- filha de Jesus, irmã de Nossa Senhora
- outra Santa que foi morte pelos turcos

→ Três na Igreja:



luz

p/detilhe e iluminação dos escaños

→ Música é algo muito importante (sacra):

- está ligada a todos os rituais das festas religiosas
- 'Oratória', séc. XVI é o antepassado da ópera
- no séc. XVIII começa a haver sacras oratórias nos portais dos conventos

→ Alimentação:

- Pão ('maravilhoso')
- Vegetais
- muito pouca carne

→ Transformação em Hospitais e Quarteis

- e também uma espécie de dançaria
- Homens tinham uniformes p/hierarquizar as pessoas
- o Estado retirou o apoio social que os conventos prestavam e não amargam substituto
- cerimonial p/o trabalho das freiras

→ Hospício no séc. XVIII quer dizer o local onde se vai buscar a instrução

→ Alberto Macbide: médico e combatente:

- . arquivo da sala do capitão
- . sentido humanista: preocupação com os doentes, viúvas, pobres, ...
- . curar a alma, curar corpo e mente

→ Boticários: recolhe e ~~trata~~ transforma de plantas: ervas aromáticas, ervas medicinais

→ Link: "Grande silêncio"; no dia de Clarissas:

- . refeições tomadas em silêncio
- . oração divina recitada e não cantada
- . Hábito: roupa folgada de fiado cinza, calças de corda de linho com 4 nós e sandálios de pano.

→ Os conventos de Lisboa

- . Dormitórios: 3 grandes largos, comprimento p/ 24 camas, comportavam 96

cota: AHMF, Cartórios dos conventos, Convento de Santa Marta, CX 150

Séc. XVII

Ofícios da freiras clarissas

1º Officio de Procuradeyra

"Pera Celerejiro, diz São Bento, se eleia hum Religioso ancido (?), serudo (?), discreto, prudente, bem acentunado (?), moderado no comer e beber, não soberbo, não descontos (?), não perguiçoso, não prodigo, temente (?) a Deos (...)"

"Pertence ao officio de Procuradeira ter dilligente cuidado de coprar (?) nos tempos acomodados, o azeite, lenha, ligumes, e todas as mas cousas (?) necessarias a que se costumai comprar. E assim tambem vender algúas cousas suporfluas e desnecessarias ao Convento, se descem vender.

Ao officio de Procuradeyra pertence mandar fazer fogo no inverno par as freiras se aguentarem, e mandar prover (?) do que for necessario pa ellas lavarem as cabeças e os peys nos tempos acomodados."

Officio das conselheiras, q chamamos madres de conselho

"Pera isto se elleião (?) freiras se as oumer (?) no convento que canhão (?) experiências dos negocios: sejam religiosas de autoridade (?), discretas, affeiçãoadas ao bem, e o tratam de espirito, e não sejam confiadas em seu entendimento."

(Dão ainda conselhos nas obras e são coordenadas pelas procuradeiras)

Officio da esmolos (?)

"Ao officio desta pertence ajudar (?) tudo o que sobrejar do comer das freias assi no refeitório como na enfermaria (...)"

Officio da Refeitoreira (?)

“ O officio de Refeitoreira se deve encarregar a fria (?) freira de coro (?) ou conversa (?) dilligente, limpa e concentrada para o fazer como convem.”

“A esta pertence aparelhar as mesas do refeitório mais limpam (?), tudo o que menos (?) necessario como toalhas, facas, colheres, guardanapos, sal e agoa em particulares cesos (?) para cada freira. (e pôr tudo de forma a que) as servidoras de mesa não tenham que trazer mais q os caldos e as rações da cozinha. Terá também cuidado de por no refeitório cadieyros acesos bastantes pa o aluminio quando soceder aver (?) o convento de cear ou conroar (?) de norte. E no inverno quando fizer grade frio (...) terá cuidado de trazer hum vaso com agoa quente e ir pollas mesas (...).”

“Ao officio de Refeitoreira convem ter icento do refeitório fria (?) /huna(?) cosinha com arcas e almarios em q tenha com (?) limpeza e concerto (?) goardadas as toalhas e mais cousas necessarias ao Refeitório. E essa q tambem possa guardar os queijos, fruytas, e outras cousas desta calidade que a Procuradeira lhe entregue pa por nas mesas ao tempo q ouvessem de comer as religiosas.

Officio da servideira de mesa

*Officio da Ledosa (?) de mesa
(a que lê antes das refeições)*

Officio de Correctora de mesa

Officio de Enfermeira

Officio das servidoras das enfermeiras

Officio da Cozinha

“Pera Cozinha se deve escolher algúa freira consesa (?) q saiba fazer de comer bem e limpar, e q seja diligente e fiel em goardar e aproveitar o que se lhe empregar (?) pa o comer do convento que seja pacifica, paciente, cortes, e que tenha forças basfortes (?) pa o trabalho. (...) Procure q a Procuradeyra tenha provida a cozinha de louça, vasos e mais cousas necessarias pa serviço della: e de lenha, sal, ortalça, e de tudo o q ordinario he necessario pa fazer o comer.”

"Ao officio da cozinheira compete a repartir e dar na jenella da cozinha os caldos e mais rações ao jantar e cea."

Officio de Vestiayra

Officio de Alfajata
(coser e cortar tecidos)

Officio de Capateyra
(remendar o calçado)

Officio de Mestre de Obras

Officio de Orteloal/Cerqueyra

"A este officio compete ter cuydado de tudo o que pertence às arvores, parreyras, ortaliça, boninas (?), poços e tanques do convento. (...) Mande plantar e semear rosas e outras boninas pa ornamento dos altares, e pa se poderem estilar (?) agoas pa cheyros da igreja. Procure aver(?) orta em q se semee o que for de mais proveito par a comunidade; que com tanto cuidado se cultive q sempre (?) conforme os tempos bastardos, ortaliças, abóboras, beringelas, pepinos e outras cousas que semeem pa os caldos e saladas da comunidade e pa o comer e mezinhas das enfermas. (...) Avendo capacidade de lugar na cerca entre a orta e arvores aja iardois (?), prados, ervas limpas e bem concertadas pa recreação dos doentes e ainda dos sãos."

Officio de Goarda do celeiro

A goada do celeiro pertence ter cuydado do trigo, cevada, milho e de tudo o mais desta qalidade.

História do jardim

A construção na década de 60, segundo projecto dos arquitectos portugueses António Viana Barreto e Gonçalo Ribeiro Telles, do jardim da Fundação Calouste Gulbenkian é um dos jardins mais emblemáticos do movimento moderno em Portugal e uma referência para a arquitectura paisagista portuguesa.

Se este tipo de desenho buscava uma geometria subtil que não imitasse copiosas influências em vez de eixos, caminhos e canchais, pode ser encontrado em outros parques americanos, dinamarqueses ou japoneses, na tradição paisagista japonesa, a utilização da vegetação e, aqui, notavelmente pioneira. A reprodução de padrões da cenografia da paisagem portuguesa, presente na esplanada, introdução e fruição de espécies vegetais, cria situações, "micropaisagens", que nos são familiares.

Esta forma de "ordenar" o jardim partiu das regras da paisagem, com a caracterização forte da escola de arquitectura paisagista portuguesa, com raízes na escola alemã, e que atingiu, neste jardim, o apogeu da sua expressão.

A propriedade agrícola nos sécs. XIII-XIX

O lugar onde hoje se localiza a Fundação Calouste Gulbenkian, no centro da cidade de Lisboa, por meados do século XVIII, uma das portas do castelo, denominada Quinto do Provedor dos Armazéns, e propriedade de Fernando Lopo, era uma quinta de recreio, como muitas que então existiam em localidades das principais cidades portuguesas, com edifícios, horta, pomar, horta, vinhas e campos de cereal.

Aos finais do século XVIII, que hoje identificamos como o jardim de Fernando Lopo, era visível nos mapas do século XIX. Era delimitada pela esplanada de Fernando Lopo, pela Esplanada de Rego, localizando-se no extremo da Esplanada de Fernando Lopo, na zona administrativa da cidade de Lisboa, constituída por edifícios, quintas de recreio que marcavam a transição entre o espaço urbano e a paisagem de sentido por montes, pomares, olivais, planícies de recreio, bordas de curvatura.

emissão de rádio

http://www.tsf.pt/Programas/programa.aspx?content_id=918670&audio_id=916444

O CONVENTO DA ARRABIDA

Quintas de recreio

DN

A QUINTA DE RECREIO

No universo do património paisagístico existente em Portugal destaca-se a Quinta de Recreio pelo número com que surge naquele universo mas, sobretudo, pelo papel que representa na nossa cultura. Nascida no contexto cultural renascentista, rapidamente absorve características da nossa forma de nos relacionarmos emocional e afectivamente com a paisagem. Por isso a consideramos um espaço onde a ideia de jardim na cultura portuguesa melhora se materializa e se sente. Infelizmente a sua localização, a proximidade de centros urbanos, o pouco ou nenhum reconhecimento do seu valor identitário têm contribuído, em muito, para o seu desaparecimento. A Quinta de Recreio é um todo organizado: mata, edifícios, horto de recreio, pomar/horta. É um lugar versátil, onde recreio e produção compartilham o mesmo espaço, invadindo-se mutuamente, estabelecendo relações formais e funcionais. São espaços bucólicos, onde, em áreas confinadas à produção, pontuam elementos arquitectónicos, escultóricos, que definem agradáveis locais de estada, em que sombra, luz, água, aromas e sons se conjugam para criar uma ambiência peculiar. Os locais de recreio são miradouros sobre as áreas de produção e colonizam infra-estruturas funcionais. Caleiras e tanques, revestidos de azulejos plenos de cor, são elementos de ligação e pólos aglutinadores, decorativos e refrescantes entre o recreio e a produção. Pérgolas, caramanchões e casas de regalo polarizados e reflectidos em taças de água, são a sombra de fonte de frescura onde, recatados das vistas no mais delicioso isolamento, se frui uma paisagem longínqua. Vegetação, água, luz e morfologia do relevo são os componentes fortes no desenho da Quinta de Recreio como o são em todos os jardins. Mas, em Portugal, a forma como estes elementos são ordenados, desenhados, determina o surgimento de um espaço onde o ócio e o negócio se conciliam criando um espaço com características únicas. Estes espaços revelam-se como a possibilidade da resolução de uma premência da contemporaneidade, pois eles conciliam aquilo que, hoje em dia, se considera inconciliável: o espaço do recreio e o espaço de produção. É um património que está a desaparecer e com ele perde-se um lugar de condensação do conhecimento de transformação da paisagem, pela localização, pelas técnicas, pelas práticas, pelo uso, pela inteligência com que se usava o solo, o vento, o sol, o lugar no desenho do jardim em Portugal. |

GULBENKIAN

Recreio de Quinta

Quinta de Recreio - 1970

CRONOLOGIA NOTÁVEL DA HISTÓRIA CONVENT DE LISBOA

- 1147. Lançada a primeira pedra no C. S. Vicente de Fora
- 1160. Os religiosos de Santo Agostinho entram no C. S. Vicente de Fora
- 1184. Por bula de Lúcio III, o C. S. Francisco da Cidade
- 1241. Lançada a primeira pedra no C. S. Domingos de Lisboa
- 1244. Reconstrução do templo do C. S. Francisco da Cidade
- 1284. Fundado o hospital de S. Paulo, S. Clemente e Santo Elói
- 1288. Nicolau IV autoriza a fundação de C. Santa Clara
- 1294. Fundação do C. da Trindade
- 1312. D. Dinis toma sob sua protecção o C. da Graça de Santo Agostinho
- 1387. Urbano VI autoriza a instituição do C. Carmo
- 1393. Começa o noviciado no C. Salvador
- 1394. O Condestável entrega o C. Carmo aos Carmelitas
- 1399. Fundação do C. São Domingos de Benfica
- 1442. Tomam conta do C. Santo Elói, a Congregação Vilar de Frades
- 1461. Fundação do C. S. Bento de Xabregas
- 1496. Fundação do C. N.ª S.ª de Belém (Jerónimos)
- 1509. Fundação do C. Madre de Deus
- 1515. Leão X autoriza a fundação do C. Anunciada das freiras de S. Domingos
- 1519. Entram no C. Anunciada as primeiras Dominicanas
Fundação do C. da Rosa
- 1527. Fundação do C. da Esperança
- 1531. Terramoto de Lisboa provoca estragos na cidade
Arruína-se o C. S. Domingos, que é depois reedificado
- 1538. Trocam os religiosos de S. Antão a morada com as Dominicanas da Anunciada.
- 1543. O recolhimento de onde saiu o C. Sant'Ana, dos Agostinhos, aloja-se no Castelo
- 1549. Fundação do C. N.ª S.ª da Luz
- 1553. Fundação do Colégio de Santo Antão-o-Velho
Fundação do C. São Roque
- 1556. É lançada a primeira pedra da nova igreja do C. Graça
- 1562. É inaugurado o C. de Sant'Ana
- 1570. É lançada a primeira pedra no C. Santo António dos Capuchos
- 1573. Começam os actos de culto no C. Beneditino à Estrela (N.ª S.ª da Estrela)
- 1578. Parte do Campo do Curral é destinado para o C. de Santo Antão-o-Novo
- 1579. Lançada a primeira pedra no C. Santo Antão-o-Novo
- 1580. Fundação do C. Santa Marta
- 1581. Primitiva morada dos Carmelitas Descalços no sítio do C. S. João de Deus
- 1582. Fundação do C. Flamengas (N.ª S.ª da Quietação)

1584. Inauguração do C. de Santo Alberto das Carmelitas Descalças
- Fundação do C. dos Catecúmenos
1586. Lançada a primeira pedra no C. das Mônicas
1591. Lançada a primeira pedra no C. do Desterro
1593. Jesuítas mudam do C. Santo Antão-o-Velho para o Novo
1594. Religiosos Agostinhos instalam-se em Santo Antão-o-Velho
1596. Religiosos Terceiros tomam posse do local do C. Jesus
1597. Lançada a primeira pedra no C. Penha de França
1598. Início da obra do C. S. Bento da Saúde
1603. Início da obra do Noviciado da Cotovia
1604. Ampliação e remodelação do C. de Chelas (S. Félix e Santo Adrião)
- Fundação do C. S. Patrício ou dos Hibernicos
1605. Conclusão da reconstrução da igreja de S. Vicente de Fora
1606. Lançada a primeira pedra no C. dos Remédios, a Santos
1607. Ampliado o C. Anunciada
1612. Reconstrução da igreja do C. Santa Marta
1613. Lançamento da primeira pedra da igreja do C. Santo Antão-o-Novo
1615. Lançada a primeira pedra no edifício dos Terceiros de Jesus
1616. Instalam-se as Dominicanas no C. do Sacramento
1617. Fundação do C. Calvário
1621. Fundação do C. S. Pedro e S. Paulo (Inglesinhos)
1625. Inauguração da nova igreja do C. Penha de França
- Fundação do C. S. João de Deus
1630. Fundação do C. da Encarnação
1633. Instalam-se os Dominicanos no Pátio das Comédias, às Fangas da Farinha
- Fundação do C. N.º S.ª Boa-Hora
- Fundação do C. N.º S.ª Porta do Céu
1636. Fundação do C. N.º S.ª do Bom Sucesso
1640. Fundação do C. Santo António da Convalescença (Benfica)
1642. Fundação do C. Santa Teresa de Jesus (Carnide)
1645. Início da fundação do C. dos Eremitas da Serra de Ossa
1646. Início do hospício do C. da Esperança
- Paulistas instalam-se na Calçada do Combro
1648. Início do C. do Sacramento
- Fundação do C. Corpus Christi
1650. Arde o primitivo C. das Brígidas
1653. Início do C. dos Caetanos
1654. Começo do C. dos Paulistas
1655. Início da clausura no C. Bernardas
1657. Fundação do C. Trinas do Mocambo (N.º S.ª da Soledade)
1659. Instalam-se os Dominicanos irlandeses no C. Corpo Santo
1660. Fundação do C. N.º S.ª da Conceição de Marvila
1661. Instalam-se os Carmelitas Descalços no C. Sacramento
1666. Chegam as primeiras Francesinhas
- Fundação do C. Grilos (Monte Olivete)
1667. Lançada a primeira pedra do C. Francesinhas
1670. Incêndio no C. da Rosa
1674. Instalam-se os Oratorianos no C. do Espírito Santo da Pedreira
- Início do C. da Boa-Hora dos Agostinhos Descalços
1679. Fundação do C. N.º S.ª do Livramento
1681. Início das obras do C. S. Pedro de Alcântara
- Fundação do C. S. João da Cruz (Carnide)
- Início da clausura no C. Conceição dos Cardais

1686. Mudam-se as Comendadeiras de Santos para o novo convento
1689. Alojiam-se os Barbadinhos Italianos no C. de Santos-o-Velho
1694. Fundação do C. N.º S.ª da Conceição (Carnide)
1699. Primeira pedra no C. Santa Joana
1706. Fundação do C. N.º S.ª da Conceição de Arroios
1707. Incêndio da clausura no C. Santa Apolónia, por Clemente XI
1711. Construção da igreja do Menino de Deus
1714. Início da clausura no C. Santa Apolónia, por Clemente XI
1719. Fundação do C. S. Francisco de Paula
1721. Início da clausura no C. Trinas do Rato
1736. Fundação do C. Senhor Jesus da Boa Morte
1737. Fundação do C. S. João Nepomuceno
1738. Fundação do C. Barbadinhos Italianos
1743. Fundação do C. N.º S.ª das Necessidades
1749. Fundação do C. Santa Rita de Cássia
1755. Terramoto de Lisboa destruiu a quase totalidade dos conventos da capital, mais o incêndio que se lhe seguiu.
1759. Início do Hospital Real de S. José no C. Santo Antão-o-Novo, em substituição do Hospital de Todos-os-Santos destruído com o terramoto
1775. Fundação do C. S. Camilo
1781. Conclusão das obras do C. Coração de Jesus anexo à Basílica da Estrela
1834. Abolição das Ordens Religiosas pelas reformas do Liberalismo, com extinção dos conventos e expropriação dos seus bens a favor do Estado. Apenas se mantiveram os conventos de Freiras até à morte da última religiosa.
1901. A Reforma na Saúde leva à transformação de várias instituições conventuais em hospitais, anexos ao Hospital de S. José: conv. Desterro, Arroios, Santa Marta, Santo António dos Capuchos, S. Vicente de Paula (a Rilhafoles) e o recolhimento das Servitas de N.º S.ª das Dores (ao Rego)
1910. A implantação da República leva à manutenção dos arrolamentos dos bens das Congregações e à sua transferência para o Estado, e a uma tentativa de laicização da vida pública
1933. A Nova Constituição Política consagra o papel da Religião e da Igreja na vida nacional



CONVENTO - TIPO

- 1 IGREJA
- 2 CORO BAIXO
- 3 SACRISTIA
- 4 JARDIM
- 5 CASA DA RODA
- 6 REFEITORIO
- 7 COZINHA
- 8 CASA DO CAPÍTULO
- 9 CLAUSTRO GRANDE
- 10 CLAUSTRO PEQUENO
- 11 CORO ALTO
- 12 CASA DO MIRANTE

